

COLECCÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

LUÍS DE CAMÕES
OBRAS
COMPLETAS

COM PREFÁCIO
E NOTAS DO PROF.
HERNÂNI CIDADE.

VOLUME V
OS LUSIADAS (II)



LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORIA LISBOA

**OBRAS COMPLETAS
DE
LUÍS DE CAMÕES**

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Autores portuguezes

Autores estrangeiros

A' venda :

- SA DE MIRANDA — Obras completas, 2 volumes
FRANCISCO MANUEL DE MELO — Cartas Familiares, *selecção*
JOAO DE BARROS — Panegíricos
TOMAS A. GONZAGA — Marília de Dirceu e mais poesias
DESCARTES — Discurso do método, Tratado das paixões da alma
DIOGO DO COUTO — O soldado práctico
FREI LUIS DE SOUSA — Anais de D. João III, 2 volumes
HOMERO — Odissêa, 2 volumes
FREI ANTONIO DAS CHAGAS — Cartas Espirituais, *selecção*.
M.^{me} DE SÉVIGNE — Cartas Escolhidas
ANTONIO FERREIRA — Poemas Lusitanos, 2 volumes
HEITOR PINTO — Imagem da Vida Cristã, 4 volumes
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Inéditos, *selecção*
FILINTO ELÍSIO — Poesias, *selecção*
LA BRUYERE — Os Caracteres
AFONSO DE ALBUQUERQUE — Cartas, *Selecção*
FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA — Cartas, *selecção*
GIL VICENTE — Obras Completas, 6 volumes
BOCAGE — Poesias, *selecção*
AMADOR ARRAIS — Diálogos
HOMERO — Ilíada, 3 volumes
JOSÉ DA CUNHA BROCHADO — Cartas, *selecção*
DIOGO DE PAIVA DE ANDRADA — Casamento Perfeito
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Corte na Aldeia
JOAO DE BARROS — Décadas, *selecção*, 4 volumes
DIOGO BERNARDES — Obras Completas, 3 volumes
CANCIONEIRO DA AJUDA, vol. I
CAMÕES — Obras Completas, 5 volumes
FREI LUIS DE SOUSA — Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, volumes I e II.
DIOGO DO COUTO — Décadas, *selecção*, 2 volumes

A seguir:

- FREI LUIS DE SOUSA — Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, volume III.
CANCIONEIRO DA AJUDA, vol. II

Cada volume 20\$00 — Tiragem especial 90\$00

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SA DA COSTA



Luís de Camões
OBRAS COMPLETAS

com prefácio e notas do
prof. **Hernani Cidade**



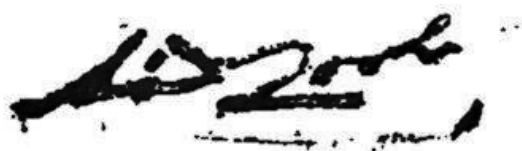
VOLUME V
OS LUSÍADAS
(Cantos VI a X)



LIVRARIA SA DA COSTA — EDITORA
Rua Garrett, 100-102 LISBOA

*Desta obra tiraram-se 100 exemplares
em papel Leorne, da Companhia do
Papel do Prado, numerados e rubricados.*

*Todos os exemplares são autenticados
com a rubrica do editor.*



PROPRIEDADE DA

LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA

————— 1947 —————

Composto e impresso na casa
BERTRAND (IRMAOS), L.^{da}
Travessa Condessa do Rio, 27
————— LISBOA —————

CANTO VI.

I

Não sabia em que modo festejasse
O rei pagão os fortes navegantes,
Pera que as amizades alcançasse
Do rei cristão das gentes tão possantes.
5 Pesa-lhe que tão longe o apousentasse
Das europeias terras abundantes
A ventura, que não no fez vizinho
Donde Hércules ao mar abriu o caminho.

II

Com jogos, danças e outras alegrias,
10 A segundo a polícia melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia António alegre e engana,
Este famoso rei todos os dias
Festeja a companhia lusitana,
15 Com banquetes, manjares desusados,
Com frutas, aves, carnes e pescados.

2. *Pagão* equivale, na linguagem do tempo, a *não cristão*. Assim se explica se desse tal epíteto a um rei maometano.

5. *Apousentasse* equivale a *situasse*.

8. *Hércules*, segundo a Mitologia, separou os dois montes Calpe e Ábila, e assim se formou o Estreito de Gibraltar, que do Mediterrâneo abre caminho para o Oceano.

10. *A segundo* é, na sintaxe do tempo, o mesmo que *segundo*. *Polícia* significa *disciplina social, civilização, urbanidade*.

12. *A Lageia* é Cleópatra, filha do macedónio Lago, fundador da dinastia que nela termina, *Vid.* 141, III.

III

Mas vendo o capitão que se detinha
Já mais do que devia, e o fresco vento
O convida que parta e tome asinha
Os pilotos da terra e mantimento,
5 Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito pera cortar do salso argento.
Já do pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

IV

Pede-lhe mais que aquele porto seja
10 Sempre com suas frotas visitado,
Que nenhum outro bem maior deseja
Que dar a tais barões seu Reino e estado;
E que, enquanto seu corpo o espirito reja,
Estará de contino aparelhado
15 A pôr a vida e Reino totalmente
Por tão bom rei, por tão sublime gente.

V

Outras palavras tais lhe respondia
O capitão, e logo, as velas dando,
Pera as terras da Aurora se partia,
20 Que tanto tempo há já que vai buscando.

3. *Asinha* = rapidamente.

6. O *salso* (salgado) *argento* (cor de prata) é o mar.

No piloto que leva não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa; e assi caminha
Já mais seguro do que dantes vinha.

VI

5 As ondas navegavam do Oriente,
Já nos mares da Índia, e enxergavam
Os tálamos do Sol, que nace ardente;
Já quase seus desejos se acabavam;
Mas o mau de Tioneu, que na alma sente
10 As venturas que então se aparelhavam
À gente lusitana, delas dina,
Arde, morre, blasfema e desatina.

VII

Via estar todo o Céu determinado
De fazer de Lisboa nova Roma;
15 Não no pode estorvar, que destinado
Está doutro poder que tudo doma.
Do Olimpo dece, enfim, desesperado;
Novo remédio em terra busca e toma:
Entra no húmido Reino e vai-se à corte
20 Daquele a quem o mar caiu em sorte.

7. *Tálamos do Sol*=o leito onde nasce o Sol, o Oriente.

8. ... *se acabavam*=se levavam ao cabo, à realização.

9. *Tioneu* é Baco. Vid. 12, II.

VIII

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas saem furibundas,
Quando às iras do vento o mar responde,
5 Neptuno mora, e moram as jocundas
Nereidas e outros deuses do mar, onde
As águas campo deixam às cidades
Que habitam estas húmidas deidades.

IX

Descobre o fundo nunca descoberto
10 As areias ali de prata fina;
Torres altas se vêem, no campo aberto,
De transparente massa cristalina;
Quanto se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
15 Se é cristal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro e radiante.

X

As portas de ouro fino, e marchetadas
Do rico aljófar que nas conchas nace,
De escultura fermosa estão lavradas,
20 Na qual do irado Baco a vista pace:

6. *Vid.* 20, II.

E vê primeiro, em cores variadas,
Do velho Caos a tão confusa face;
Vêem-se os quatro Elementos trasladados,
Em diversos officios occupados.

XI

5 Ali sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhũa matéria se sustinha;
Daqui as cousas vivas sempre anima,
Depois que Prometeu furtado o tinha.
Logo após ele, leve se sublima
10 O invisibil Ar, que mais asinha
Tomou lugar e, nem por quente ou frio,
Algun deixa no Mundo estar vazio.

2. *Caos* era a matéria confusa que na formação do mundo foi ordenada no *Cosmos*.

5. Os *quatro Elementos* são o *Fogo*, o *Ar*, a *Água* e a *Terra*. A eles se referem as duas estrofes seguintes.

6. O *Fogo* é *sublime* ou seja elevado acima dos outros elementos, e *não se sustem em nenhuma matéria*, porque se supunha imponderável, não necessitando de base de sustentação.

8. Sobre *Prometeu* veja-se 103, IV.

9. *Se sublima* = *eleva-se*. Veja-se nota acima.

12. Na Física do tempo cria-se que a Natureza tinha o horror ao *vácuo*.

XII

Estava a terra em montes revestida
De verdes ervas e árvores floridas,
Dando pasto diverso e dando vida
As alimárias nela produzidas.

- 5 A clara forma ali estava esculpida
Das Águas entre a Terra desparzidas,
De pescados criando vários modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

XIII

- Noutra parte, esculpida estava a guerra
10 Que tiveram os Deuses co'os Gigantes:
Está Tifeu debaixo da alta serra
De Etna, que as flamas lança crepitantes.
Esculpido se vê, ferindo a terra,
Neptuno, quando as gentes, ignorantes,
15 Dele o cavalo houveram, e a primeira,
De Minerva, pacífica oliveira.

7. *Modos* = formas ou espécies de peixes.

10. *Vid.* 112, II.

11. *Tifeu* é um dos gigantes a que se alude no verso anterior. Ficou soterrado sob o Etna, vulcão da Sicília.

15. *Vid.* 51, III.

XIV

Pouca tardança faz Lieu irado
Na vista destas cousas, mas entrando
Nos paços de Neptuno, que avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando,
5 As portas o recebe, acompanhado
Das Ninfas, que se estão maravilhando
De ver que, cometendo tal caminho,
Entre no Reino da água o rei do vinho.

XV

— «Ó Neptuno — lhe disse —, não te espantes
10 De Baco nos teus Reinos receberes,
Porque também co'os grandes e possantes
Mostra a Fortuna injusta seus poderes.
Manda chamar os Deuses do Mar, antes
Que fale mais, se ouvir-me o mais quiseres;
15 Verão da desventura grandes modos:
Ouçam todos o mal que toca a todos!»

1. *Vid.* 49, I.

5. Há aqui salto de sujeito: «...mas entrando (Baco) nos paços de Neptuno [...] às portas (Neptuno) o recebe...».

XVI

Julgando já Neptuno que seria
Estranho caso aquele, logo manda
Tritão que chame os Deuses da água fria,
Que o mar habitam de ãa e de outra banda.
5 Tritão, que de ser filho se gloria
Do rei e de Salácia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai e seu correio.

XVII

Os cabelos da barba e os que decem
10 Da cabeça nos ombros, todos eram
Uns limos prenhes de água, e bem parecem
Que nunca brando pentem conheceram;
Nas pontas pendurados não falecem
Os negros mixilhões, que ali se geram.
15 Na cabeça, por gorra, tinha posta
Õa mui grande casca de lagosta.

XVIII

O corpo nu, e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porém, de pequenos animais
20 Do mar, todos cobertos, cento e cento:

5. *Tritão* era filho de *Neptuno* e de *Anfitrite*, que entre os Romanos se identificava com *Salácia*. Ovídio descreve-o nas *Metamorfoses*, e o seu retrato por Camões é feito sobre tal descrição.

Camarões e cangrejos, e outros mais
Que recebem de Febe crescimento,
Ostras e birbigões, do musgo sujos,
Às costas co'a casca os caramujos.

XIX

5 Na mão a grande concha retorcida
Que trazia, com força já tocava;
A voz grande, canora, foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava;
Já toda a companhia, apercebida,
10 Dos Deuses pera os paços caminhava
Do Deus que fez os muros de Dardânia,
Destruídos depois da grega insânia.

XX

Vinha o padre Oceano, acompanhado
Dos filhos e das filhas que gèrara;
15 Vem Nereu, que com Dóris foi casado,
Que todo o mar de Ninfas povoara;

2. *Febe* é a *Lua*, a cuja influência a Antiguidade atribuía o crescimento dos mariscos.

3. Na 1.^a ed. ocorre *camarões*, mas deve ser engano, pois já deles se fala no 1.^o verso. Foi a ed. de 1613 que substituiu a palavra por *birbigões*. Também na 1.^a edição está *musco*, em vez de *musgo*, como depois foi corrigido.

5-6. A ordem é: *A grande concha [...] que trazia na mão...*

11. *Dardânia* = *Troia*. Vid. 57, III.

12. *Insânia* significa aqui o mesmo que *sanha*, palavra que tem naquela o seu étimo.

13. O *padre Oceano* é deus marinho, pai dos rios e das fontes.

15. Sobre *Nereu*. Vid. 96, I.

O profeta Proteu, deixando o gado
Marítimo pacer pela água amara,
Ali veio também, mas já sabia
O que o padre Lieu no mar queria.

XXI

5 Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Celo e Vesta filha,
Grave e leda no gesto, e tão fermosa
Que se amansava o mar, de maravilha;
Vestida ãa camisa preciosa
10 Trazia, de delgada beatilha,
Que o corpo cristalino deixa ver-se,
Que tanto bem não é pera esconder-se.

XXII

Anfitrite, fermosa como as flores,
Neste caso não quis que falecesse;
15 O delfim traz consigo que aos amores
Do rei lhe aconselhou que obedecesse.

1. *Proteu* era deus marinho, com o dom de adivinhar. *Vid.* 19, I.

5-6. O Poeta refere-se a *Tétis*, filha do Céu (*Celo*) e da Terra, que foi identificada com *Vesta*.

13-14. *Anfitrite* furtou-se primeiro à requesta amorosa de *Neptuno*, mas foi persuadida a ceder-lhe pelo delfim do deus. *Não quis que falecesse* = *não quis faltar*.

Co'os olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá que o Sol vencesse.
Ambas vêm pela mão, igual partido,
Pois ambas são esposas dum marido.

XXIII

5 Aquela que, das fúrias de Atamante
Fugindo, veio a ter divino estado,
Consigo traz o filho, belo infante,
No número dos Deuses relatado;
Pela praia brincando vem diante
10 Com as lindas conchinhas que o salgado
Mar sempre cria, e às vezes pela areia
No colo o toma a bela Panopeia.

2. O sentido é: *Qualquer delas (Anfitrite e Tétis) dará a impressão que com o brilho dos olhos vence o brilho do Sol.*

5. *Atamante*, tendo perdido a razão por obra de *Juno*, matou o filho *Learco*, e a mãe, *Ino*, fugindo com o que lhe restava, *Melicerta*, à fúria do louco, lançou-se no mar. *Neptuno*, a pedido de *Vénus*, converteu mãe e filho em divindades marinhas.

12. *Panopeia* era uma das *Nereidas*.

XXIV

E o Deus que foi num tempo corpo humano,
 E por virtude da erva poderosa
 Foi convertido em pexe, e deste dano
 Lhe resultou deidade gloriosa,
 5 Inda vinha chorando o feio engano
 Que Circe tinha usado co'a fermosa
 Scila, que ele ama, desta sendo amado,
 Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV

Já finalmente todos assentados
 10 Na grande sala, nobre e divinal,
 As Deusas em riquíssimos estrados,
 Os Deuses em cadeiras de cristal,
 Foram todos do Padre agasalhados,
 Que co'o Tebano tinha assento igual;
 15 De fumos enche a casa a rica massa
 Que no mar nace e Arábia em cheiro passa.

1-8. O Poeta refere-se a *Glauco*. Era pastor na Beócia e, pela virtude mágica de certa erva que comeu, lançou-se ao mar e foi convertido em deus marinho (*deidade* = *divindade*). Enamorado de *Scila*, pediu a *Circe* (e não a *Circes*, como vem na 1.^a ed.) que por seu mágico poder fizesse que ela correspondesse ao seu amor. A feiticeira, porém, apaixonada por ele, e não podendo atraí-lo, transformou *Scila* em monstro horrível.

14. *Tebano* = *Baco* (I, 73).

15-16. *A rica massa que no mar nasce* é o âmbar cinzento, cuja massa aparece flutuando sobre certos mares e que excede em cheiro o incenso da Arábia.

XXVI

Estando sossegado já o tumulto
Dos Deuses e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito oculto
A causa o Tioneu de seus tormentos.
5 Um pouco carregando-se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de Luso triste morte
Co'o ferro alheio, fala desta sorte:

XXVII

— «Príncipe, que de juro senhoreias,
10 De um pólo ao outro pólo, o mar irado,
Tu, que as gentes da Terra toda enfreias,
Que não passem o termo limitado;
E tu, padre Oceano, que rodeias
O mundo universal e o tens cercado,
15 E com justo decreto assi permites
Que dentro vivam só de seus limites;

4. Sobre Tioneu veja-se 12, II.

8. Co'o ferro alheio = por obra de outrem.

9. De juro = com direito.

13-14. Frequentemente se toma na literatura antiga a Terra como ilha envolvida pela vastidão muito maior das águas.

XXVIII

«E vós, Deuses do mar, que não sofreis
Injúria algũa em vosso Reino grande,
Que com castigo igual vos não vingueis
De quem quer que por ele corra e ande:
5 Que descuido foi este em que viveis?
Quem pode ser que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos, fracos e atrevidos?

XXIX

«Vistes que, com grandíssima ousadia,
10 Foram já cometer o Céu supremo;
Vistes aquela insana fantasia
De tentarem o mar com vela e remo;
Vistes, e ainda vemos cada dia
Soberbas e insolências tais, que temo
15 Que do Mar e do Céu, em poucos anos,
Venham Deuses a ser, e nós humanos.

3. *Igual = proporcionado.*
8. *Fracos e, apesar disso, atrevidos.*
9-10. O Poeta refere-se ao mito de *Dédalo*. (104. IV).
12. *Vid. 83, IV.*

XXX

«Vedes agora a fraca geração
Que de um vassalo meu o nome toma,
Com soberbo e altivo coração
A vós e a mi e o Mundo todo doma.
5 Vedes, o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma;
Vedes, o vosso Reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.

XXXI

«Eu vi que contra os Mínias, que primeiro
10 No vosso Reino este caminho abriram,
Bóreas injuriado e o companheiro
Áquilo e os outros todos resistiram.
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injúria assi sentiram,
15 Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperais? Porque a pondez em tardança?

2. Vid. 21, III.

9. Vid. 83, IV.

11. Éolo, a pedido de Bóreas, desencadeara uma grande tormenta contra os *argonautas*, segundo o poema de Valério Flaco — *Argonautæ*, I, 574-654. Bóreas é o nome grego e Áquilo o nome latino do vento nordeste.

XXXII

«E não consinto, Deuses, que cuideis
Que por amor de vós do Céu deci,
Nem da mágoa da injúria que sofreis,
Mas da que se me faz também a mi:
5 Que aquelas grandes honras, que sabeis
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.

XXXIII

«Que o grão Senhor e Fados, que destinam,
10 Como lhe bem parece, o baxo Mundo,
Famas, mores que nunca, determinam
De dar a estes barões no mar profundo.
Aqui vereis, ó Deuses, como ensinam
O mal também a Deuses; que, a segundo
15 Se vê, ninguém já tem menos valia
Que quem com mais razão valer devia.

10. O *baxo Mundo* é a Terra.

XXXIV

«E por isso do Olimpo já fugi,
Buscando algum remédio a meus pesares,
Por ver o preço, que no Céu perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares.»
5 Mais quis dizer, e não passou daqui,
Porque as lágrimas já, correndo a pares,
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se acendem as Deidades da água em fogo.

XXXV

A ira, com que, súbito, alterado
10 O coração dos Deuses foi num ponto,
Não sofreu mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto.
Ao grande Eolo mandam já recado,
Da parte de Neptuno, que sem conto
15 Solte as fúrias dos ventos repugnantes,
Que não haja no mar mais navegantes.

8. O Poeta joga com as palavras *água* e *fogo*, como jogou no v. 8 de 14, VI, com palavra *água* e *vinho*.

15. *Repugnantes* = de direcções opostas e assim lutando uns contra os outros.

XXXVI

Bem quisera primeiro ali Proteu
Dizer neste negócio o que sentia;
E, segundo o que a todos pareceu,
Era alguma profunda profecia;
5 Porém tanto tumulto se moveu,
Súbito, na divina companhia,
Que Tétis indignada lhe bradou:
— «Neptuno sabe bem o que mandou!»

XXXVII

Já lá o soberbo Hipótades soltava
10 Do cárcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os varões audaces e animosos.
Súbito, o céu sereno se obumbrava,
Que os ventos, mais que nunca impetuosos,
15 Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes e casas derribando.

1. Proteu tinha a faculdade de prever o futuro.

9. Hipótades está por Éolo, neto de Hipotes.
Lá o contraíam-se numa única sílaba.

XXXVIII

Enquanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda, lassa frota
Com vento sossegado prosseguia
Pelo tranquilo mar a longa rota.
5 Era no tempo quando a luz do dia
Do eoo hemispério está remota;
Os do quarto da prima se deitavam,
Pera o segundo os outros despertavam.

XXXIX

Vencidos vêm do sono e mal despertos;
10 Bocijando, a miúdo se encostavam
Pelas antenas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares que assopravam;
Os olhos, contra seu querer abertos,
Mas estregando, os membros estiravam.
15 Remédios contra o sono buscar querem:
Histórias contam, casos mil referem.

6. *Do eoo hemispério* = Do hemisfério oriental
(*Eoo* é palavra grega que significa oriental. Sobre *hemis-
pério* veja-se pág. 229, note a 14, do 1.º vol. do poema.

7. Quarto de prima é o 1.º, que começa quando a
hora de prima — à meia noite.

14. *Estregando* = *esfregando*. É forma também
usada em castelhano. O complemento directo deste verbo
é para alguns os *membros*, mas sem razão. O sentido é que
os marinheiros mantinham, esfregando-os, os olhos abertos
contra as exigências do sono.

XL

- «Com que melhor podemos — um dizia —
Este tempo passar, que é tão pesado,
Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o sono carregado?»
5 Responde Lionardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado:
— «Que contos poderemos ter melhores,
Pera passar o tempo, que de amores?»

XLI

- «Não é — disse Veloso — cousa justa
10 Tratar branduras em tanta aspereza,
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não sofre amores nem delicadeza;
Antes de guerra férvida e robusta
A nossa história seja, pois dureza
15 Nossa vida há-de ser, segundo entendo,
Que o trabalho por vir mo está dizendo».

XLII

- Consentem nisto todos, e encomendam
A Veloso que conte isto que aprova.
— «Contarei — disse — , sem que me reprimam
20 De contar cousa fabulosa ou nova;

19. *Reprimam*, como *repressão* são formas tão regulares como as do verbo *prender* ou *aprender*; em todas se deu a contracção dos *es* do verbo latino *prehendere* e seus compostos ou derivados.

E por que os que me ouvirem daqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nacidos direi na nossa terra,
E estes sejam os Doze de Inglaterra.

XLIII

5 No tempo que do Reino a rédea leve
João, filho de Pedro, moderava,
Depois que sossegado e livre o teve
Do vizinho poder que o molestava,
Lá na grande Inglaterra, que da neve
10 Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erínis dura e má cizânia,
Que lustre fosse a nossa Lusitânia.

XLIV

Entre as damas gentis da corte inglesa
E nobres cortesãos, acaso um dia
15 Se levantou discórdia em ira acesa
(Ou foi opinião, ou foi porfia).
Os cortesãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão que honras e famas
20 Em tais damas não há pera ser damas;

1. A sílaba final de *daqui* funde-se, na contagem métrica, com a primeira de *aprendam*.

11. *Erínis* é uma das fúrias. O Poeta confundiu com *Éris*, deusa da discórdia.

16. Camões opõe *opinião* — juízo razoável e fundamentado — a *porfia*, no sentido de *obstinação teimosa*.

XLV

E que, se houver alguém, com lança e espada,
Que queira sustentar a parte sua,
Que eles, em campo raso ou estacada,
Lhe darão feia infâmia ou morte crua.
5 A feminil fraqueza, pouco usada,
Ou nunca, a opróbrios tais, vendo-se nua
De forças naturais convenientes,
Socorro pede a amigos e parentes.

XLVI

Mas como fossem grandes e possantes
10 No Reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes nem férvidos amantes
A sustentar as damas, como devem.
Com lágrimas fermosas, e bastantes
A fazer que em socorro os Deuses levem
15 De todo o Céu, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao Duque de Alencastro.

3. *Que* repete a conjunção integrante do 1.º verso, como mais de uma vez sucede na sintaxe do tempo.

13-15. A expressão *Com lágrimas fermosas* completa-se com [*deslisando*] *por rostos de alabastro...*

XLVII

Era este inglês potente, e militara
Co'os Portugueses já contra Castela,
Onde as forças magnânicas provara
Dos companheiros, e benigna estrela;
5 Não menos nesta terra experimentara
Namorados afeitos, quando nela
A filha viu, que tanto o peito doma
Do forte rei, que por mulher a toma.

1-8. O Duque de Lencastre, João de Gaunt, filho do rei Eduardo III, de Inglaterra, era casado em segundas núpcias com D. Constança, filha de Pedro I, de Castela. Pela morte deste por Henrique de Transtâmara, pretendeu o trono do sogro e aliou-se para tal efeito com D. João I de Portugal. Foi no ajuste de tal aliança que se pactuou o casamento do rei português com D. Filipa, filha do primeiro matrimónio do duque; e foi na entrada dos dois exércitos aliados em Castela que o homónimo castelhano do rei de Portugal propôs, como condição de paz, o casamento de seu filho com outra filha do segundo casamento do duque — D. Catarina. O Duque de Lencastre conhecia, pois, por experiência, ao mesmo tempo que a bravura e a sorte das armas, a emotividade amorosa (os *namorados afeitos* ou *afectos*) pela qual o *forte rei* D. João I foi levado a *tomar-lhe por mulher* a filha D. Filipa.

XLVIII

Este, que socorrer-lhe não queria
Por não causar discórdias intestinas,
Lhe diz: — «Quando o direito pretendia
Do Reino lá das terras iberinas,
5 Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor e partes tão divinas,
Que eles sós poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

XLIX

«E se, agravadas damas, sois servidas,
10 Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que, por cartas discretas e polidas,
De vosso agravo os façam sabedores;
Também por vossa parte encarecidas
Com palavras de afagos e de amores
15 Lhe sejam vossas lágrimas, que eu creio
Que ali tereis socorro e forte esteio.»

L

Dest'arte as aconselha o duque esperto,
E logo lhe nomeia doze fortes;
E, por que cada dama um tenha certo,
20 Lhe manda que sobre eles lancem sortes,

1. O *lhe* do 1.º verso, os do 3.º, 10.º, 15.º, 18.º e 20.º, equivalem a *lhes*. Na sintaxe do tempo, este pronome podia ser indeclinável. *Socorrer-lhe* = *socorrê-las*.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Que elas só doze são; e, descoberto
Qual a qual tem caído das consortes,
Cada ãa escreve ao seu, por vários modos,
E todas a seu rei, e o duque a todos.

LI

5 Já chega a Portugal o mensageiro;
Toda a corte alvoroça a novidade;
Quisera o rei sublime ser primeiro,
Mas não lho sofre a régia majestade;
Qualquer dos cortesãos aventureiro
10 Deseja ser com férvida vontade,
E só fica por bem-aventurado
Quem já vem pelo duque nomeado.

LII

Lá na leal cidade, donde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
15 De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze, em tempo breve,
De armas e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras e primores,
20 Cavalos e concertos de mil cores.

13. A *leal cidade* é o Porto, cujo primeiro nome era *Portucale*, origem do nome de Portugal. Cale era a localidade romana situada onde hoje está Gaia.

15. *Madeiro leve* = *nau ligeira*. Noutro passo emprega o Poeta a sinédoque *saco lenho* (102 — IV).

19. Sobre *letras*, Vid. 22, IV.

LIII

Já do seu rei tomado têm licença,
Pera partir do Douro celebrado,
Aqueles que escolhidos por sentença
Foram do duque inglês experimentado.
5 Não há na companhia diferença
De cavaleiro, destro ou esforçado;
Mas um só, que Magriço se dizia,
Dest'arte fala à forte companhia:

LIV

— «Fortíssimos consócios, eu desejo,
10 Há muito já, de andar terras estranhas,
Por ver mais águas que as do Douro e Tejo,
Várias gentes e leis e várias manhas.
Agora que aparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
15 Quero, se me deixais, ir só por terra,
Porque eu serei convosco em Inglaterra.

7. Álvaro Gonçalves Coutinho, o Magriço, foi camarista do Duque de Borgonha, João, o Sem Pavor.

13. *Aparelho* = *meio*.

LV

«E quando caso for que eu, impedido
Por quem das cousas é última linha,
Não for convosco ao prazo instituído,
Pouca falta vos faz a falta minha:
5 Todos por mi fareis o que é devido;
Mas, se a verdade o espirito me adivinha,
Rios, montes, fortuna ou sua inveja
Não farão que eu convosco lá não seja.»

LVI

Assi diz; e, abraçados os amigos
10 E tomada licença, enfim se parte.
Passa Leão, Castela, vendo antigos
Lugares que ganhara o pátrio Marte;
Navarra co'os altíssimos perigos
Do Perineu, que Espanha e Gália parte.
15 Vistas enfim de França as cousas grandes,
No grande empório foi parar de Frandes.

2. É a Morte a última linha ou limite das coisas e dos seres.

16. A Flandres (= *Frاندres* de onde *Frاندes*, por dissimilação) era na verdade *grande* empório por sua importância comercial.

LVII

Ali chegado, ou fosse caso ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias.
Mas dos onze a ilustríssima companhia
Cortam do Mar do Norte as ondas frias;
5 Chegados de Inglaterra à costa estranha,
Pera Londres já fazem todos vias;
Do duque são com festa agasalhados
E das damas servidos e amimados.

LVIII

Chega-se o prazo e dia assinalado
10 De entrar em campo já co'os doze ingleses,
Que pelo rei já tinham segurado;
Armam-se de elmos, grevas e de arneses.
Já as damas têm por si, fulgente e armado,
O Mavorte feroz dos Portugueses;
15 Vestem-se elas de cores e de sedas,
De ouro e de jóias mil, ricas e ledas.

1. *Caso ou manha* = ocorrência involuntária ou propósito.

2. *Entenda-se: sem passar a Inglaterra.*

11. *Quer dizer: o qual campo já por mandado do rei os Portugueses tinham em segurança contra todas as traições.*

14. *O Mavorte* = o heróico espírito bélico.

LIX

Mas aquela, a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavaleiro nesta empresa;
5 Bem que os onze apregoam que acabado
Será o negócio assi na corte inglesa,
Que as damas vencedoras se conheçam,
Posto que dous e três dos seus faleçam.

LX

Já num sublime e púbrico teatro
10 Se assenta o rei inglês com toda a corte;
Estavam três e três, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte;
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bactro,
De força, esforço e de ânimo mais forte,
15 Outros doze sair, como os ingleses,
No campo, contra os onze portugueses.

2-8. Entenda-se: *A dama veste de luto, posto que os onze portugueses afirmem que a luta será levada a tal termo, que todos reconheçam as damas (incluindo a de Magriço) por vencedoras, mesmo que dois ou três venham a sucumbir.*

13. *Bactro* ou *Bactra* (Vid. 53, II) é afluente de Oxus ou Amu-Dária, que desagua no Lago Aral. Banha a cidade de Bactra, capital de Bactriana.

LXI

Mastigam os cavalos, escumando,
Os áureos freios com feroz sembrante;
Estava o Sol nas armas rutilando
Como em cristal ou rígido diamante;
5 Mas enxerga-se, num e noutro bando,
Partido desigual e dissonante
Dos onze contra os doze, quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

LXII

Viram todos o rosto aonde havia
10 A causa principal do reboiço:
Eis entra um cavaleiro, que trazia
Armas, cavalo ao bélico serviço;
Ao rei e às damas fala, e logo se ia
Pera os onze, que este era o grão Magriço.
15 Abraça os companheiros, como amigos,
A quem não falta, certo nos perigos.

LXIII

A dama, como ouviu que este era aquele
Que vinha a defender seu nome e fama,
Se alegra, e veste ali do animal de Hele,
20 Que a gente bruta mais que virtude ama.

19. Do animal de Hele o mesmo é que do velo do animal de Hele, ou seja do carneiro de velo de oiro montado por Hele na travessia aérea do estreito a que deu o nome — Helesponto. Vid. 12, III.

Já dão sinal, e o som da tuba impele
Os belicosos ânímos, que inflama;
Picam de esporas, largam rédeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

LXIV

5 Dos cavalos o estrepito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme;
O coração, no peito, que estremece,
De quem os olha, se alvoroça e teme.
Qual do cavalo voa, que não dece;
10 Qual, co'o cavalo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual co'os penachos do elmo açouta as ancas.

LXV

Algun dali tomou perpétuo sono,
E fez da vida ao fim breve intervalo;
15 Correndo algum cavalo vai sem dono,
E noutra parte o dono sem cavalo.
Cai a soberba inglesa de seu trono,
Que dous ou três já fora vão do valo.
Os que de espada vêm fazer batalha
20 Mais acham já que arnês, escudo e malha.

6. A syntaxe do tempo permitia neste caso o emprego do indicativo em vez do conjuntivo.

20. Entenda-se: os que, na luta a pé, substituem a lança pela espada, encontram nos Portugueses mais alguma coisa do que *arnês, escudo e malha* — o valor que vence os contrários.

LXVI

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
É desses gastadores, que sabemos,
Maus do tempo com fábulas sonhadas;
5 Basta, por fim do caso, que entendemos,
Que, com finezas altas e afamadas,
Co'os nossos fica a palma da vitória,
E as damas vencedoras e com glória.

LXVII

Recolhe o duque os doze vencedores
10 Nos seus paços, com festas e alegria;
Cozinheiros ocupa e caçadores,
Das damas a fermosa companhia,
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora e cada dia,
15 Enquanto se detêm em Inglaterra,
Até tornar à doce e cara terra.

16. Este episódio é ignorado pelos historiadores ingleses. Em Portugal, refere-se-lhe o *Memorial das Proesas da Távola Redonda*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos (edit. em 1567), mas em brevíssimas palavras. Conta-o desenvolvidamente, porém, uma *Relação ou Crónica Breve das Cavalarias dos Doze de Inglaterra*, ms. 87, da Bibl. Municip. do Porto, publicado e estudado por Magalhães Basto. Porto, 1935. Nos *Comentários aos Lusíadas*, escritos por Manuel Correia, mas publicados e ampliados por Pedro Mariz, insere-se uma longa narração do torneio, que igualmente é contado nos *Diálogos de Vária História*, de Mariz, mas aqui indicando-se como fonte uma *Chronica antiqua hujus temporis*. É provável que o texto utilizado por Mariz seja substancialmente o da *Relação* do ms. português. Vid. M. Basto, op. cit.

LXVIII

Mas dizem que contudo o grão Magriço,
Desejoso de ver as cousas grandes,
Lá se deixou ficar onde um serviço
Notável à condessa fez de Frandes;
5 E, como quem não era já noviço
Em todo trance, onde tu, Marte, mandes,
Um francês mata em campo, que o destino
Lá teve de Torcato e de Corvino.

LXIX

Outro também dos doze em Alemanha
10 Se lança, e teve um fero desafio
Co'um germano enganoso, que, com manha
Não devida, o quis pôr no extremo fio.»
Contando assi Veloso, já a companha
Lhe pede que não faça tal desvio
15 Do caso de Magriço e vencimento,
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

4-7. Não se sabe qual seja a condessa servida por Magriço nem o francês por ele morto.

8. *Torcato* é o romano Tito Mânlio, que, na guerra contra os Gauleses, em 361 A. C., tendo morto em duelo um agigantado gaulês, foi cognominado *Torcato*, por se ornar com o colar (*torques*) que lhe tirara. *Corvino* é Marco Valério, outro romano que, em 349 A. C., ainda na guerra gaulesa, se creu miraculosamente auxiliado por um corvo na luta contra um gaulês. Os dois casos são referidos por Tito Lívio, VII, 9-10 e 26.

9. Este *outro* é, segundo M. Correia, Alvaro Vaz de Almada.

LXX

Mas neste passo, assi prontos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca: acordam, despertando,
Os marinheiros de ãa e de outra banda;
5 E, porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gáveas tomar manda:
— «Alerta — disse — estai, que o vento crece
Daquela nuvem negra que apparece!»

LXXI

Não eram os traquetes bem tomados,
10 Quando dá a grande e súbita procela.
— «Amaina — disse o mestre a grandes brados —,
Amaina — disse — amaina a grande vela!»
Não esperam os ventos indinados
Que amainassem, mas juntos dando nela,
15 Em pedaços a fazem co'um ruído
Que o Mundo pareceu ser destruído.

6. Os *traquetes*, segundo Almeida d'Eça — *L. de Camões marinheiro* — eram «velas superiores, correspondendo pela sua posição e pelo seu uso aos modernos joanetes, embora estivessem imediatamente por cima do papafigos».

LXXII

O céu fere com gritos nisto a gente,
Com súbito temor e desacordo,
Que, no romper da vela, a nau pendente
Toma grão soma de água pelo bordo.
5 «Alija — disse o mestre rijamente —,
Alija tudo ao mar! Não falte acordol
Vão outros dar à bomba, não cessandol
À bomba, que nos imos alagandol»

LXXIII

Correm logo os soldados animosos
10 A dar à bomba, e, tanto que chegaram,
Os balanços, que os mares temerosos
Deram à nau, num bordo os derribaram.
Três marinheiros, duros e forçosos,
A menear o leme não bastaram;
15 Talhas lhe punham de ãa e de outra parte,
Sem aproveitar dos homens força e arte.

15. *Talhas* (do it. *taglia* = *roldana*), segundo a explicação de A. d'Eça, citada por Epifânio, são um aparelho composto de duas roldanas ou moitões em que corre uma corda ou *tirador*. Aplicado à cana do leme facilita o seu manejo.

LXXIV

Os ventos eram tais que não puderam
Mostrar mais força de ímpeto cruel,
Se pera derribar então vieram
A fortíssima torre de Babel.
5 Nos altíssimos mares, que cresceram,
A pequena grandura dum batel
Mostra a possante nau, que move espanto,
Vendo que se sustém nas ondas tanto.

LXXV

A nau grande, em que vai Paulo da Gama,
10 Quebrado leva o masto pelo meio,
Quase toda alagada; a gente chama
Aquele que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vão ao ar derrama
Toda a nau de Coelho, com receio,
15 Conquanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou que desse o vento.

LXXVI

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo,
Agora a ver parece que deciam
20 As íntimas entranhas do Profundo;
Noto, Austro, Bóreas, Áquilo queriam
Arruinar a máquina do Mundo;
A noite negra e feia se alumia
Co'os raios em que o pólo todo ardia.

21. *Noto* é o nome grego e *Austro* o latino do vento sul. Sobre *Bóreas* e *Aquilo* vid. VI, 31 nota 11.

LXXVII

As alcíóneas aves tristes canto
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas águas lhe causaram.
5 Os delfins namorados, entretanto,
Lá nas covas marítimas entraram,
Fugindo à tempestade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

LXXVIII

Nunca tão vivos raios fabricou,
10 Contra a fera soberba dos Gigantes,
O grão ferreiro sórdido que obrou
Do enteado as armas radiantes;
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relâmpados ao mundo fulminantes
15 No grão dilúvio, donde sós viveram
Os dous que em gente as pedras converteram.

1. As *alcíóneas aves* são as aves chamadas pelos Gregos *alcíones* ou *pica-peixes*. O mito que anda ligado a estas aves é exposto no II vol. pág. 113.

5. *Delfins* = golfinhos. *Vid.* 22, VI.

11. O *ferreiro sórdido* era *Vulcano*, de quem era enteado *Eneias*, como filho de sua mulher *Vénus* e de *Anquises*. Virgílio refere-se à armadura que o deus fabricara para o herói.

16. O Poeta alude ao mítico dilúvio de que só se salvaram *Deucalião* e *Pirra*, sua mulher, os quais repovoaram o mundo, atirando para trás pedras, que logo se convertiam em gente.

LXXIX

Quantos montes então que derribaram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas árvores velhas arrancaram
Do vento bravo as fúrias indinadas!
5 As forçosas raízes não cuidaram
Que nunca pera o céu fossem viradas,
Nem as fundas areias, que pudessem
Tanto os mares que em cima as revolvessem.

LXXX

Vendo Vasco da Gama que tão perto
10 Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova fúria ao céu subia,
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remédio lhe valia,
15 Chama aquele remédio santo e forte
Que o impossíbil pode, desta sorte:

LXXXI

— «Divina Guarda, angélica, celeste,
Que os céus, o mar e terra senhoreias;
Tu que a todo Israel refúgio deste
20 Por metade das águas Eritreias;

20. As *águas Eritreias* são o Mar Vermelho, que, segundo a Bíblia, foi atravessado pelo povo hebreu.

Tu, que livraste Paulo e defendeste
Das Sirtes arenosas e ondas feias,
E guardaste co'os filhos o segundo
Povoador do alagado e vácuo mundo,

LXXXII

- 5 «Se tenho novos medos perigosos
Doutra Scila e Caribdis já passados,
Outras Sirtes e baxos arenosos,
Outros Acroceráunios infamados,
No fim de tantos casos trabalhosos,
10 Porque somos de ti desemparedados,
Se este nosso trabalho não te ofende,
Mas antes teu serviço só pretende?

1-2. S. Paulo sofreu um naufrágio na viagem de Cesareia para Roma (*Actos dos Apóstolos*, XXVII), e o barco correu o seu maior perigo nas Sirtes, dois golfos do Mediterrâneo, na costa de Tripoli e Tunes.

4. O primeiro povoador do Mundo foi Adão; o segundo Noé, que, segundo a Bíblia, numa barca, por favor divino, se preservou a si, à família e a um casal de cada espécie animal, do dilúvio que deixou o mundo *alagado e vácuo*.

6. Sobre *Scila e Caribdis* veja-se 45, II.

8. Os *Montes Acroceráunios* debruam a costa do Epiro, que termina por um promontório do mesmo nome, célebre na antiguidade por ser perigoso para a navegação. O Poeta generaliza a designação a todos os cabos perigosos.

LXXXIII

«Oh, ditosos aqueles que puderam
Entre as agudas lanças africanas
Morrer, enquanto fortes sustiveram
A santa Fé nas terras mauritanas!
5 De quem feitos ilustres se souberam,
De quem ficam memórias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdê-la,
Doce fazendo a morte as honras dela!»

LXXXIV

Assi dizendo, os ventos que lutavam,
10 Como touros indómitos bramando,
Mais e mais a tormenta acrecentavam,
Pela miúda enxárcia assoviando;
Relâmpados medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vêm representando
15 Cair o Céu dos eixos sobre a Terra,
Consigo os Elementos terem guerra.

7. *De quem se ganha a vida... = por quem é ganhada a vida...*

LXXXV

Mas já a amorosa estrela cintilava
Diante do Sol claro no horizonte,
Mensageira do dia, e visitava
A terra e o largo mar com leda fronte;
5 A Deusa, que nos Céus a governava,
De quem foge o ensífero Oriente,
Tanto que o mar e a cara armada vira,
Tocada junto foi de medo e de ira.

LXXXVI

— «Estas obras de Baco são, por certo
10 — Disse — mas não será que avante leve
Tão danada tenção, que descoberto
Me será sempre o mal a que se atreve.»
Isto dizendo, dece ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
15 Enquanto manda as Ninfas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

1. A *amorosa estrela* é o planeta Vénus, ao movimento de cujo céu, no sistema de Ptolomeu, preside a deusa do mesmo nome. Assim, Camões converte em intervenção mitológica, na acção do poema, a influência que os nautas atribuem à luz da manhã no serenamento das tempestades oceânicas.

6. O *ensífero* (portador de espada) *Oriente*, ou *Orion*, era, na Mitologia, um caçador gigantesco mas formoso, que foi posto entre as constelações. A espada que se lhe punha na mão denotava a aspereza com que tratava o mundo, agitando-o das chuvas e tempestades, que *Vénus*, a deusa da bonança, acalmava.

LXXXVII

Grinaldas manda pôr de várias cores
Sobre cabelos louros a porfia;
Quem não dirá que nascem roxas flores
Sobre ouro natural, que Amor enfia?
5 Abrandar determina, por amores,
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas Ninfas belas,
Que mais fermosas vinham que as estrelas.

LXXXVIII

Assi foi; porque, tanto que chegaram
10 À vista delas, logo lhe falecem
As forças com que dantes pelejaram,
E já como rendidos lhe obedecem;
Os pés e mãos parece que lhe ataram
Os cabelos que os raios escurecem.
15 A Bóreas, que do peito mais queria,
Assi disse a belíssima Oritia:

LXXXIX

— «Não creias, fero Bóreas, que te creio
Que me tiveste nunca amor constante,
Que brandura é de amor mais certo arreio,
20 E não convém furor a firme amante.
Se já não pões a tanta insânia freio,
Não esperes de mi, daqui em diante,
Que possa mais amar-te, mas temer-te,
Que amor, contigo, em medo se converte.»

16. *Oritia*, filha dum rei de Atenas, foi raptada por *Bóreas*.

XC

Assi mesmo a fermosa Galateia
Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias há que em vê-la se recreia,
E bem crê que com ele tudo acabe.
5 Não sabe o bravo tanto bem se o creia,
Que o coração no peito lhe não cabe;
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz, se logo abranda.

XCI

Desta maneira as outras amansavam
10 Sùbitamente os outros amadores;
E logo à linda Vénus se entregavam,
Amansadas as iras e os furores.
Ela lhe prometeu, vendo que amavam,
Sempiterno favor em seus amores,
15 Nas belas mãos tomando-lhe homenagem
De lhe serem leais esta viagem.

1. *Galateia*, a ninfa amada de *Polifemo* (28 e 88, V), era uma das *Nereidas*.

4. *Tudo acabe com ele* = *tudo consiga dele*.

15. *Homenagem* = *juramento*.

16. A viagem de Melinde a Celecut não foi incidentada por tempestade alguma. O Poeta usou da sua liberdade, descrevendo-a de modo que pudesse exemplificar as tormentosas navegações que a antecederam e lhe sucederam.

XCII

Já a manhã clara dava nos outeiros
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gávea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela proa.
5 Já fora de tormenta e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa.
Disse alegre o piloto melindano:
— «Terra é de Calecu, se não me engano.

XCIII

Esta é por certo a terra que buscais
10 Da verdadeira Índia, que aparece;
E se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece.»
Sofrer aqui não pôde o Gama mais,
De ledó em ver que a terra se conhece;
15 Os gíolhos no chão, as mãos ao Céu,
A mercê grande a Deus agradeceu.

XCIV

As graças a Deus dava, e razão tinha,
Que não sòmente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
20 Por quem tanto trabalho exprimentava,
Mas via-se livrado tão asinha
Da morte que no mar lhe aparelhava
O vento duro, férvido e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

XCV

Por meio destes horrídos perigos,
Destes trabalhos graves e temores,
Alcançam os que são de fama amigos
As honras imortais e graus maiores;
5 — Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores;
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animais de Moscóvia zebelinos;

XCVI

Não co'os manjares novos e exquisitos;
10 Não co'os passeios moles e ouciosos;
Não co'os vários deleites e infinitos,
Que afeminam os peitos generosos;
Não co'os nunca vencidos apetitos,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
15 Que não sofre a nenhum que o passo mude
Pera algũa obra heróica de virtude;

8. Os animais zebelinos são as zibelinas (*mustela zibelina*), uma variedade da marta, de cuja pele se fazia grande comércio em Moscovo.

XCVII

Mas com buscar, co'o seu forçoso braço,
As honras que ele chame próprias suas;
Vigiando e vestindo o forjado aço;
Sofrendo tempestades e ondas cruas;
5 Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de abrigo nuas;
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado co'um árduo sofrimento;

XCVIII

E com forçar o rosto, que se enfia,
10 A parecer seguro , ledó, inteiro,
Pera o pelouro ardente que assovia
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Dest'arte o peito um calo honroso cria,
Desprezador das honras e dinheiro,
15 Das honras e dinheiro que a ventura
Forjou, e não virtude justa e dura.

2. *Chame propriamente suas*, isto é, pelo próprio esforço ganhas, e não legadas de antepassados.

3. *Vigiando* está no sentido militar, por *velando* em guarda contra inimigos terrestres ou tormentas marítimas.

5-6. *Torpes frios* parece significar *frios entorpecedores*.

XCIX

Dest'arte se esclarece o entendimento
Que experiências fazem repousado,
E fica vendo, como de alto assento,
O baxo trato humano embaraçado.
5 Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de afeitos ocupado,
Subirá (como deve) a ilustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.

14. Entenda-se: É com as qualidades acima enunciadas que o entendimento se esclarece. Dá-lhe serenidade a experiência e é como de *alto assento* que olha em baixo as intrigas dos homens.

5. *Este* tal, dotado de tais virtudes e experiências...

6. *Ocupado de afeitos* = perturbado por preferências afectivas...

CANTO VII.

I

Já se viam chegados junto à terra
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes índicas se encerra
É o Ganges, que no Céu terreno mora.
5 Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora!
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante!

II

A vós, ó geração de Luso, digo
10 Que tão pequena parte sois no mundo,
Não digo inda no mundo, mas no amigo
Curral de quem governa o Céu rotundo;
Vós, a quem não somente algum perigo
Estorva conquistar o povo imundo,
15 Mas nem cobiça ou pouca obediência
Da Madre que nos Céus está em essência;

4. Céu terreno é o Paraíso. Vid. 74, IV.

11-12. O amigo curral é a Igreja Católica. A palavra é hoje substituída por *redil*, que representa a mesma metáfora tirada da vida pastoril, mas conserva sentido menos degradado.

13. *Algum perigo* = *perigo algum*, *perigo nenhum*.

14. O povo imundo é o maometano. Vid. 8, I;
5. VII.

15-16. *Obediência da Madre* = *Obediência à Madre*...

III

Vós, Portugueses, poucos quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais;
Vós, que à custa de vossas várias mortes
A lei da vida eterna dilatais:
5 Assi do Céu deitadas são as sortes
Que vós, por muito poucos que sejais,
Muito fazeis na santa Cristandade,
Que tanto, ó Cristo, exaltas a humildade!

IV

Vede'los Alemães, soberbo gado,
10 Que por tão largos campos se apacenta,
Do sucessor de Pedro rebelado,
Novo pastor e nova seita inventa;
Vede'lo em feias guerras ocupado
(Que inda co'o cego error se não contenta!)
15 Não contra o superbíssimo Otomano,
Mas por sair do jugo soberano.

9. *Vede'los... = vedes os...*

12. Refere-se o Poeta ao movimento da Reforma, provocado pela pregação de Lutero (*novo pastor*) e que não atacou apenas a disciplina da Igreja Católica, senão também a dogmática (*nova seita*).

15. Pelo latinismo *superbíssimo Otomano* designa-se Solimão II (1520-1566), que constituiu grande ameaça para os países cristãos, em parte realizada pela invasão da Ungria.

16. O *jugo soberano* é a disciplina da Igreja Católica.

V

Vede'lo duro Inglês, que se nomeia
Rei da velha e santíssima cidade,
Que o torpe Ismaelita senhoreia
(Quem viu honra tão longe da verdade?),
5 Entre as boreais neves se recreia,
Nova maneira faz de Cristandade:
Pera os de Cristo tem a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua.

VI

Guarda-lhe, por entanto, um falso rei
10 A cidade Hierosólima terrestre,
Enquanto ele não guarda a santa lei
Da cidade Hierosólima celeste.

1-8. Alusão a Henrique VIII, (1509-1547) rei de Inglaterra, na verdade *duro*, pois não hesitou em fazer decapitar duas das suas mulheres — Ana Boleyn e Catarina Howard. Rebelou-se contra o Papa e fundou o anglicanismo (*nova maneira de Cristandade*), de que se proclamou chefe. Os reis de Inglaterra haviam tomado o título de reis de Jerusalem — *a velha e santíssima cidade*.

9. O *falso rei* é o imperador da Turquia, a quem, como maometano, se não reconheciam títulos para reinar em Jerusalém.

11-12. Alusão ao Reino dos Céus, de onde emana a *santa lei*, ou seja a *fé católica*, abandonada pelo monarca inglês.

Pois de ti, Galo indigno, que direi?
Que o nome «Cristianíssimo» quiseste,
Não pera defendê-lo nem guardá-lo,
Mas pera ser contra ele e derribá-lo!

VII

- 5 Achas que tens direito em senhorios
De Cristãos, sendo o teu tão largo e tanto,
E não contra o Cinífio e Nilo rios,
Inimigos do antigo nome santo?
Ali se hão-de provar da espada os fios
10 Em quem quer reprovar da Igreja o canto.
De Carlos, de Luís o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

1. O *galo indigno* é Francisco I (1515-1547), que não duvidou aliar-se com Solimão II, maometano, contra o católico Carlos V.

5-6. Alusão às pretensões de Francisco I aos Reinos de Nápoles e Navarra.

7. O rio Cinífio (adject. de *Cínifo*) está situado na Tripolitana. O Poeta repreende o monarca por tentar conquistas em terra cristã, quando lhe cumpria fazê-las entre infieis — no Egipto e na Tripolitana.

10. O *canto da Igreja* é, na metáfora evangélica (S. Mat. XVI, 18), a pedra sobre que a Igreja está fundada, ou seja o Sumo Pontífice, cuja autoridade é a base da sua disciplina.

11. O Poeta refere-se ao imperador Carlos Magno († 814) e ao rei S. Luís († 1270), ambos os quais a história e, quanto ao primeiro, sobretudo a lenda tornaram celebres por suas lutas contra os sectários do *Alcorão*.

VIII

Pois que direi daqueles que em delícias,
Que o vil ócio no mundo traz consigo,
Gastam as vidas, logram as divícias,
Esquecidos de seu valor antigo?
5 Nascem da tirania inimicías,
Que o povo forte têm de si inimigo.
Contigo, Itália, falo, já sumersa
Em vícios mil, e de ti mesma adversa.

IX

Ó míseros Cristãos, pola ventura
10 Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que uns aos outros se dão à morte dura,
Sendo todos de um ventre produzidos?
Não vedes a divina sepultura
Possuída de cães, que sempre unidos
15 Vos vêm tomar a vossa antiga terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

6. Em *si inimigo* o pronome funde-se, para efeitos métricos, com a primeira sílaba da palavra seguinte.

10. *Cadmo*, filho de *Angenor*, rei dos Fenícios, sabendo os seus companheiros mortos por um dragão, matou este e, em conformidade com o conselho de Minerva, semeou-lhe os dentes na terra. Deles nasceram homens armados que uns aos outros se mataram, à excepção dos cinco com o auxílio dos quais *Cadmo* fundou Tebas.

13-14. A Palestina estava sob o domínio muçulmano desde 1244 e fazia parte, no tempo de Camões, do império otomano.

X

Vedes que têm por uso e por decreto,
Do qual são tão inteiros observantes,
Ajuntarem o exército inquieto
Contra os povos que são de Cristo amantes;
5 Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De semear cizânias repugnantes.
Olhai se estais seguros de perigos,
Que eles e vós sois vossos inimigos.

XI

Se cobiça de grandes senhorios
10 Vos faz ir conquistar terras alheias,
Não vedes que Pactolo e Hermo rios
Ambos volvem auríferas areias?
Em Lídia, Assíria, lavram de ouro os fios;
África esconde em si luzentes veias:
15 Mova-vos já, sequer, riqueza tanta,
Pois mover-vos não pode a Casa Santa!

5. *Aleto* era, na Mitologia, uma das Fúrias.
11. Pactolo e Hermo são rios da Lídia, antiga região da Ásia Menor, cuja capital era Sardes. O seu rei mais célebre foi Creso, famoso por suas riquezas.

XII

Aquelas invenções feras e novas
De instrumentos mortais da artelharia
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Bizâncio e de Turquia.
5 Fazei que torne lá às silvestres covas
Dos Cáspios Montes e da Scítia fria
A turca geração, que multiplica
Na polícia da vossa Europa rica.

XIII

Gregos, Traces, Arménios, Georgianos
10 Bradando-vos estão que o povo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceptos do Alcorão (duro tributo!).
Em castigar os feitos inumanos
Vos gloriai de peito forte e astuto,
15 E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

5. *Lá às* contraíem-se numa única sílaba.

6. *Vid.* 60, I e 128, III.

5-8. Os Turcos, depois da conquista de Bizâncio, alargaram seus domínios e constituíam ameaça de mais vasta expansão, através da Europa civilizada e rica.

12. *Preceptos*, como *Cepta*, como *Regno* são latinismos gráficos usados no tempo, mas dizia-se *preceitos*, *Ceita*, *Reino*.

XIV

Mas entanto que cegos e sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana,
Não faltarão cristãos atrevimentos
Nesta pequena casa lusitana.

- 5 De África tem marítimos assentos;
É na Ásia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara,
E, se mais mundo houvera, lá chegara,

XV

- E vejamos, entanto, que acontece
10 Aqueles tão famosos navegantes,
Despois que a branda Vénus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes;
Despois que a larga terra lhe aparece.
Fim de suas porfias tão constantes,
15 Onde vêm semear de Cristo a lei
E dar novo costume e novo rei.

XVI

- Tanto que à nova terra se chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
20 De Calecu, onde eram moradores.

7. A quarta parte nova é a América, onde civilizávamos o Brasil.

12. Sobre ventos repugnantes veja-se 35, VI.

Pera lá logo as proas se inclinaram,
Porque esta era a cidade — das milhores
Do Malabar melhor — , onde vivia
O rei que a terra toda possuía.

XVII

5 Além do Indo jaz, e aquém do Gange,
Um terreno mui grande e assaz famoso,
Que pela parte austral o mar abrange
E pera o Norte o Emódio cavernoso.
Jugo de reis diversos o constrange
10 A várias leis: alguns o vicioso
Mahoma, alguns os ídolos adoram,
Alguns os animais que entre eles moram.

XVIII

Lá bem no grande monte que, cortando
Tão larga terra, toda Ásia discorre,
15 Que nomes tão diversos vai tomando,
Segundo as regiões por onde corre,
As fontes saem donde vêm manando
Os rios cuja grão corrente morre
No Mar Índico, e cercam todo o peso
20 Do terreno, fazendo-o quersoneso.

5. *Gange* é forma usada por Barros e outros.

8. *Emódio* está por *Emodo* (ou *Hemodo*, que é a melhor grafia) e significa o Himalaia.

20. *Quersoneso* é nome comum e significa *península*.

XIX

Entre um e o outro rio, em grande espaço,
Sai da larga terra ãa longa ponta,
Quase piramidal, que, no regaço
Do mar, com Ceilão ínsula confronta;
5 E junto donde nace o largo braço
Gangético, o rumor antigo conta
Que os vizinhos, da terra moradores,
Do cheiro se mantêm das finas flores.

XX

Mas agora, de nomes e de usança
10 Novos e vários são os habitantes:
Os Delis, os Patanes, que, em possança
De terra e gente, são mais abundantes;
Decanis, Oriás, que a esperança
Têm de sua salvação nas ressonantes
15 Águas do Gange; e a terra de Bengala,
Fértil de sorte que outra não lhe iguala;

5. Normalmente Camões escreve sem o s etimológico todas as formas do verbo *nascer*, mas neste passo ocorre *nasce*.

6-8. Camões refere-se a esta mesma lenda nas redondilhas *Carta a uma Dama*, I vol., pág. 30. Foi Plínio que a vulgarizou entre os humanistas (VII, 25).

11. Os habitantes de Delí, e os de Patana, regiões do norte da Índia.

13. Os habitantes do Decã. Os Oriás habitavam junto do curso inferior do Ganges.

XXI

O Reino de Cambaia belicoso
(Dizem que foi de Poro, rei potente);
O Reino de Narsinga, poderoso
Mais de ouro e pedras que de forte gente.
5 Aqui se enxerga lá do mar undoso
Um monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive seguro.

XXII

Da terra os naturais lhe chamam Gate,
10 Do pé do qual, pequena quantidade,
Se estende ãa fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade.
Aqui de outras cidades, sem debate,
Calecu tem a ilustre dignidade
15 De cabeça de Império, rica e bela;
Samorim se intitula o senhor dela.

XXIII

Chegada a frota ao rico senhorio,
Um português, mandado, logo parte
A fazer sabedor o rei gentio
20 Da vinda sua a tão remota parte.

2. O rei Poro foi um dos monarcas vencidos por Alexandre Magno.

10. *Se estende pequena quantidade* = *se estende pouco*.

Entrando o mensageiro pelo rio
Que ali nas ondas entra, a não vista arte,
A cor, o gesto estranho, o trajo novo,
Fez concorrer a vê-lo todo o povo.

XXIV

5 Entre a gente, que a vê-lo concorria,
Se chega um maometa que nascido
Fora na região da Berberia,
Lá onde fora Anteu obedecido;
Ou, pela vizinhança, já teria
10 O Reino lusitano conhecido,
Ou foi já assinalado de seu ferro;
Fortuna o trouxe a tão longo desterro.

XXV

Em vendo o mensageiro, com jocundo
Rosto, como quem sabe a língua hispana,
15 Lhe disse: — «Quem te trouxe a estoutro mundo,
Tão longe da tua Pátria lusitana?»
— «Abrindo — lhe responde — o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
20 Por onde a lei divina se acrecente.»

2. *A não vista arte* = *o não visto modo*.

8. *Vid.* 4, V.

13. *Em vendo* é forma de syntaxe hoje desusada.
Dizemos vendo ou quando viu...

XXVI

Espantado ficou da grão viagem
O mouro que Monçaide se chamava,
Ouvindo as opressões que na passagem
Do mar o lusitano lhe contava;
5 Mas vendo enfim que a força da mensagem
Só pera o rei da terra relevava,
Lhe diz que estava fora da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade;

XXVII

E que, entanto que a nova lhe chegasse
10 De sua estranha vinda, se queria,
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria;
E, depois que se um pouco recreasse,
Com ele pera a armada tornaria;
15 Que alegria não pode ser tamanha
Que achar gente vizinha em terra estranha.

XXVIII

O português aceita de vontade
O que o ledó Monçaide lhe oferece;
Como se longa fora já a amizade,
20 Com ele come e bebe, e lhe obedece.
Ambos se tornam logo da cidade
Pera a frota que o mouro bem conhece;
Sobem à capitaina, e toda a gente
Monçaide recebeu benignamente.

XXIX

O capitão o abraça, em cabo ledó,
Ouvindo clara a língua de Castela;
Junto de si o assenta e, pronto e quedo,
Pela terra pergunta e cousas dela.
5 Qual se ajuntava em Ródope o arvoredó,
Só por ouvir o amante da donzela
Eurídice tocando a lira de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o mouro.

XXX

Ele começa: — «Ó gente que a Natura
10 Vizinha fez de meu paterno ninho,
Que destino tão grande ou que ventura
Vos trouxe a cometerdes tal caminho?
Não é sem causa, não, oculta e escura,
Vir do longínquo Tejo e ignoto Minho,
15 Por mares nunca de outro lenho arados,
A Reinos tão remotos e apartados.

5-7. *Ródope* é um monte situado na Trácia, pátria do mitológico *Orfeu*, que ao som da lira arrastava animais e árvores. *Eurídice* era sua esposa que pelo poderoso encanto da música ele conseguiu tirar do Inferno. (Vid. I vol. pág. 167.)

XXXI

«Deus por certo vos traz, porque pretende
Algun serviço seu por vós obrado;
Por isso só vos guia e vos defende
Dos inimigos, do mar, do vento irado.
5 Sabei que estais na Índia, onde se estende
Diverso povo, rico e prosperado
De ouro luzente e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

XXXII

«Esta província, cujo porto agora
10 Tomado tendes, Malabar se chama;
Do culto antigo os ídolos adora,
Que cá por estas partes se derrama;
De diversos reis é, mas dum só fora
Noutro tempo, segundo a antiga fama:
15 Saramá Perimal foi derradeiro
Rei que este Reino teve unido e inteiro.

XXXIII

«Porém, como a esta terra então viessem
De lá do seio arábico outras gentes
Que o culto maométrico trouxessem,
20 No qual me instituíram meus parentes,
Sucedeu que, pregando, convertessem
O Perimal; de sábios e eloquentes,
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
Que pressupôs de nela morrer santo.

XXXIV

«Naus arma, e nelas mete, curioso,
Mercadoria que ofereça, rica,
Pera ir nelas a ser religioso
Onde o Profeta jaz que a lei pubrica.
5 Antes que parta, o Reino poderoso
Co'os seus reparte, porque não lhe fica
Herdeiro próprio: faz os mais aceitos
Ricos, de pobres; livres, de sujeitos.

XXXV

«A um Cochim, e a outro Cananor,
10 A qual Chale, a qual Ilha da Pimenta,
A qual Coulão, a qual dá Cranganor,
E os mais, a quem o mais serve e contenta.
Um só moço, a quem tinha muito amor,
Depois que tudo deu, se lhe apresenta:
15 Pera este Calecu sòmente fica,
Cidade já por trato nobre e rica.

XXXVI

«Esta lhe dá co'o título excelente
De imperador, que sobre os outros mande.
Isto feito, se parte diligente
20 Pera onde em santa vida acabe e ande.
E daqui fica o nome de potente
Samori, mais que todos digno e grande,
Ao moço e descendentes, donde vem
Este que agora o Império manda e tem.

17. *Excelente* = *preeminente*.

XXXVII

«A lei da gente toda, rica e pobre,
De fábulas composta se imagina.
Andam nus, e sòmente um pano cobre
As partes que a cobrir Natura ensina.
5 Dous modos há de gente, porque a nobre
Naires chamados são, e a menos dina
Poleás tem por nome, a quem obriga
A lei não misturar a casta antiga.

XXXVIII

«Porque os que usaram sempre um mesmo offício,
10 De outro não podem receber consorte;
Nem os filhos terão outro exercício
Senão o de seus passados, até morte.
Pera os naires é, certo, grande vício
Destes serem tocados, de tal sorte
15 Que, quando algum se toca porventura,
Com cerimónias mil se alimpa e apura.

2. *Se imagina composta de fábulas* = é pela imaginação composta de fábulas.

7-8. *Obriga não misturar*, em vez de, como no português moderno, *obriga a não misturar*, é regência verbal usada no tempo.

12. Em *Senão o* contam-se apenas duas sílabas métricas.

XXXIX

«Desta sorte o judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samária.
Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis, de usança vária.
5 Os naires sós são dados ao perigo
Das armas, sós defendem da contrária
Banda o seu rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

XL

«Brâmenes são os seus religiosos,
10 Nome antigo e de grande preminência;
Observam os preceitos tão famosos
Dum que primeiro pôs nome à ciência;
Não matam cousa viva e, temerosos,
Das carnes têm grandíssima abstinência;
15 Sòmente no venéreo ajuntamento
Têm mais licença e menos regimento.

XLI

«Gèrais são as mulheres, mas sòmente
Pera os da gèração de seus maridos;
Ditosa condição, ditosa gente,
20 Que não são de ciúmes ofendidos!
Estes e outros costumes variamente
São pelos Malabares admitidos.
A terra é grossa em trato, em tudo aquilo
Que as ondas podem dar, da China ao Nilo.»

XLII

Assi contava o mouro. Mas vagando
Andava a fama já pela cidade
Da vinda desta gente estranha, quando
O rei saber mandava da verdade.
5 Já vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo e idade,
Os principais, que o rei buscar mandara
O capitão da armada que chegara.

XLIII

Mas ele, que do rei já tem licença
10 Pera desembarcar, acompanhado
Dos nobres portugueses, sem detença
Parte, de ricos panos adornado;
Das cores a fermosa diferença
A vista alegre ao povo alvoroçado;
15 O remo compassado fere frio
Agora o mar, depois o fresco rio.

XLIV

Na praia um regedor do Reino estava,
Que na sua língua «catual» se chama,
Rodeado de naires, que esperava
20 Com desusada festa o nobre Gama.
Já na terra, nos braços o levava,
E num portátil leito ãa rica cama,
Lhe oferece em que vá (costume usado),
Que nos ombros dos homens é levado.

XLV

Desta arte o malabar, desta arte o luso,
Caminham lá pera onde o rei o espera;
Os outros portugueses vão ao uso
Que infantaria segue, esquadra fera.
5 O povo, que concorre, vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quisera
Perguntar, mas, no tempo já passado,
Na torre de Babel lhe foi vedado.

XLVI

O Gama e o catual iam falando
10 Nas cousas que lhe o tempo oferecia;
Monçaide entre eles vai interpretando
As palavras que de ambos entendia.
Assi pela cidade caminhando,
Onde ãa rica fábrica se erguia
15 De um sumptuoso templo, já chegavam,
Pelas portas do qual juntos entravam.

XLVII

Ali estão das deidades as figuras
Esculpidas em pau e em pedra fria,
Vários de gestos, vários de pinturas,
20 A segundo o Demónio lhe fingia.

8. *Vid.* 64. IV.

19. *Vários* concorda com o sentido masculino de *figuras de deidades* ou seja *deuses*.

20. *Conforme* o Demónio *lhos inventava*.

Vêem-se as abomináveis esculturas,
Qual a Quimera em membros se varia;
Os cristãos olhos, a ver Deus usados
Em forma humana, estão maravilhados.

XLVIII

- 5 Um, na cabeça cornos esculpidos,
Qual Júpiter Amon em Líbia estava;
Outro, num corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Jano se pintava;
Outro, com muitos braços divididos,
10 A Briareu parece que imitava;
Outro, fronte canina tem de fora,
Qual Anúbis menfítico se adora.

8. *Jano*, rei de Itália e filho de *Apolo*, recebera de *Saturno*, perseguido de *Júpiter*, o dom de rara prudência e o conhecimento do passado como do futuro. Daqui o representar-se com duas caras. Foi-lhe em Roma consagrado um templo, cujas portas se encontravam fechadas durante a paz e abertas durante a guerra. Em mil anos apenas nove vezes esteve fechado.

10. *Briareu* ou *Egeon*, filho de *Titano* e da *Terra*, foi um gigante formidável de forças, com cem braços e cinquenta cabeças.

12. *Anúbis*, rei dos Egípcios, era adorado debaixo da figura dum chacal. *Menfítico* (de *Mênfis*, capital do antigo Egipto) está por *egípcio*.

XLIX

Aqui feita do bárbaro gentio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão, sem outro algum desvio,
Pera onde estava o rei do povo vão.
5 Engrossando-se vai da gente o fio
Co'os que vêm ver o estranho capitão;
Estão pelos telhados e janelas
Velhos e moços, donas e donzelas.

L

Já chegam perto, e não com passos lentos,
10 Dos jardins odoríferos fermosos,
Que em si escondem os régios aposentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos;
Edificam-se os nobres seus assentos
Por entre os arvoredos deleitosos:
15 Assi vivem os reis daquela gente
No campo e na cidade juntamente.

4. O epíteto de *vão*, dado ao povo da Índia, resulta de quanto o Poeta acaba de dizer sobre as suas superstições.

LI

Pelos portais da cerca a sotileza
Se enxerga da dedálea facultade,
Em figuras mostrando, por nobreza,
Da Índia a mais remota antiguidade.
5 Afiguradas vão com tal viveza
As histórias daquela antiga idade,
Que quem delas tiver notícia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

LII

Estava um grande exército, que pisa
10 A terra oriental que o Idaspe lava;
Rege-o um capitão de fronte lisa,
Que com frondentes tirsos pelejava
(Por ele edificada estava Nisa
Nas ribeiras do rio que manava),
15 Tão próprio que, se ali estiver Semele,
Dirá, por certo, que é seu filho aquele.

1-2. *A sotileza da dedálea facultade* é a engenhosa arte da arquitectura e da escultura, em que se distinguem o mitológico *Dédalo*. Construiu o *Labirinto de Creta* (*Vid.* 104, IV) e esculpia estátuas com movimento.

8. *Pela sombra* = *pela representação escultórica*.

11. O capitão é *Baco*, a quem a Mitologia atribui uma expedição militar à Índia. *Tirso* é a vara enfeitada de ramos e parras, insígnia do deus. Quanto a *Nisa*, veja-se 31, I; a respeito de *Semele* e da fronte lisa (*sem rugas*) veja-se, 10 II.

LIII

Mais àvante, bebendo, seca o rio
Mui grande multidão da assíria gente,
Sujeita a feminino senhorio
De ãa tão bela como incontinente;
5 Ali tem, junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente
Com quem teria o filho competência.
Amor nefando, bruta incontinência!

LIV

Daqui mais apartadas, tremulavam
10 As bandeiras de Grécia gloriosas
— Terceira monarquia —, e sojugavam
Até as águas gangéticas undosas.

3-4. Referência à lendária *Semíramis*. Vid. 100, III.
O Poeta alude ao que os escritores antigos escrevem dos
seus monstruosos coitos.

7. *Competência* = rivalidade nos amores aberrantes
da rainha.

11. *A terceira Monarquia* é a estabelecida no mundo
por Alexandre da Macedónia. Foi antecédida pela dos Assí-
rios e pela dos Persas e seria seguida pela dos Romanos. A
quinta Monarquia ou Quinto Império foi a utopia em que,
no século XVII, acreditaram alguns portugueses notáveis,
como o P.^o António Vieira. Alexandre Magno estendeu os
seus domínios desde a Grécia até à margem do Indo e seu
afluente *Hifásis*, da margem esquerda. Aproximou-se assim
da bacia do alto Ganges — das *águas gangéticas undosas*.

De um capitão mancebo se guiavam,
De palmas rodeado valerosas,
Que já não de Filipo, mas sem falta,
De progénie de Júpiter se exalta.

LV

- 5 Os Portugueses vendo estas memórias,
Dizia o catual ao capitão:
— «Tempo cedo virá que outras vitórias
Estas, que agora olhais, abaterão;
Aqui se escreverão novas histórias
10 Por gentes estrangeiras que virão,
Que os nossos sábios magos o alcançaram,
Quando o tempo futuro especularam.

LVI

- «E diz-lhe mais a mágica ciência
Que, pera se evitar força tamanha,
15 Não valerá dos homens resistência,
Que contra o Céu não val da gente manha;
Mas também diz que a bélica excelência,
Nas armas e na paz, da gente estranha
Será tal, que será no mundo ouvido
20 O vencedor, por glória do vencido».

1-3. Alexandre tinha 32 anos quando realizou as suas conquistas. Filho de Filipe da Macedónia, quis passar por filho de *Júpiter Amom*, cujo templo visitou em África. *Sem falta* = *sem dúvida*.

9-10. Quanto à sintaxe *se escreverão* [...] *por gentes...*, tal como, na 1.^a linha, *De um capitão... se guiava...*, *vid.* 52, I.

LVII

Assi falando, entravam já na sala
Onde aquele potente imperador
Nũa camilha jaz, que não se iguala
De outra algũa no preço e no lavor.
5 No recostado gesto se assinala
Um venerando e próspero senhor;
Um pano de ouro cinge, e, na cabeça,
De preciosas gemas se adereça.

LVIII

Bem junto dele, um velho reverente,
10 Co'os gíolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da erva ardente,
Que a seu costume estava ruminando.
Um brâmene, pessoa preminente,
Pera o Gama vem com passo brando,
15 Pera que ao grande príncipe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.

II. A erva ardente é o bétel.

LIX

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais afastados, pronto em vista
Estava o Samori no trajo e jeito
Da gente, nunca de antes dele vista.
5 Lançando a grave voz do sábio peito,
Que grande autoridade logo aquista
Na opinião do rei e do povo todo,
O capitão lhe fala deste modo:

LX

— «Um grande rei, de lá das partes onde
10 O céu volúbil, com perpétua roda,
Da terra a luz solar co'a terra esconde,
Tingindo a que deixou de escura nodá,
Ouvindo do rumor que lá responde
O eco, como em ti da Índia toda
15 O principado está e a majestade,
Vínculo quer contigo de amizade.

2-3. *Pronto em vista [...] no trajo... atento com a vista no trajo...*

7. Alguns editores suprimem a copulativa *e* para meter o verso no ritmo decassilábico. Não vale a pena. Na dição do verso tal sílaba pode absorvê-la a que a antecede.

11-12. O céu, em seu movimento diurno, esconde da terra oriental a luz do Sol, interpondo-lhe a opacidade da terra ocidental, ficando aquela mergulhada em sombra — *tingida de escura nódoa*. Por esta perífrase, que não podemos considerar das mais felizes, quer o Gama dizer que vem da parte dum rei do hemisfério ocidental, que o Sol ilumina, enquanto a Índia está na escuridão da noite.

13-14. A ordem é: *ouvindo o eco, que lá responde, do rumor (da fama)*.

LXI

«E por longos rodeios a ti manda
Por te fazer saber que tudo aquilo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda,
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,
5 E desde a fria plaga de Gelandá,
Até bem donde o Sol não muda o estilo
Nos dias, sobre a gente de Etiópia,
Tudo tem no seu Reino em grande cópia.

LXII

«E se queres, com pactos e lianças
10 De paz e amizade sacra e nua,
Comércio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua e tua,
Por que creçam as rendas e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
15 De vossos Reinos, será certamente
De ti proveito, e dele glória ingente.

5. Gelandá = Zeelândia, província ocidental da Holanda. Desde aí até o Equador, onde está situada a Etiópia... Nesta última zona é permanente a igualdade dos dias e das noites, pois o Sol descreve sempre a mesma semi-circunferência de Oriente a Ocidente. A designação de Etiópia, no tempo de Camões, já vimos que abrange mais vastas regiões do que actualmente, de modo que se lhe ajustava melhor do que hoje o verso camoniano.

10. Amizade religiosamente respeitadora dos pactos e despida de interesses egoístas e hipocrisias.

LXIII

«E sendo assi que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará pronto a toda adversidade
Que por guerra a teu Reino se ofereça,
5 Com gente, armas e naus, de qualidade
Que por irmão te tenha e te conheça;
E da vontade em ti sobre isto posta
Me dês a mi certíssima reposta.»

LXIV

Tal embaixada dava o capitão,
10 A quem o rei gentio respondia
Que, em ver embaixadores de Nação
Tão remota, grão glória recebia;
Mas neste caso a última tenção
Com os de seu conselho tomaria,
15 Informando-se certo de quem era
O rei e a gente e terra que dissera;

LXV

E que, entanto, podia do trabalho
Passado ir repousar; e em tempo breve
Daria a seu despacho um justo talho,
20 Com que a seu rei reposta alegre leve.
Já nisto punha a noite o usado atalho
Às humanas canseiras, por que ceve
De doce sono os membros trabalhados,
Os olhos ocupando, ao ócio dados.

19. *Justo talho* = *justa decisão*.

LXVI

Agasalhados foram juntamente
O Gama e Portugueses no apouso
Do nobre regedor da índica gente,
Com festas e gèral contentamento.
5 O catual, no cargo diligente
De seu rei, tinha já por regimento
Saber da gente estranha — donde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.

LXVII

Tanto que os ígneos carros do fermoso
10 Mancebo Délio viu, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poder-se informar da gente nova.
Já lhe pergunta, pronto e curioso,
Se tem notícia inteira e certa prova
15 Dos estranhos, quem são, que ouvido tinha
Que é gente de sua Pátria mui vizinha;

LXVIII

Que particularmente ali lhe desse
Informação mui larga, pois fazia
Nisso serviço ao rei, por que soubesse
20 O que neste negócio se faria.
Monçaide torna: — «Posto que eu quisesse
Dizer-te disto mais, não saberia;
Sòmente sei que é gente lá de Espanha,
Onde o meu ninho e o Sol no mar se banha.

10. O mancebo Délio é o Sol ou Apolo, nascido de Latona, na Ilha de Delos, no mar Egeu.

LXIX

«Tem a lei dum Profeta que gèrado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da mãe, tal que por bafo está aprovado
Do Deus que tem no Mundo o regimento.
5 O que entre meus antigos é vulgado
Deles, é que o valor sanguinolento
Das armas no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece.

LXX

«Porque eles, com virtude sobre-humana,
10 Os deitaram dos campos abundosos
Do rico Tejo e fresca Guadiana,
Com feitos memoráveis e famosos;
E não contentes inda, na africana
Parte, cortando os mares procelosos,
15 Nos não querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades e altos muros.

3. *Por bafo*, ou seja, por *sopro* de Deus, dado por intermédio do Anjo Gabriel, foi, segundo o *Alcorão*, Cristo concebido no seio da Virgem Maria. A frase é obscura; na mesma palavra *aprovado* se exprime a ideia da concepção de Cristo e a da sua consagração como profeta.

8. *Se parece* = *se deixa ver*.

11. No género feminino de Guadiana deve ter influído a terminação em *a* da palavra, assim apostá a ribeira.

LXXI

«Não menos têm mostrado esforço e manha
Em quaisquer outras guerras que aconteçam,
Ou das gentes belígeras de Espanha,
Ou lá dalguns que do Pirene deçam.
5 Assi que nunca enfim com lança estranha
Se tem que por vencidos se conheçam;
Nem se sabe inda, não, te afirmo e asselo,
Pera estes Anibais nenhum Marcelo.

LXXII

«E se esta informação não for inteira
10 Tanto quanto convém, deles pretende
Informar-te, que é gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja e ofende.
Vai ver-lhe a frota, as armas e a maneira
Do fundido metal que tudo rende,
15 E folgarás de veres a polícia
Portuguesa na paz e na milícia.»

4. Gentes vindas de Além-Pirinéus intervieram na batalha de Aljubarrota e na continuação da luta, ao lado dos Castelhanos.

6. *Se tem* = *se sabe*.

8. Marcelo (Marco Cláudio) venceu Aníbal na segunda guerra púnica. Leia-se *Anibádis*, como manda o metro.

14. O *fundido metal* é a artilharia.

LXXIII

Já com desejos o idolatra ardia
De ver isto que o mouro lhe contava;
Manda equipar batéis, que ir ver queria
Os lenhos em que o Gama navegava.
5 Ambos partem da praia, a quem seguia
A naira geração, que o mar coalhava;
À capitaina sobem forte e bela,
Onde Paulo os recebe a bordo dela.

LXXIV

Purpúreos são os toldos, e as bandeiras
10 Do rico fio são que o bicho gera;
Nelas estão pintadas as guerreiras
Obras que o forte braço já fizera;
Batalhas têm campais aventureiras,
Desafios cruéis — pintura fera,
15 Que, tanto que ao gentio se apresenta,
Atento nela os olhos apacenta.

LXXV

Pelo que vê, pergunta; mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente
E que aquele deleite que tanto ama
20 A seita epicureia, experimente.

1. Leia-se *idolátra*, conformemente ao metro.
20. Os sectários de Epicuro — epicuristas — segundo o conceito vulgar, apreciavam sobremaneira os deleites da mesa.

Dos espumantes vasos se derrama
O licor que Noé mostrara à gente;
Mas comer o gentio não pretende,
Que a seita que seguia lho defende.

LXXVI

5 A trombeta, que, em paz, no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares;
Co'o fogo o diabólico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o gentio nota; mas o intento
10 Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens que, em retrato breve,
A muda poesia ali descreve.

LXXVII

Alça-se em pé, com ele o Gama junto,
Coelho de outra parte e o mauritano;
15 Os olhos põe no bélico transunto
De um velho branco, aspeito soberano,
Cujo nome não pode ser defunto
Enquanto houver no mundo trato humano;
No trajo a grega usança está perfeita;
20 Um ramo por insígnia na direita.

2. Segundo o *Génese*, cap. IX, foi Noé o primeiro a plantar a vinha e a embriagar-se com o vinho.

13-14. O Gama é Paulo da Gama; Coelho é o capitão da *Bérrio*, uma das caravelas da esquadra do Gama; o mauritano é o mouro Monçaide.

16. Na 1.^a ed. ocorre *aspecto venerando*, o que é evidente distração do Poeta. Foi Faria e Sousa que corrigiu para *soberano*, mas a ed. de 1651 traz *sobre-humano*.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

LXXVIII

Um ramo na mão tinha... Mas oh, cego
Eu, que cometo insano e temerário,
Sem vós, Ninfas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tão árduo, longo e váriol
5 Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar, com vento tão contrário,
Que, se não me ajudais, hei grande medo
Que o meu fraco batel se alague cedo.

LXXIX

Olhai que há tanto tempo que, cantando
10 O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,
A Fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo e novos danos:
Agora o mar, agora exprimentando
Os perigos mavórcios inumanos,
15 Qual Cãnace que à morte se condena,
Nũa mão sempre a espada e noutra a pena.

15. *Cãnace*, filha de *Éolo*, tendo tido relações incestuosas com seu irmão *Macaréu*, foi intimada a suicidar-se com a espada que o pai para tal efeito lhe enviou. Tinha a espada numa mão, quando com a outra escrevia a carta de despedida.

LXXX

Agora, com pobreza avorrecida,
Por hospícios alheios degradado;
Agora, da esperança já adquirida,
De novo mais que nunca derribado;
5 Agora, às costas escapando a vida,
Que dum fio pendia tão delgado,
Que não menos milagre foi salvar-se,
Que pera o rei judaico acrescentar-se!

LXXXI

E ainda, Ninfas minhas, não bastava
10 Que de tamanhas misérias me cercassem,
Senão que aqueles, que eu cantando andava,
Tal prémio de meus versos me tornassem:
A troco dos descansos que esperava,
Das capelas de louro que me honrassem,
15 Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram!

2. *Hospícios alheios* = terras estranhas.

5. *Escapando* (transitivo como *salvando* ou *furtando*) a vida às costas do mar ou seja em risco de succumbir, arrojada contra as costas do mar. Referência ao naufrágio que o Poeta sofreu na foz do Mecom.

8. *O rei judaico* é Ezequias, a quem Deus, movido por seus rogos, concedeu mais quinze anos de vida, além do momento em que a morte se lhe anunciava.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

LXXXII

Vede, Ninfas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar, com tais favores,
A quem os faz, cantando, gloriosos!
5 Que exemplos a futuros escritores,
Pera espertar engenhos curiosos,
Pera porem as cousas em memória
Que merecerem ter eterna glória!

LXXXIII

Pois logo, em tantos males, é forçado
10 Que só vosso favor me não faleça,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diversos engrandeça.
Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado
Que não no empregue em quem o não mereça,
15 Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

LXXXIV

Nem creiais, Ninfas, não, que fama desse
A quem ao bem comum e do seu rei
Antepuser seu próprio interesse,
20 Imigo da divina e humana lei.
Nenhum ambicioso que quisesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercícios
Usar mais largamente de seus vícios.

LXXXV

Nenhum que use de seu poder bastante
Pera servir o seu desejo feio,
E que, por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras que Proteio;
5 Nem, Camenas, também cuideis que cante
Quem, com hábito honesto e grave, veio,
Por contentar o rei no ofício novo,
A despir e roubar o pobre povo;

LXXXVI

Nem quem acha que é justo e que é direito
10 Guardar-se a lei do rei severamente,
E não acha que é justo e bom respeito
Que se pague o suor da servil gente;
Nem quem sempre, com pouco experto peito,
Razões aprende — e cuida que é prudente —
15 Pera taxar, com mão rapace e escassa,
Os trabalhos alheios que não passa.

4. *Vid.* 20, VI.

6-8. Tem-se julgado haver neste passo alusão aos irmãos Gonçalves da Câmara, de tão grande influência junto de D. Sebastião. Na expressão *hábito honesto e grave* pode, na verdade, ver-se alusão às suas vestes de clérigos, que ambos eram.

LXXXVII

Aqueles sós direi que aventuraram
Por seu Deus, por seu rei, a amada vida,
Onde, perdendo-a, em fama a dilataram,
Tão bem de suas obras merecida.
5 Apolo e as Musas, que me acompanharam,
Me dobrarão a fúria concedida,
Enquanto eu tomo alento, descansado,
Por tornar ao trabalho mais folgado.

6. Vld. 1.º v. de 5, l.

CANTO VIII.

I

Na primeira figura se detinha
O catual, que vira estar pintada,
Que por divisa um ramo na mão tinha,
A barba branca, longa e penteada.
5 Quem era e por que causa lhe convinha
A divisa que tem na mão tomada?
Paulo responde, cuja voz discreta
O mauritano sábio lhe interpreta:

II

— «Estas figuras todas que aparecem,
10 Bravos em vista e feros nos aspeitos,
Mais bravos e mais feros se conhecem,
Pela fama, nas obras e nos feitos;
Antigos são, mas inda resplandecem
Co'o nome entre os engenhos mais perfeitos.
15 Este que vês, é Luso, donde a fama
O nosso Reino «Lusitânia» chama.

15. *Donde...* = *por virtude de quem...*

16. O verbo *chamar* tem aqui regência idêntica à do verbo *denominar*.

III

«Foi filho e companheiro do Tebano
Que tão diversas partes conquistou;
Parece vindo ter ao ninho hispano,
Seguindo as armas, que contino usou.
5 Do Douro e Guadiana o campo ufano,
Já dito Elísio, tanto o contentou,
Que ali quis dar aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

IV

«O ramo que lhe vês, pera divisa,
10 O verde tirso foi, de Baco usado,
O qual à nossa idade amostra e avisa
Que foi seu companheiro e filho amado.
Vês outro, que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter tão longo mar arado,
15 Onde muros perpétuos edifica,
E templo a Palas, que em memória fica?

1. Vid. 21, III.

6. *Campo Elísio*, ou apenas *Elísio*, era o Céu gentílico e situava-se nas *Ilhas Fortunadas*. A identificação com a terra de Entre-Douro-e-Guadiana viria, talvez, da aproximação fonética com *Lisa* (Vid. 21, III).

10. Vid. 52, VII.

13-16. O Poeta refere-se a *Ulisses*, o mitológico fundador de Lisboa, onde se lhe atribui a fundação dum templo consagrado a *Minerva* cognominada *Palas* por ter morto o gigante deste nome, pai de *Aurora*.

V

«Ulisses é o que faz a santa casa
À deusa que lhe dá língua facunda;
Que se lá na Ásia Tróia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.»

5 — «Quem será estoutro cá, que o campo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as águias nas bandeiras têm pintadas!»

VI

Assi o gentio diz. Responde o Gama:

10 — «Este que vês, pastor já foi de gado;
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais que no cajado;

1-2. *Minerva* era a deusa da sabedoria, da guerra e das artes. O *facundo* *Ulisses* dela havia recebido o dom da eloquência.

7. *Batalhas* = *exércitos*.

8. O Poeta refere-se aos exércitos romanos, que tinham como insígnia uma águia de metal.

11. Viriato, o herói lusitano que defendeu a Península contra os Romanos, era pastor dos Montes Hermínios ou Serra da Estrela.

12. A *lança* e o *cajado* opõe-se como as profissões que simbolizam — a militar e a pastoril.

Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencível, afamado.
Não têm co'ele, nem ter puderam
O primor que com Pirro já tiveram.

VII

5 «Com força não, com manha vergonhosa
A vida lhe tiraram que os espanta,
Que o grande aperto, em gente inda que honrosa,
Às vezes leis magnânimas quebranta.
Outro está aqui que, contra a pátria irosa,
10 Degradado, connosco se levanta;
Escolheu bem com quem se levantasse,
Pera que eternamente se illustrasse.

4. Fabrício, general romano, mandou entregar a Pirro, rei do Epiro, com quem andava em guerra, um médico que veio oferecer-se para lhe envenenar à traição o adversário. O Poeta observa que o mesmo primor não tiveram os Romanos com Viriato, morto à falsa fé por três dos seus cabos de guerra, a soldo do general romano Quinto Servílio Cipião.

9-12. O Poeta alude a Sertório, partidário de Mário na primeira guerra civil, e que, proscrito por Sila, em 82 A. de C., foi chamado de África para acaudilhar os Lusitanos. Depois de alguns anos de lutas vitoriosas contra os generais romanos, foi traiçoeiramente assassinado por Perpenna, no ano de 72.

VIII

«Vês, connosco também vence as bandeiras
Dessas aves de Júpiter validas;
Que já naquele tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas.
5 Olha tão sotis artes e maneiras
Pera adquirir os povos, tão fingidas:
A fatídica cerva que o avisa.
Ele é Sertório, e ela a sua divisa.

IX

«Olha estoutra bandeira, e vê pintado
10 O grão progenitor dos reis primeiros:
Nós úngaro o fazemos, porém nado
Crêm ser em Lotaríngia os Estrangeiros.

5-8. Refere Plutarco que Sertório tinha uma cerva domesticada, que o acompanhava por toda a parte, fingindo nela espírito divino (parafraseando Camões), para maior ascendente sobre os soldados, que o criam inspirado por ela. Por isso o Poeta lhe chama *fatídica*, no sentido de que anunciava o que os Fados determinavam.

10-12. D. Henrique, pai de D. Afonso Henriques, segundo a tradição referida pelo Poeta e que ele podia colher em Duarte Galvão, era segundo filho dum rei da Ungria (*Vid.* 25, III). Nesta estrofe, porém, o Poeta aponta-lhe ascendência lotaríngia — e é a que também se lhe atribui no *Vicentius*, de André de Resende, outro livro do seu conhecimento. Está apurado que era filho do Duque de Borgonha, Roberto, irmão de Henrique, rei de França.

Despois de ter, co'os Mouros, superado
Galegos e lioneses cavaleiros,
À Casa Santa passa o santo Henrique,
Por que o tronco dos reis se santifique.»

X

5 — «Quem é, me dize, estoutro que me espanta —
Pergunta o malabar maravilhado —,
Que tantos esquadrões, que gente tanta,
Com tão pouca, tem roto e destroçado?
Tantos muros aspérrimos quebranta,
10 Tantas batalhas dá, nunca cansado,
Tantas coroas tem, por tantas partes,
A seus pés derribadas, e estandartes!»

XI

— «Este é o primeiro Afonso — disse o Gama —
Que todo Portugal aos Mouros toma:
15 Por quem no Estígio Lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma.

3. Camões refere-se à ida de D. Henrique à Terra Santa. *Vid.* 27, III.

15. O *Estígio Lago* = o *Inferno*. O juramento pela ribeira *Estige*, (o mesmo que o *Estígio Lago*) era o mais sagrado entre os deuses.

Este é aquele zeloso a quem Deus ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Pera quem de seu Reino abaxa os muros,
Nada deixando já pera os futuros.

XII

5 «Se César, se Alexandre rei, tiveram
Tão pequeno poder, tão pouca gente,
Contra tantos imigos quantos eram
Os que desbaratava este excelente,
Não creias que seus nomes se estenderam
10 Com glórias imortais tão largamente.
Mas deixa os feitos seus inexplicáveis,
Vê que os de seus vassallos são notáveis.

1-4. O sentido é: «Este é aquele zeloso [da sua Fé], a quem Deus ama e que com o auxilio do braço divino doma o Mouro inimigo, para em glória do mesmo Deus arrasar os muros do seu Reino (do Mouro), nada deixando aos vindouros (por arrasar).

O Poeta hiperboliza. Mesmo considerando que apenas falasse do Reino de Portugal, excluindo o do Algarve, a verdade é que daquele deixou para as empresas militares dos seus sucessores a faixa oriental do Alentejo — Elvas, Juromenha, Moura e Mértola.

XIII

Este que vês olhar com gesto irado
 Pera o rompido aluno mal sofrido,
 Dizendo-lhe que o exército espalhado
 Recolha, e torne ao campo defendido;
 5 Torna o moço, do velho acompanhado,
 Que vencedor o torna de vencido:
 Egas Moniz se chama o forte velho,
 Pera leais vassalos claro espelho.

XIV

«Vê-lo cá vai co'os filhos a entregar-se,
 10 A corda ao colo, nu de seda e pano,
 Porque não quis o moço sujeitar-se,
 Como ele prometera, ao Castelhana.
 Fez com siso e promessas levantar-se
 O cerco, que já estava soberano;
 15 Os filhos e mulher obriga à pena:
 Pera que o senhor salve, a si condena.

1-8. O vassalo é Egas Moniz e o *aluno rompido* (*pupilo desbaratado*) é D. Afonso Henriques. Na batalha de S. Mamede, entre o rei e sua mãe, conta Duarte Galvão que o aio encontrou o rei vencido. Tendo-lhe censurado não ter esperado a sua chegada, incitou-o a voltar ao combate, acompanhado por ele, e assim lhe condicionou a vitória. O período é irregular na construção: *Este*, destinado a sujeito de oração, no princípio do 1.º verso, é esquecido, por virtude dos vários incidentes.

14. *Soberano* = *vencedor*. O quadro descrito nesta estrofe é o episódio contado de 35 a 41, III.

XV

«Não fez o cônsul tanto, que cercado
Foi nas Forcas Caudinas, de ignorante,
Quando a passar por baxo foi forçado
Do samnítico jugo triunfante.

5 Este, pelo seu povo injuriado,
A si se entrega só, firme e constante;
Estoutro a si e os filhos naturais
E a consorte sem culpa, que dói mais.

XVI

«Vês este que, saindo da cilada,
10 Dá sobre o rei que cerca a vila forte?
Já o rei tem preso, e a vila descercada:
Ilustre feito, digno de Mavortel

1-4. Em 321 A. de C., na guerra entre os Romanos e os Samnitas, o cônsul romano Espúrio Postúmio foi por ardil tomado num desfiladeiro perto de *Caudium*, chamado *Furculae Caudinae*. Como condição de paz, foi-lhe imposto passar com o exército sob o *jugo*, designação de uma armação militar de três lanças, duas pregadas no chão e outra atravessada em cima, por onde faziam passar os vencidos. O senado não aceitou as condições pactuadas, mandando entregar ao inimigo quem por ele se deixara enganar.

8. *Que*, neste caso, equivale a *o que*, na sintaxe quinhentista.

11. O rei preso por Fuas Roupinho é o rei mouro de Cáceres e Valência de Alcântara que, atravessando o Tejo, levou suas armas até Porto-de-Mós, confiado a D. Fuas Roupinho. Este, deixando o castelo com uma guarnição, saiu para a serra próxima (*Amendigua*), donde pediu auxílio a Alcaneide e Santarém. Logo que este chegou, esperou a manhã para atacar os sitiantes, que foram vencidos, e o seu rei preso.

Vê-lo cá vai pintado nesta armada,
No mar também aos Mouros dando a morte,
Tomando-lhe as galés, levando a glória
Da primeira marítima vitória:

XVII

5 «É Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar resplandece juntamente,
Co'o fogo que acendeu junto da serra
De Abila, nas galés da maura gente.
Olha como, em tão justa e santa guerra,
10 De acabar pelejando está contente!
Das mãos dos Mouros entra a felice alma,
Triunfando, nos Céus, com justa palma.

5-8. Andando D. Fuas como almirante a percorrer com suas galés a costa do Algarve, resolveu ir a Ceuta atacar fustas da armada dos Mouros, tendo-as tomado com outros navios grandes que trouxeram para Lisboa. Vingaram-se os Mouros, atacando as galés de D. Fuas Roupinho, o qual, nada sabendo nem das forças superiores nem dos propósitos dos Mouros, foi facilmente desbaratado e ele próprio morto. Sobre Ábila, veja-se 49. IV.

XVIII

«Não vês um ajuntamento, de estrangeiro
Trajo, sair da grande armada nova,
Que ajuda a combater o rei primeiro
Lisboa, de si dando santa prova?
5 Olha Henrique, famoso cavaleiro,
A palma que lhe nace junto à cova!
Por eles mostra Deus milagre visto;
Germanos são os mártires de Cristo.

XIX

«Um sacerdote vê, brandindo a espada
10 Contra Arronches, que toma, por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enresta a lança:
E Teotónio Prior. Mas vê cercada
Santarém, e verás a segurança
15 Da figura nos muros que, primeira
Subindo, ergueu das quinas a bandeira.

1-4. Releia-se, sobre a conquista de Lisboa, de 57 a 60, III.

5. D. Henrique, natural de Bona, era um dos cruzados germânicos que entraram no cerco de Lisboa. Diz uma lenda registada por Duarte Galvão, que lhe nasceu junto à cova uma palma por que se operavam muitos milagres.

7. *Por eles* = *pelos do ajuntamento*, que era não apenas de Alemães, mas também de Inglozes e Franceses.

12. *Enresta* = *enrista*.

13. Teotónio era prior de Santa Cruz, de Coimbra.

15-16. A ordem é: *Da figura que, subindo primeira, ergueu nos muros a bandeira das Quinas*.

XX

«Vê-lo cá — donde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandália em fera guerra —
Os imigos rompendo, o alferes mata
E hispálico pendão derriba em terra:
5 Mem Moniz é, que em si o valor retrata
Que o sepulcro do pai co'os ossos cerra;
Digno destas bandeiras, pois sem falta
A contrária derriba e a sua exalta.

XXI

«Olha aquele que dece pela lança,
10 Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas e ousadias;

1-4. *Vê-lo cá*, como pela pontuação se vê, refere-se a Mem Moniz, que é quem, segundo a *Crónica* de Duarte Galvão, rompendo pelos Mouros até chegar ao alferes que empunhava o pendão de *Hispalis* (Sevilha), deu com ele e com o alferes em terra.

2. Sobre Vandália, veja-se 60, III.

5-6. Mem Moniz, filho de Egas Moniz, retratava em si o valor paterno, que juntamente com os ossos o sepulcro encerrava.

7. *Sem falta* = *sem dúvida*.

Estr. XXI. Esta estrofe tenta resumir a narrativa de A. de Resende, que a inspirou: Giraldo sem Pavor, no propósito da conquista de Évora, começou por tomar a atalaia da torre do outeiro de S. Bento, que assinalava à torre da cidade os movimentos de tropas no seu campo de observação.

Aproximando-se, de noite, do outeiro, mandou que o esperassem os cavaleiros que o acompanhavam, e ei-lo que, por meio de estacas que metia nos buracos da torre, con-

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

segue trepar até onde dormia a filha do vigia, que por tal forma rendia o pai, igualmente a dormir.

Atira a moça torre abaixo, corta a cabeça ao mouro, e tendo descido, corta igualmente a da rapariga, e «com elas ambas nas mãos se tornou» ao encontro dos companheiros da aventura. Com eles sobe agora à torre, de onde faz à cidade o sinal de que para o lado oposto — o do Espinheiro — passam cavaleiros cristãos (os quais, para complemento da cilada, por lá tinha mandado passar). A cidade apelidada, alvoroça-se na perseguição dos cavaleiros — deixando abertas as portas à audácia de Giraldo e companheiros, emboscados.

Tentar meter este episódio nos quatro primeiros versos da estrofe, já se deixa ver que era condenar o leitor, para os compreender, a representar-se pela memória ou pela imaginação aquilo que o catual via pintado na bandeira. Daí a necessidade de desbobrar o que densamente se atafulha na meia estrofe camoneana.

Descer pela lança = (por meio da lança, a substituir as estacas de Resende), e com as duas cabeças na mão, era dificuldade que o Poeta não queria ajuntar às inevitáveis no empreendimento. Para a eliminar, supôs José Maria Rodrigues que o quadro fosse desdobrado em tríptico: olha-o aqui *descendo pela lança...* olha-o nesta outra parte *com as duas cabeças dos vigias...* olha-o agora, *onde a cilada esconde...* Epifânio sorri da interpretação e propõe: «Põe-nos (Camões) pois diante dos olhos — *in medias res auditorem rapit* — Giraldo já a descer o outeiro com o auxílio da lança que lhe servira também à subida, levando aos seus cavaleiros a prova de que os vigias não podiam atravessar-lhe o estratagema...» Atribui ainda à palavra *onde* do 3.º verso, o sentido de *com o que*, como em VII, 87, 3. Nós cremos não haver necessidade de supor o tríptico. No quadro podia muito bem o episódio ser dado em síntese tão apertada como a da estrofe — o herói descendo a torre já com as duas cabeças; mesmo, porém, que o não fosse, e o pintor o representasse já na descida do outeiro, o Poeta poderia pôr na boca de P. da Gama as palavras que completassem o que na bandeira não tinha representação. *Onde*, a que aliás, no passo apontado do canto anterior, não é necessário atribuir o sentido que Epifânio lhe dá, pode muito bem ter na estrofe o sentido

Ela por armas toma a semelhança
Do cavaleiro que as cabeças frias
Na mão levava (feito nunca feito!):
Giraldo Sem-pavor é o forte peito.

XXII

- 5 «Não vês um castelhano, que, agravado
De Afonso nono, rei, pelo ódio antigo
Dos de Lara, co'os Mouros é deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes vila toma, acompanhado
10 Dos duros infiéis que traz consigo;
Mas vês que um português com pouca gente
O desbarata e o prende ousadamente.

de lugar em que, se suposermos que o quadro representava num plano a torre de vigia e noutro, o do fundo, a torre da cidade. Seria então: Olha onde [e como] prepara escondidamente a cilada o que desce pela lança, com as duas cabeças...

1-3. Referência ao escudo da cidade de Évora, onde, na verdade, figura Giraldo sem Pavor empunhando as duas cabeças.

3. *Feito nunca feito* é trocadilho. A palavra que parece repetir-se tem primeiro o sentido de substantivo e depois o de participio.

5-8. O episódio é contado por Pina. O cavaleiro *deitado* = (*bandeado*) com os Mouros era D. Pedro Fernandes de Castro, inimigo dos Condes de Lara, de que provinha a rainha portuguesa D. Mafalda, mulher de D. Sancho I.

XXIII

«Martim Lopes se chama o cavaleiro
Que destes levar pouda a palma e o louro.
Mas olha um eclesiástico guerreiro,
Que em lança de aço torna o bago de ouro:
5 Vê-lo, entre os duvidosos, tão inteiro
Em não negar batalha ao bravo Mouro;
Olha o sinal no céu que lhe aparece,
Com que nos poucos seus o esforço crece.

XXIV

«Vês, vão os reis de Córdoba e Sevilha
10 Rotos, co'os outros dous, e não de espaço.
Rotos? mas antes mortos: maravilha
Feita de Deus, que não de humano braço!

3-XXIV. O *guerreiro eclesiástico* que torna o *bago* (< *bagoo* < *baculo*) em lança é o bispo de Lisboa D. Sueiro (e não D. Mateus). Tinham as forças portuguesas e os cruzados estrangeiros por seu incitamento começado o assédio a Alcácer, quando souberam que vinham contra eles os reis de Sevilha, Córdoba, Jaena e Badalhouce (Badajoz). Aterrados, foi o bispo que, *inteiro entre os duvidosos* (= *destemido entre os hesitantes*) os persuadiu a defrontar as forças que os ameaçavam. Ao cabo da sua oração, se diz que «logo apareceu publicamente no Céu um maravilhoso sinal, a saber, um homem resplandecente como o Sol... no peito trazia o sinal da Cruz... com que os Cristãos foram muito alegres e esforçados...».

7. A ordem é... o sinal que lhe aparece no céu...

10. E não de espaço = e não com intervalo, um após outro.

Vês, já a vila de Alcácere se humilha,
Sem lhe valer defesa ou muro de aço,
A Dom Mateus, o bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma ali coroa.

XXV

5 «Olha um mestre que dece de Castela,
Português de nação, como conquista
A terra dos Algarves, e já nela
Não acha quem por armas lhe resista;
Com manha, esforço e com benigna estrela,
10 Vilas, castelos, toma a escala vista.
Vês Tavila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores;

3. O Poeta, confiado em Pina, errou o nome do bispo, que era D. Sueiro. D. Mateus governou o bispado já no tempo de D. Afonso III e D. Dinis. Assim o prova D. Rodrigo da Cunha — *Hist. Ecclesiast. da Igr. de Lisboa*.

4. *Vid.* acima a expressão *feito nunca feito*.

5. D. Paio Correia era mestre da Ordem de Avis, que é a de Santiago em Castela — diz Rui de Pina (*Crón. de D. Afonso III*).

10. *A escala vista* = com as escadas de assalto à vista dos defensores, portanto de dia, sem cilada. *A* é a preposição.

11. *Tavila* é a forma corrente no tempo de Camões, por *Tavira*.

12. É Pina que refere a lenda dos seis caçadores e um mercador que, surpreendidos por Mouros, *fizeram palanque*, ou seja *estacada* em torno, mas sucumbiram e foram todos mortos, em vingança do que a vila foi tomada.

XXVI

«Vês, com bélica astúcia ao Mouro ganha
Silves, que ele ganhou com força ingente:
É Dom Paio Correia, cuja manha
E grande esforço faz inveja à gente.
5 Mas não passes os três que em França e Espanha
Se fazem conhecer perpétuamente
Em desafios, justas e tornéus,
Nelas deixando públicos troféus.

XXVII

«Vê-los, co'o nome vêm de aventureiros
10 A Castela, onde o preço sós levaram
Dos jogos de Belona verdadeiros,
Que com dano de alguns se exercitaram;

5. Os três justadores a que o Poeta se refere, ainda aqui seguindo a Pina, são Gonçalo Rodrigues Ribeiro, Vasco Eanes e Fernão Martins de Santarém.

9. *Aventureiros* = *cavaleiros andantes*. Por espírito de aventura, procuravam ocasiões para ganhar honra em feitos de armas, no próprio ou alheios países.

11. *Belona* era na Itália a deusa da guerra. Os seus jogos são os feitos de armas.

Vê mortos os soberbos cavaleiros
Que o principal dos três desafiaram,
Que Gonçalo Ribeiro se nomeia,
Que pode não temer a lei leteia.

XXVIII

5 «Atenta num que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta;
Que a Pátria, que de um fraco fio pende,
Sobre seus duros ombros a sustenta.
Não no vês, tinto de ira, que reprende
10 A vil desconfiança, inerte e lenta,
Do povo, e faz que tome o doce freio
De rei seu natural, e não de alheio?

3. É Gonçalo Rodrigues Ribeiro o cavaleiro de quem mais largamente se ocupa o cronista, que lhe atribui, entre outras façanhas, ter vencido o *grado de melhor justador* numas justas reais na cidade espanhola de Leão.

4. A *lei leteia* é a lei do esquecimento, pela morte. *Letes* é o rio do Inferno, para além do qual não há memória da vida. A ideia é que o cavaleiro será sempre lembrado.

5-6. O Poeta refere-se a D. Nuno Álvares Pereira. O sujeito da oração relativa pode ser *que*, como pensa Epifânio, referido a *num* (D. Nuno), e seria também este o sujeito de *se contenta*. Mas parece mais razoável seja o sujeito *fama*. Tanto a fama lhe prolonga a memória através dos séculos, que com nenhum outro dos heróis passados tanto ela se mostra contente.

9-12. *Vid.* canto IV, estrofes 14-21.

XXIX

«Olha, por seu conselho e ousadia,
De Deus guiada só e de santa estrela,
Só pode o que impossíbil parecia:
Vencer o povo ingente de Castela.
5 Vês, por indústria, esforço e valentia,
Outro estrago e vitória clara e bela
Na gente, assi feroz como infinita,
Que entre o Tarteso e Guadiana habita.

XXX

«Mas não vês quase já desbaratado
10 O poder lusitano, pela ausência
Do capitão devoto, que, apartado,
Orando invoca a suma e trina Essência?
Vê-lo com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistência
15 Contra poder tamanho, e que viesse,
Por que consigo esforço aos fracos desse.

6. O outro *estrago* ou derrota castelhanha é a batalha de Valverde, onde decorre o episódio a que o Poeta alude na estrofe seguinte.

8. Tarteso ou Tartesso era o antigo nome de Guadalquivir, que também foi chamado Bétis.

XXX. O episódio é contado por Fernão Lopes e deu-lhe um grande relevo literário Oliveira Martins, na *Vida de Nun'Alvares*. «*Entonce... Rui Gonçalves se trabalhou de saber dele parte, andando-o buscando trigoso, foi-o achar fora da hoste... con os giolhos postos em terra, e as mãos e os olhos alçados ao Céu... e chegou-se a ele... e lhe disse o dano que neles fariam; e ele muito quedo revolveu o rosto e mansamente respondeu e disse: Rui Gonçalves amigo, inda non é tempo; aguardai um pouco e acabarei de orar*». (F. Lopes, D. João I, II, 57).

XXXI

- «Mas olha com que santa confiança,
Que «inda não era tempo» respondia,
Como quem tinha em Deus a segurança
Da vitória que logo lhe daria.
5 Assi Pompílio, ouvindo que a possança
Dos inimigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
«Pois eu — responde — estou sacrificando».

XXXII

- «Se quem com tanto esforço em Deus se atreve,
10 Ouvir quiseses como se nomeia,
«Português Scipião» chamar-se deve,
Mas mais de «Dom Nuno Alvares» se arreia.
Ditosa pátria que tal filho teve!
Mas antes, pai; que, enquanto o Sol rodeia
15 Este globo de Ceres e Neptuno,
Sempre suspirará por tal aluno!

5. Numa Pampílio foi o segundo rei de Roma. O episódio é contado na biografia que dele fez Plutarco.

11. Públio Cornélio Cipião foi o vencedor de Aníbal, invasor da Itália, como Nuno Alvares venceu D. João I de Castela, invasor de Portugal.

15. *Ceres* é a deusa das searas, *Neptuno* o deus do mar. Estão pois representadas neles a parte líquida e terrestre do globo.

16. *Aluno* = *filho*. É um latinismo.

XXXIII

«Na mesma guerra vê que presas ganha
Estoutro capitão de pouca gente;
Comendadores vence, e o gado apanha
Que levavam roubado ousadamente;
5 Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar com amor ardente
O preso amigo, preso por leal:
Pero Rodrigues é do Landroal.

3. Os *comendadores* a que se alude são os de Salamanca e Calatrava. Invadindo a comarca de Évora, levavam já como presa de guerra «cinco mil ovelhas e mil e quinhentas cabras», quando lhes saiu ao encontro o alcaide do Alandroal, Pero Rodrigues, e os desbaratou, reavendo a presa.

6-8. *Destes* [mesmos comendadores]. O episódio agora referido é o da libertação pelo mesmo alcaide do seu amigo Álvaro Gonçalves Coitado, que os referidos comendadores levavam preso para Olivença, por vingança de Vasco Porcalho. Este Porcalho, de Vila-Viçosa, suspeito de vendido a Castela, havia sido obrigado por Álvaro Gonçalves a entregar o castelo desta vila. Restituído na sua alcaidaria pelo Mestre de Avis, a quem conseguiu iludir, fez prender a Álvaro Gonçalves, que, de combinação com o rei castelhano, enviava para Olivença, quando o libertou Pero Rodrigues.

XXXIV

«Olha este desleal o como paga
O perjúrio que fez e vil engano;
Gil Fernandes é de Elvas quem o estraga
E faz vir a passar o último dano;
5 De Xerez rouba o campo e quase alaga
Co'o sangue de seus donos castelhano.
Mas olha Rui Pereira, que co'o rosto
Faz escudo às galés, diante posto.

1. O *desleal* é Paio Rodrigues, alcaide de Campo-Maior. Como Gil Fernandes lhe fosse propor, em nome do Mestre de Avis, que alçasse voz por ele, Mestre, foi pelo alcaide traiçoeiramente preso, e só libertado por meio do resgate de duas mil dobras. Mais tarde, em recontro que houve entre os cavaleiros de G. Fernandes e os de P. Rodrigues, aquele derrubou este do cavalo e um dos seus escudeiros, como ele vítima da mesma traição, matou-o e cortou-lhe a cabeça.

3. *Estraga* = *cava a ruína*.

5-6. O mesmo G. Fernandes invadiu depois os campos de Xerez, deles trazendo grande presa de vacas e de ovelhas, além de prisioneiros. Acometido pelos Castelhanos, conseguiu derrotá-los. (Vid F. Lopes, *Crónica de D. João I*, I-107).

6. A ordem é: *Co'o sangue castelhano de seus donos* (do campo de Xerez).

7-8. Rui Pereira, segundo narra F. Lopes, apresando com as suas algumas galés castelhanas, tornou possível a passagem das naus portuguesas.

XXXV

«Olha que dezassete lusitanos,
Neste outeiro subidos, se defendem,
Fortes, de quatrocentos castelhanos,
Que em derredor, pelos tomar, se estendem;
5 Porém logo sentiram, com seus danos,
Que não só se defendem, mas ofendem:
Digno feito de ser, no mundo, eterno,
Grande no tempo antigo e no moderno!

XXXVI

«Sabe-se antigamente que trezentos
10 Já contra mil romanos pelejaram,
No tempo em que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se ilustraram,
E deles alcançando vencimentos
Memoráveis, de herança nos deixaram
15 Que os muitos, por ser poucos, não temamos,
O que depois mil vezes amostramos.

1-6. O facto passou-se em Almada. Faltando água, dezassete homens vieram por ela à ribeira, descendo uma barroca, onde foram atacados pelos Castelhanos, emboscados entre os penedos. Morream três portugueses e os restantes catorze ficaram mal-feridos de setas e dardos. Diz o cronista, porém, que os castelhanos eram, não quatrocentos, mas uns cem.

4. *Pelos tomar*=para os tomar.

9. O advérbio não afecta a forma verbal *sabe-se*, mas *pelejaram*. O episódio é contado por Eutrópio, com aditamento de Paulo Diácono.

11. O adjectivo *viris* parece mostrar presente no espírito de Camões o étimo que em III, 23 ele atribui ao nome de Viriato.

XXXVII

«Olha cá dous infantes, Pedro e Henrique,
Progénie generosa de Joane:
Aquele faz que fama ilustre fique
Dele em Germânia, com que a morte engane;
5 Este, que ela nos mares o pubrique
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a maura tímida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

XXXVIII

«Vês o conde Dom Pedro, que sustenta
10 Dous cercos contra toda a Barbaria.
Vês, outro conde está, que representa
Em terra Marte, em forças e ousadia;

1. O Infante D. Pedro distinguiu-se por suas longas viagens, de que o povo guarda a memória, attribuindo-lhe ter percorrido as *Sete Partidas do Mundo*. Na Alemanha praticou feitos com que se subtrai à lei da morte (*com que a morte engana*), em auxilio do Imperador Sigismundo († 1437) contra Turcos e Venezianos.

5-8. Vid em V, 4 o mesmo conceito do Infante D. Henrique como iniciador dos descobrimentos marítimos, e a referência em IV, 49 à sua acção em Ceuta.

9. Referência a D. Pedro de Meneses, († 1437), primeiro capitão de Ceuta. É Zurara que escreve a sua *Crónica*.

11. É o conde de Viana, D. Duarte de Meneses, filho natural do conde D. Pedro de Meneses. Capitão de Alcácer-Seguer, defendeu esta praça pelo modo referido pela *Crónica* que sobre ele escreveu o mesmo Zurara

De poder defender se não contenta
Alcáçare, da ingente companhia,
Mas do seu rei defende a cara vida,
Pondo por muro a sua, ali perdida.

XXXIX

- 5 «Outros muitos verias, que os pintores
Aqui também por certo pintariam,
Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe cores:
Honra, prémio, favor, que as artes criam.
Culpa dos viciosos sucessores,
10 Que degeneram, certo, e se desviam
Do lustre e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

XL

- «Aqueles pais ilustres que já deram
Princípio à geração que deles pende,
15 Pela virtude muito então fizeram
E por deixar a casa que descende.
Cegos, que, dos trabalhos que tiveram,
Se alta fama e rumor deles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
20 Com lhe deixar descansos corruptores!

3-4. Assim o refere a *Crónica* do mesmo conde. É sabido que D. Afonso V foi à África duas vezes. Foi na segunda vez que o facto succedeu, na serra de Benacofu. *Vid.* — Cap. CLIV.

19. *Menores* = *descendentes*, é latinismo.

XLI

«Outros também há grandes e abastados,
Sem nenhum tronco ilustre donde venham:
Culpa de reis, que às vezes a privados
Dão mais que a mil que esforço e saber tenham.
5 Estes os seus não querem ver pintados,
Crendo que cores vãs lhe não convenham,
E, como a seu contrário natural,
À pintura que fala querem mal.

XLII

«Não nego que há contudo descendentes
10 De generoso tronco e casa rica,
Que, com costumes altos e excelentes,
Sustentam a nobreza que lhe fica;
E se a luz dos antigos seus parentes
Neles mais o valor não clarifica,
15 Não falta, ao menos, nem se faz escura;
Mas destes acha poucos a pintura.»

6. *Cores vãs* = quadros ou retratos falsos, como seriam os que representassem com nobreza antepassados destituídos dela.

16. O Poeta, vítima da incompreensão dos seus contemporâneos, não os poupa à censura. O poema, em mais de um passo, bem parece dirigido a escarmentar os epígonos dos heróis, a cuja inferioridade o seu amigo Diogo de Couto deu tão crua evidência no *Soldado Prático*.

XLIII

Assi está declarando os grandes feitos
O Gama, que ali mostra a vária tinta
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos,
Do singular artífice ali pinta.

5 Os olhos tinha prontos e direitos
O catual na história bem distinta;
Mil vezes perguntava e mil ouvia
As gostosas batalhas que ali via.

XLIV

Mas já a luz se mostrava duvidosa,
10 Porque a alâmpada grande se escondia
Debaxo do horizonte, e luminosa
Levava aos antípodas o dia,
Quando o gentio e a gente generosa
Dos naires da nau forte se partia,
15 A buscar o repouso que descansa
Os lassos animais, na noite mansa.

13. O gentio é o catual

XLV

Entretanto, os arúspices, famosos
Na falsa opinião, que em sacrifícios
Antevêm sempre os casos duvidosos
Por sinais diabólicos e indícios,
5 Mandados do rei próprio, estudiosos
Exercitavam a arte e seus ofícios
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que às suas terras vem da ignota Espanha.

XLVI

Sinal lhe mostra o Demo, verdadeiro,
10 De como a nova gente lhe seria
Jugo perpétuo, eterno cativoiro,
Destruição de gente e de valia.
Vai-se espantado o atónito agoureiro
Dizer ao rei (segundo o que entendia)
15 Os sinais temerosos que alcançara
Nas entranhas das vítimas que olhara.

1. Os *arúspices* prediziam o futuro, observando as entranhas das vítimas dos sacrifícios para tal efeito realizados. Barros apenas se refere a consulta dos Mouros a «um dos que usam o ofício da Astrologia e doutras artes que daqui dependem», o qual em um vaso de água mostrara as naus perdidas e mais outras à vela que dizia partirem de mui longe para vir à Índia, que a gente delas seria total destruição dos Mouros daquelas partes».

5. *Estudiosos* = *zelosos*.

XLVII

A isto mais se ajunta que um devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos ódios concebidos não remoto
Contra a divina Fé, que tudo excede,
5 Em forma do Profeta falso e noto
Que do filho da escrava Agar procede,
Baco odioso em sonhos lhe aparece,
Que de seus ódios inda se não dece.

XLVIII

E diz-lhe assi: — «Guardai-vos, gente minha,
10 Do mal que se aparelha pelo imigo
Que pelas águas húmidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo!»
Isto dizendo, acorda o mouro asinha,
Espantado do sonho, mas consigo
15 Cuida que não é mais que sonho usado;
Torna a dormir quieto e sossegado.

3. Não remotos dos ódios concebidos contra a divina Fé = comungando nos ódios, etc.

5-6. O Profeta falso e noto (=célebre) é Maomé.

10. ...se aparelha = é aparelhado. Vid. I, 52, 4.º.

11. Águas húmidas é redundância sugerida pela expressão *Maria Umida*, de Virgílio — lembra Epifânio.

13. O sujeito de gerúndio é Baco.

XLIX

Torna Baco dizendo: — «Não conheces
O grão legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual fôreis muitos baptizados?
5 Eu por ti, rudo, velo, e tu adormeces?
Pois saberás que aqueles que chegados
De novo são, serão mui grande dano
Da lei que eu dei ao néscio povo humano.

L

«Enquanto é fraca a força desta gente,
10 Ordena como em tudo se resista;
Porque, quando o Sol sai, facilmente
Se pode nele pôr a aguda vista;
Porém, depois que sobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
15 Tão cega fica, quanto ficareis
Se raízes criar lhe não tolheis.»

LI

Isto dito, ele e o sono se despede.
Tremendo fica o atónito agareno;
Salta da cama, lume aos servos pede,
20 Lavrando nele o férvido veneno.
Tanto que a nova luz que ao Sol precede
Mostrara o rosto angélico e sereno,
Convoca os principais da torpe seita,
Aos quais do que sonhou dá conta estreita.

LII

Diversos pareceres e contrários
Ali se dão, segundo o que entendiam;
Astutas traições, enganos vários,
Perfídias inventavam e teciam;
5 Mas, deixando conselhos temerários,
Destruição da gente pretendiam
Por manhas mais sotis e ardis milhores,
Com peitas adquirindo os regedores.

LIII

Com peitas, ouro e dádivas secretas
10 Conciliam da terra os principais,
E com razões notáveis e discretas
Mostram ser perdição dos naturais,
Dizendo que são gentes inquietas
Que, os mares percorrendo ocidentais,
15 Vivem só de piráticas rapinas,
Sem rei, nem leis humanas ou divinas.

LIV

Oh, quanto deve o rei, que bem governa,
De olhar que os conselheiros ou privados,
De consciência e de virtude interna
20 E de sincero amor sejam dotados!

3. *Traições* é trissílabo. A palavra vem de *traditiones*, e por muito tempo, depois da queda do *d*, se compreende os fonemas *a* e *i* se mantivessem sem formar ditongo.

Porque, como estê posto na superna
Cadeira, pode mal, dos apartados
Negócios, ter notícia mais inteira
Do que lhe der a língua conselheira.

LV

5 Nem tampouco direi que tome tanto
Em grosso a consciência limpa e certa,
Que se enleve num pobre e humilde manto
Onde ambição acaso ande encoberta.
E quando um bom em tudo é justo e santo,
10 Em negócios do mundo pouco acerta,
Que mal co' eles poderá ter conta
A quieta inocência, em só Deus pronta.

LVI

Mas aqueles avaros catuais,
Que o gentílico povo governavam,
15 Induzidos das gentes infernais,
O português despacho dilatavam.
Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que levar a seu rei um sinal certo
20 Do mundo que deixava descoberto,

1. *Estê* = *esteja*.

7. *O pobre e humilde manto* é o hábito eclesiástico. O passo pode associar-se aos que têm sido invocados como demonstrativos da antipatia do Poeta pelos dois irmãos Câmaras, que dominavam na corte de D. Sebastião.

13. *Catuais* é designação imprópria, porque só havia um. O Poeta estende-a aos altos funcionários que tiveram influência no ânimo do samorim.

LVII

Nisto trabalha só, — que bem sabia
Que, depois que levasse esta certeza,
Armas e naus e gentes mandaria
Manuel, que exercita a suma alteza,
5 Com que a seu jugo e lei someteria
Das terras e do mar a redondeza;
Que ele não era mais que um diligente
Descobridor das terras do Oriente.

LVIII

Falar ao rei gentio determina,
10 Por que com seu despacho se tornasse,
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O rei, que da notícia falsa e indina
Não era de espantar se se espantasse,
15 Que tão crédulo era em seus agouros,
E mais sendo afirmados pelos Mouros,

1. *Nisto* = no que se diz nos dois versos anteriores.
11-12. *Da malina gente impedir-se* = ser impedido pela malina gente.

LIX

Este temor lhe esfria o baixo peito;
Por outra parte, a força da cobiça,
A quem por natureza está sujeito,
Um desejo imortal lhe acende e atíça;
5 Que bem vê que grandíssimo proveito
Fará, se com verdade e com justiça
O contrato fizer por longos anos,
Que lhe comete o rei dos Lusitanos.

LX

Sobre isto, nos conselhos que tomava,
10 Achava mui contrários pareceres,
Que naqueles com quem se aconselhava
Executa o dinheiro seus poderes.
O grande capitão chamar mandava,
A quem, chegado, disse: — «Se quiseses
15 Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

1. O rei... (na estrofe anterior) este temor lhe esfria... É salto de sujeito.

3. A quem pode, na sintaxe do tempo, não se referir a pessoa. Aqui refere-se a força da cobiça.

LXI

«Eu sou bem informado que a embaixada
Que de teu rei me deste, que é fingida,
Porque nem tu tens rei, nem pátria amada,
Mas vagabundo vás passando a vida;
5 Que quem da Hespéria última alongada,
Rei ou senhor de insânia desmedida,
Há-de vir cometer com naus e frotas
Tão incertas viagens e remotas?

LXII

«E se de grandes Reinos poderosos
10 O teu rei tem a régia majestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Sinais da tua incógnita verdade?
Com peças e dões altos, sumptuosos,
Se lia dos reis altos a amizade,
15 Que sinal nem penhor não é bastante
As palavras de um vago navegante.

2. A conjunção integrante *que* repete a do verso anterior, o que é vulgar na syntaxe do tempo.

5. *Que* = *porquanto*. Sobre *Hespéria*, *Vid.* II, 108.

11. *Valerosos* = *valiosos*. Era normal no tempo o presentear o soberano a quem se enviava embaixador. Os versos seguintes dizem as razões desta prática universal.

15 *Ê* está no singular, por concordar por atracção com o predicativo do sujeito *sinal*, em vez de com o próprio sujeito *as palavras*.

16. *Vago* = *errante*.

LXIII

«Se porventura vindes desterrados,
Como já foram homens de alta sorte,
Em meu Reino sereis agasalhados,
Que toda a terra é pátria pera o forte;
5 Ou se piratas sois, ao mar usados,
Dizei-mo sem temor de infâmia ou morte,
Que, por se sustentar, em toda idade
Tudo faz a vital necessidade.»

LXIV

Isto assi dito, o Gama, que já tinha
10 Suspeitas das insídias que ordenava
O maoméico ódio, donde vinha
Aquilo que tão mal o rei cuidava,
Co'ũa alta confiança, que convinha,
Com que seguro crédito alcançava,
15 Que Vénus Acidália lhe influía,
Tais palavras do sábio peito abria:

LXV

— «Se os antigos delitos, que a malícia
Humana cometeu na prisca idade,
Não causaram que o vaso da nequícia,
20 Açoute tão cruel da Cristandade,

7. *Em toda idade* = *em todo tempo*.

15. *Vénus* recebeu o epíteto de *Acidália* de uma fonte da Beócia consagrada às Graças, assim chamada.

19. *Causaram* = *tivessem causado*. *Vaso da nequícia* (= *da maldade*) tanto pode ser o Demónio como Maomé.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Viera pôr perpétua inimicícia
Na geração de Adão co'a falsidade,
Ó poderoso Rei, da torpe seita
Não conceberas tu tão má suspeita!

LXVI

5 «Mas, porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes opressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito,
Me mostras tu tão pouca confiança
10 Desta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrário que acharias,
Se não cresses a quem não crer devias.

LXVII

«Porque, se eu de rapinas só vivesse,
Undívago ou da Pátria desterrado,
15 Como crês que tão longe me viesse
Buscar assento incógnito e apartado?
Por que esperanças, ou por que interesse,
Viria exprimentando o mar irado,
Os antárticos frios, e os ardores
20 Que sofrem do Carneiro os moradores?

20. *Os moradores do Carneiro* são os que vivem na zona tórrida, sob o signo zodiacal de *Aries*, cuja tradução é *Carneiro*.

LXVIII

«Se com grandes presentes de alta estima
O crédito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que a achar o estranho clima
Onde a Natura pôs teu Reino antigo;
5 Mas, se a Fortuna tanto me sublima,
Que eu torne à minha Pátria e Reino amigo,
Então verás o dom soberbo e rico
Com que minha tornada certifico.

LXIX

«Se te parece inopinado feito
10 Que rei da última Hespéria a ti me mande,
O coração sublime, o régio peito,
Nenhum caso possível tem por grande.
Bem parece que o nobre e grão conceito
Do lusitano espírito demande
15 Maior crédito, e fé de mais alteza,
Que creia dele tanta fortaleza.

LXX

«Sabe que há muitos anos que os antigos
Reis nossos firmemente propuseram
De vencer os trabalhos e perigos
20 Que sempre às grandes cousas se opuseram;
E, descobrindo os mares, inimigos
Do quieto descanso, pretenderam
De saber que fim tinham e onde estavam
As derradeiras praias que lavavam.

LXXI

«Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso rei que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho caro
O morador de Abila derradeiro.

- 5 Este, por sua indústria e engenho raro,
Num madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte que faz clara
De Argos, da Hidra a luz, da Lebre e da Ara.

LXXII

- «Crescendo co'os sucessos bons primeiros
10 No peito as ousadias, descobriram
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que, uns sucedendo aos outros, prosseguiram;
De África os moradores derradeiros
Austrais, que nunca as Sete Flamas viram,
15 Foram vistos de nós, atrás deixando
Quantos estão os Trópicos queimando.

1-4. O Poeta refere-se a D. João I. Foi ele que *deitou* (*lançou fora*) da sua Pátria o morador de Ceuta. *Vid.* IV, 49.

6. Entenda-se *construindo navios*.

8. São constelações austrais.

12. *Uns* [navegadores].

14. As *Sete Flamas* é o Setestrela, constelação do hemisfério boreal, por isso invisível aos povos que na África habitam nas regiões mais para o Sul — os *moradores derradeiros*.

LXXIII

«Assi, com firme peito e com tamanho
Propósito vencemos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a última coluna:

- 5 Rompendo a força do líquido estanho,
Da tempestade horrífica e importuna,
A ti chegámos, de quem só queremos
Sinal que ao nosso rei de ti levemos.

LXXIV

- «Esta é a verdade, Rei; que não faria
10 Por tão incerto bem, tão fraco prémio,
Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
Tão longo, tão fingido e vão proémio;
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero grémio
15 Da madre Tétis, qual pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.

4. Por *última coluna* parece significar o Poeta o *último padrão*. Mas também é provável que, como pensa Epifânio, ele tenha presente o mito de *Hércules*, pondo as colunas que do seu nome assim foram chamadas, onde tinha posto termo à sua longa navegação — no Estreito de Gibraltar.

9-12. Entenda-se: Se o Gama não falasse verdade, não valeria a pena tão longo e fingido arrazoadado, para obter o *fraco prémio* que pedia ao samorim — um *sinal* daquela entrevista.

14-15. O *grémio (seio)* de madre Tétis é o Oceano.

LXXV

«Assi que, ó Rei, se minha grão verdade
Tens por qual é, sincera e não dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada;
5 E, se ainda te parece falsidade,
Cuida bem na razão que está provada,
Que com claro juízo pode ver-se,
Que fácil é a verdade de entender-se.»

LXXVI

Atento estava o rei na segurança
10 Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele certa confiança,
Crédito firme em quanto proferia;
Pondera das palavras a abastança,
Julga na autoridade grão valia:
15 Começa de julgar por enganados
Os catuais corruptos, mal julgados.

13. A *abastança* das *palavras* será, não a abundância oratória, senão a suficiência probante.

14. Toma como de grande valor a *autoridade* = *tom de segurança*) do Gama.

15-16. Eram *mal julgados* pelo samorim os catuais, pois que, sendo *corruptos*, os julgava *enganados*.

LXXVII

Juntamente, a cobiça do proveito,
Que espera do contrato lusitano,
O faz obeecer e ter respeito
Co'o capitão, e não co'o mauro engano.
5 Enfim ao Gama manda que direito
As naus se vá e, seguro de algum dano,
Possa a terra mandar qualquer fazenda
Que pela especiaria troque e venda.

LXXVIII

Que mande da fazenda, enfim, lhe manda
10 Que nos Reinos gangéticos faleça,
Se algũa traz idónea lá da banda
Donde a terra se acaba e o mar começa.
Já da real presença veneranda
Se parte o capitão pera onde peça
15 Ao catual, que dele tinha cargo,
Embarcação, que a sua está de largo.

LXXIX

Embarcação que o leve às naus lhe pede;
Mas o mau regedor, que novos laços
Lhe maquinava, nada lhe concede,
20 Interpondo tardanças e embaraços.
Co'ele parte ao cais, por que o arrede
Longe quanto puder dos régios paços,
Onde, sem que seu rei tenha notícia,
Faça o que lhe ensinar sua malícia.

LXXX

Lá bem longe lhe diz que lhe daria
Embarcação bastante em que partisse,
Ou que, pera a luz crástina do dia
Futuro, sua partida diferisse.
5 Já com tantas tardanças entendia
O Gama que o gentio consentisse
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
O que dele até 'li não entendera.

LXXXI

Era este catual um dos que estavam
10 Corruptos pela maometana gente,
O principal por quem se governavam
As cidades do Samorim potente;
Dele sòmente os Mouros esperavam
Efeito a seus enganos torpemente;
15 Ele, que no concerto vil conspira,
De suas esperanças não delira.

16. Não delira (= não abandona) das esperanças dos Mouros. O verbo latino *delirare* significa propriamente *desviar-se do rego* e só por translação *enlouquecer*.

LXXXII

O Gama com instância lhe requiere
Que o mande pôr nas naus, e não lhe val;
E que assi lho mandara, lhe refere,
O nobre sucessor de Perimal.
5 Por que razão lhe impede e lhe difere
A fazenda trazer de Portugal?
Pois aquilo que os reis já têm mandado
Não pode ser por outrem derogado.

LXXXIII

Pouco obedece o catual corrupto
10 A tais palavras; antes revolvendo
Na fantasia algum sutil e astuto
Engano diabólico e estupendo,
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue avorrecido, estava vendo,
15 Ou como as naus em fogo lhe abrasasse,
Por que nenhũa à Pátria mais tornasse.

LXXXIV

Que nenhum torne à Pátria só pretende
O conselho infernal dos Maometanos,
Por que não saiba nunca onde se estende
20 A terra eoa o rei dos Lusitanos.
Não parte o Gama, enfim, que lho defende
O regedor dos Bárbaros profanos,
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.

20. *Terra eoa* = *terra oriental*.

LXXXV

Aos brados e razões do capitão
Responde o idolatra que mandasse
Chegar à terra as naus que longe estão,
Por que melhor dali fosse e tornasse.
5 — «Sinal é de inimigo e de ladrão
Que lá tão longe a frota se alargasse
— Lhe diz —, porque do certo e fido amigo
É não temer do seu nenhum perigo.»

LXXXVI

Nestas palavras o discreto Gama
10 Enxerga bem que as naus deseja perto
O catual, por que com ferro e flama
Lhas assalte, por ódio descoberto.
Em vários pensamentos se derrama;
Fantasiando está remédio certo
15 Que desse a quanto mal se lhe ordenava;
Tudo temia, tudo enfim cuidava.

LXXXVII

Qual o reflexo lume do pulido
Espelho de aço, ou de cristal fermoso,
Que, do raio solar sendo ferido,
20 Vai ferir noutra parte luminoso,

2. Ler *idolátra*, como manda o metro.
17. *Reflexo* é a forma passiva pela activa: *que se reflecte*.

E, sendo da ouciosa mão movido,
Pela casa, do moço curioso,
Anda pelas paredes e telhado,
Trémulo, aqui e ali, e dessorsegado:

LXXXVIII

- 5 Tal o vago juízo flutuava
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por caso o esperava
Na praia co'os batéis, como ordenara.
Logo secretamente lhe mandava
10 Que se tornasse à frota, que deixara,
Não fosse salteado dos enganos
Que esperava dos feros Maometanos.

LXXXIX

- Tal há-de ser quem quer, co'o dom de Marte,
Imitar os ilustres e igualá-los:
15 Voar co'o pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos e evitá-los,
Com militar engenho e sutil arte
Entender os inimigos e enganá-los,
Crer tudo, enfim, que nunca louvarei
20 O capitão que diga: «Não cuidei».

4. A copulativa é absorvida, na contagem das sílabas métricas, pela última de *ali*. Vid. nota ao v. 7 da pág. 75.

5. *Vago* = *errante de problema em problema*.

12. O Poeta escreve *Maumetanos*, aqui, como na estrofe 84 deste mesmo canto, pelo que se fundem numa as duas primeiras sílabas da palavra.

XC

Insiste o malabar em tê-lo preso,
Se não manda chegar a terra a armada;
Ele, constante e de ira nobre aceso,
Os ameaços seus não teme nada;
5 Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malícia ousada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A frota de seu rei, que tem segura.

XCI

Aquela noite esteve ali detido
10 E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao rei; mas impedido
Foi da guarda que tinha, não pequena.
Comete-lhe o gentio outro partido,
Temendo de seu rei castigo ou pena,
15 Se sabe esta malícia, a qual asinha
Saberá, se mais tempo ali o detinha.

XCII

Diz-lhe que mande vir toda a fazenda
Vendível que trazia, pera terra,
Pera que devagar se troque e venda,
20 Que quem não quer comércio busca guerra.
Posto que os maus propósitos entenda
O Gama, que o danado peito encerra,
Consente, porque sabe por verdade
Que compra co'a fazenda a liberdade.

XCIII

Concertam-se que o negro mande dar
Embarcações idóneas com que venha,
Que os seus batéis não quer aventurar
Onde lhos tome o imigo ou lhos detenha.
5 Partem as almadias a buscar
Mercadoria hispana que convenha;
Escreve a seu irmão que lhe mandasse
A fazenda com que se resgatasse.

XCIV

Vem a fazenda a terra, aonde logo
10 A agasalhou o infame catual;
Co'ela ficam Álvaro e Diogo,
Que a pudessem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rogo,
No peito vil o prémio pode e val,
15 Bem o mostra o gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda.

1. Hoje escreveríamos *concertam entre si*. O negro é o catual, assim chamado por sua carregada cor baça ou, como pensa Garcês Ferreira, pela malevolência para com os Portugueses, a quem provocava tal epíteto como desforço injurioso.

2. O sujeito de *venha* é a fazenda.

8. Será preciso ler *com quê*, para respeitar a métrica do verso e até a pronúncia do tempo de Camões, de oralidade mais aberta do que hoje.

XCV

Por ela o solta, crendo que ali tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o capitão mais tempo detivesse.
5 Ele, vendo que já lhe não convinha
Tornar a terra, por que não pudesse
Ser mais retido, sendo às naus chegado,
Nelas estar se deixa descansado.

XCVI

Nas naus estar se deixa vagaroso
10 Até ver o que o tempo lhe descobre,
Que não se fia já do cobiçoso
Regedor corrompido e pouco nobre.
Veja agora o juízo curioso
Quanto no rico, assi como no pobre,
15 Pode o vil interesse e sede imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga!

15. *Sede imiga* = *cobiça prejudicial, inimiga da alma.*

XCVII

A Polidoro mata o rei treício,
Só por ficar senhor do grão tesouro;
Entra pelo fortíssimo edifício
Com a filha de Acriso a chuva de ouro;
5 Pode tanto em Tarpeia avaro vício,
Que, a troco do metal luzente e louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quase afogada em pago morre;

1. *Polidoro* era filho de *Príamo*, rei de Troia. Quando a cidade estava prestes a sucumbir, *Príamo* confiou-o a *Polimestor*, rei da Trácia, juntamente com grande quantia de ouro. Destruída a cidade, o rei *Treício* para se apoderar do grão tesouro, matou *Polidoro*, a quem o devia.

4. *Acrísio*, rei de Argos, sendo-lhe profetizado que sucumbiria às mãos de um neto, encerrou numa torre sua filha *Dánae*, para que lho não pudesse dar. *Júpiter*, porém, entrou na torre metamorfoseado em chuva de ouro, e naquela princesa gerou a *Perseu*. *Entrar com alguém* significa *entrar onde alguém se encontra, para lhe falar*, segundo Moraes.

5-8. *Tarpeia* era a filha do governador do Capitólio, em Roma. Estando a cidade cercada pelos Sabinos, concertou com o general que os comandava facilitar-lhes a entrada a troco do que eles *traziam nos braços*. Uma vez entrados, em lugar dos braceletes e anéis de ouro, com que ela sonhava, arremessaram-lhe os escudos, sob que morreu *afogada*.

XCVIII

Este rende munidas fortalezas;
Faz treedores e falsos os amigos;
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega capitães aos inimigos;
5 Este corrompe virginais purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos;
Este deprava às vezes as ciências,
Os juízos cegando e as consciências;

XCIX

Este interpreta mais que sotilmente
10 Os textos; este faz e desfaz leis;
Este causa os perjúrios entre a gente,
E mil vezes tiranos torna os reis;
Até os que só a Deus onnipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis
15 Que corrompe este encantador, e ilude,
Mas não sem cor, contudo, de virtudel

x. Este refere-se a *metal luxente*.

CANTO IX.

I

Tiveram longamente na cidade,
Sem vender-se, a fazenda os dous feitores,
Que os infiéis, por manha e falsidade,
Fazem que não lha comprem mercadores;
5 Que todo seu propósito e vontade
Era deter ali os descobridores
Da Índia tanto tempo, que viessem
De Meca as naus que as suas desfizessem.

II

Lá no Seio Eritreu, onde fundada
10 Arsínoe foi do egípcio Ptolomeu
— Do nome da irmã sua assi chamada,
Que depois em Suez se converteu —,
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceu
15 Com a superstição falsa e profana
Da religiosa água maometana.

6. *Ali* os são duas sílabas métricas.

9. O Seio Eritreu é o Mar Vermelho. Arsínoe, depois chamada Cleópatra, era a NE de Suez. Dela restam ainda ruínas. Fundou-a Ptolomeu II, Filadelfo (285-247 A. de C.).

16. A *água* a que o Poeta se refere é a da Fonte Zenizem, perto da Caaba, em Meca, célebre entre os Muçulmanos por suas virtudes milagrosas. Quanto a *maometana*, *vid.* nota 12 da pág. 134.

III

Gidá se chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo Mar mais florescia,
De que tinha proveito grande e grato
O Soldão que esse Reino possuía.
5 Daqui aos Malabares, por contrato
Dos Infiéis, fermosa companhia
De grandes naus, pelo Índico Oceano,
Especiaria vem buscar cada ano.

IV

Por estas naus os Mouros esperavam,
10 Que, como fossem grandes e possantes,
Aquelas que o comércio lhe tomavam
Com flamas abrasassem crepitantes.
Neste socorro tanto confiavam,
Que já não querem mais dos navegantes
15 Senão que tanto tempo ali tardassem,
Que da famosa Meca as naus chegassem.

V

Mas o Governador dos Céus e gentes,
Que, pera quanto tem determinado,
De longe os meios dá convenientes
20 Por onde vem a efeito o fim fadado,
Influiu piedosos accidentes
De afeição em Monçaide, que guardado
Estava pera dar ao Gama aviso
E merecer por isso o Paraíso.

VI

Este, de quem se os Mouros não guardavam,
Por ser mouro como eles (antes era
Participante em quanto maquinavam),
A tenção lhe descobre torpe e fera.
5 Muitas vezes as naus, que longe estavam,
Visita e com piedade considera
O dano, sem razão, que se lhe ordena
Pela maligna gente sarracena.

VII

Informa o cauto Gama das armadas
10 Que da arábica Meca vêm cada ano,
Que agora são dos seus tão desejadas
Pera ser instrumento deste dano;
Diz-lhe que vêm de gente carregadas
E dos trovões horrendos de Vulcano,
15 E que pode ser delas oprimido,
Segundo estava mal apercebido.

VIII

O Gama, que também considerava
O tempo que pera a partida o chama,
E que despacho já não esperava
20 Milhor do rei, que os Maometanos ama,
Aos feitores que em terra estão, mandava
Que se tornem às naus; e, por que a fama
Desta súbita vinda os não impida,
Lhe manda que a fizessem escondida.

7-8. Pelo que toca à syntaxe é a mesma, por exemplo, da pág. 121, nota 11-12.

IX

Porém não tardou muito que, voando,
Um rumor não soasse, com verdade,
Que foram presos os feitores, quando
Foram sentidos vir-se da cidade.
5 Esta fama as orelhas penetrando
Do sábio capitão, com brevidade
Faz represália nuns que às naus vieram
A vender pedraria que trouxeram.

X

Eram, estes, antigos mercadores,
10 Ricos em Calecu e conhecidos;
Da falta deles, logo entre os milhores
Sentido foi que estão no mar retidos.
Mas já nas naus os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante, e, repartidos
15 Pelo trabalho, uns puxam pela amarra,
Outros quebram co'o peito duro a barra,

XI

Outros pendem da verga e já desatam
A vela, que com grita se soltava,
Quando, com maior grita, ao rei relatam
20 A pressa com que a armada se levava.
As mulheres e filhos, que se matam,
Daqueles que vão presos, onde estava
O Samorim se aqueixam que perdidos
Uns têm os pais, as outras os maridos.

XII

Manda logo os feitores lusitanos
Com toda sua fazenda livremente,
Apesar dos imigos Maometanos,
Por que lhe torne a sua presa gente.
5 Desculpas manda o rei de seu enganos;
Recebe o capitão de melhor mente
Os presos que as desculpas; e, tornando
Alguns negros, se parte, as velas dando.

XIII

Parte-se costa abaixo, porque entende
10 Que em vão co'o rei gentio trabalhava
Em querer dele paz, a qual pretende
Por firmar o comércio que tratava;
Mas como aquela terra que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava,
15 Com estas novas torna à Pátria cara,
Certos sinais levando do que achara.

XIV

Leva alguns malabares, que tomou
Por força, dos que o Samorim mandara
Quando os presos feitores lhe tornou;
20 Leva pimenta ardente, que comprara;
A seca flor de Banda não ficou;
A noz e o negro cravo que faz clara
A nova Ilha Maluco, co'a canela
Com que Ceilão é rica, ilustre e bela.

21. A *seca flor de Banda* é a maçã — informa Ficalho — ou seja a arilha que envolve a semente da moscadeira.

XV

Isto tudo lhe houvera a diligência
De Monçaide fiel, que também leva,
Que, inspirado de angélica influência,
Quer no livro de Cristo que se escreva.
5 Oh, ditoso africano, que a clemência
Divina assi tirou de escura treva,
E tão longe da Pátria achou maneira
Pera subir à Pátria verdadeira!

XVI

Apartadas assi da ardente costa
10 As venturosas naus, levando a proa
Pera onde a Natureza tinha posta
A meta austrina da Esperança Boa,
Levando alegres novas e repostas
Da parte oriental pera Lisboa,
15 Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto, tímidos e ledos.

4. Entenda-se: *quer inscrever-se no livro de Cristo = quer ser cristão.*

12. A *meta austrina da Esperança Boa* é o *Cabo da Boa Esperança*.

16. Na 1.^a ed. ocorre *temidos*, palavra repugnante ao metro e ao sentido. O verso termina na mesma ed. por ponto final. Conservamo-lo, apesar de outros editores — e, entre outros, Epifânio — ligarem esta à estrofe seguinte por uma vírgula, porque a cada passo ocorre na syntaxe de Barros, por exemplo, o gerúndio dispensar a forma verbal de modo finito na formação do período.

XVII

O prazer de chegar à Pátria cara,
A seus penates caros e parentes,
Pera contar a peregrina e rara
Navegação, os vários céus e gentes;
5 Vir a lograr o prémio que ganhara
Por tão longos trabalhos e acidentes:
Cada um tem por gosto tão perfeito,
Que o coração pera ele é vaso estreito.

XVIII

Porém a Deusa Cípria, que ordenada
10 Era, pera favor dos Lusitanos,
Do Padre eterno, e por bom génio dada,
Que sempre os guia já de longos anos,
A glória por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem sofridos danos
15 Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe, nos mares tristes, alegria.

9. A Deusa Cípria é Vénus, adorada em Cipro.
Vid. V, 5.

9-11. Entenda-se: *era ordenada por Júpiter (o Padre eterno) e dada por um bom génio, para favor dos Portugueses.*

15. *Ordenando* tem como complemento directo a *glória por trabalhos alcançados*, que é qualificada como *satisfação de bem sofridos danos.*

XIX

Despois de ter um pouco revolvido
Na mente o largo mar que navegaram,
Os trabalhos que, pelo Deus nacido
Nas anfióneas Tebas, se causaram,
5 Já trazia de longe no sentido,
Pera prémio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso,
No Reino de cristal, líquido e manso;

XX

Algum repouso enfim, com que pudesse
10 Refocilar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho que encurta a breve idade.
Parece-lhe razão que conta desse
A seu filho, por cuja potestade
15 Os Deuses faz decer ao vil terreno
E os humanos subir ao Céu sereno.

3-4. O Poeta refere-se a *Baco*, a quem já em 73, I chama o *grão Tebano*. *Anfióneas Tebas* (plural pelo singular, por influência da forma latina — *Thebae* — *Thebarum*) porque, segundo a Mitologia, nos muros desta cidade espontâneamente se ordenaram as pedras, movidas ao som da lira de *Anfião*. Quanto à sintaxe *pelo Deus* [...] *se cansaram* ou foram *cansadas*, vid. nota da pág. 143.

11. *Interesse* = *recompensa*.

XXI

Isto bem revolvido, determina
 De ter-lhe aparelhada, lá no meio
 Das águas algũa ínsula divina,
 Ornada de esmaltado e verde arreio,
 5 Que muitas tem no Reino que confina
 Da mãe primeira co'o terreno seio,
 Afora as que possui soberanas
 Pera dentro das Portas Herculanias.

6. Este verso é na *ed. princeps*: *Da primeira co'o terreno seio*. Foi a *ed.* de 1597 que o corrigiu como o apresentamos, sendo provável que por sugestão da tradução espanhola de Benito Caldera: *De la primera madre con el seno*. Qual o sentido do verso? Para Epifânio, o Reino aludido é o largo mar, «que circunda a parte sólida do globo», ou seja, como diz o Poeta, o *terreno seio da Terra Mater*. *Vénus* possui ilhas no Oceano, e não apenas para dentro das *Portas Herculanias*, ou seja no Mediterrâneo, fechado pelas *colunas de Hércules* (= *portas Herculanias*). José M. Rodrigues interpreta o *terreno seio* como o *seio* ou *golfo* formado pela costa de Calecut a Melinde e, a seu parecer, o Poeta teria escrito: *De África e de Ásia no terreno seio*. Também se pode supor que por *Mãe primeira* seja designado o berço da Humanidade, segundo a concepção bíblica, ou seja a região onde têm sua origem os rios Tigre e Eufrates (*Vid.* 61, IV), onde se ergue a Torre de Babel, o monte Ararat... e assim o Reino que com ela confina podia ser o Oceano Índico, considerando como seu prolongamento o Mar Arábico e o Golfo Pérsico. A interpretação de Cláudio Basto parece, porém, a mais inteligente. *Vénus* — diz o Poeta — além das ilhas *soberanas* ou seja (dando à palavra o sentido clássico) *emergidas*, do Mediterrâneo, possui outras *nas entranhas do profundo Oceano* (40, IX), que é onde o Mar confina com o *terreno seio* da mãe primeira dos homens — *Terra Mater, Tellus mater*. *Aparelhar* uma dessas ilhas para receber os navegantes seria, não apenas orná-la de galas, enri-

XXII

Ali quer que as aquáticas donzelas
Esperem os fortíssimos barões
— Todas as que têm título de belas,
Glória dos olhos, dor dos corações —
5 Com danças e coreias, porque nelas
Influirá secretas afeições,
Pera com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se afeioarem.

XXIII

Tal manha buscou já, pera que aquele
10 Que de Anquises pariu, bem recebido
Fosse do campo, que a bovina pele
Tomou de espaço, por sutil partido.
Seu filho vai buscar, porque só nele
Tem todo seu poder, fero Cupido,
15 Que, assi como naquela empresa antiga
A ajudou já, nestoutra a ajude e siga.

quecê-la de dons, povoá-la de ninfas, mas também fazê-la
surgir *das entranhas do profundo Oceano*.

1. *As aquáticas donzelas = ninfas marítimas.*

9-10. Aquele que *Vénus* pariu de *Anquises* é *Enéas*,
para com quem a deusa, por intermédio de seu filho
Cupido, acendeu em paixão o coração de *Dido*, rainha de
Cartago.

11-12. O Poeta alude ao processo como foi adquirida
por *Dido* o trato de terreno que ocupou em Africa,
quando para ali emigrada da Fenícia: ajustou comprar a
porção que uma pele de touro pudesse abranger, mas de-
pois, dividindo-a em tiras muito delgadas, conseguiu por
sutil partido (= *hábil artimanha*) alargá-lo em muito maior
extensão.

XXIV

No carro ajunta as aves que na vida
Vão da morte as exéquias celebrando,
E aquelas em que já foi convertida
Perístera, as boninas apanhando,
5 Em derredor da Deusa, já partida,
No ar lascivos beijos se vão dando;
Ela, por onde passa, o ar e o vento
Serenó faz, com brandó movimento.

XXV

Já sobre os Idálios Montes pende,
10 Onde o filho frêcheiro estava então
Ajuntando outros muitos, que pretende
Fazer ãa famosa expedição

1-2. Eram os cisnes, que, segundo a poesia clássica, puxavam o carro de *Vénus*. As mesmas aves, segundo se dizia, entoavam à hora da morte o canto que deu origem à expressão — *o canto do cisne* — por que se designa a última manifestação do que está prestes a morrer ou desaparecer.

3-4. Diz o Mito que, andando *Vénus* em competição com seu filho, *Cupido*, sobre quem era capaz de colher mais flores, a ninfa *Perístera* acudiu em auxílio da deusa, motivo por que *Cupido* a metamorfoseou em pomba, que em grego é *peristerá*.

9. *Idálio* designa um promontório e uma cidade da Ilha de Chipre, onde *Vénus* era cultualizada. É preciso ler sobre os como três sílabas, que assim o exige a métrica do verso.

Contra o mundo revelde, por que emende
Erros grandes que há dias nele estão,
Amando cousas que nos foram dadas,
Não pera ser amadas, mas usadas.

XXVI

5 Via Acteon na caça tão austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que, por seguir um feio animal fero,
Foge da gente e bela forma humana;
E por castigo quer, doce e severo,
10 Mostrar-lhe a fermosura de Diana;
E guarde-se não seja inda comido
Desses cães que agora ama, e consumido.

5. A *Acteon* se alude em 35, II. Não diz a Mitologia que este caçador desprezasse a bela forma humana, mas o Poeta assim o finge, para melhor nele censurar, segundo claramente parece, o rei D. Sebastião, tão entusiasta da caça como desafeiçoado de mulheres, ao que se atribua a recusa a contrair matrimónio.

11-12. Os cães de *Acteon* devoraram-no, ao vê-lo metamorfoseado em veado, por vingança da deusa, irritada por ser por ele surpreendida a tomar banho. Os cães de quem o Poeta acautela o rei serão os áulicos a quem por tantas formas dirige as suas censuras.

XXVII

E vê do mundo todo os principais
Que nenhum no bem público imagina;
Vê neles que não têm amor a mais
Que a si sòmente, e a quem Filáucia ensina;
5 Vê que esses que frequentam os reais
Paços, por verdadeira e sã doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente.

XXVIII

Vê que aqueles que devem à pobreza
10 Amor divino, e ao povo caridade,
Amam sòmente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade;
Da feia tirania e de aspereza
Fazem direito e vã severidade;
15 Leis em favor do rei se estabelecem,
As em favor do povo só perecem.

4. ...e a quem Filáucia ensina = e vê aqueles a quem o amor próprio guia...

8. O novo trigo florecente também representa o jovem rei, cuja alma a lisonja dos áulicos impede de se expurgar de más inclinações.

XXVIII. Parece mais uma alusão aos dois clérigos que governavam no Paço — os irmãos Gonçalves da Camara.

XXIX

Vê, enfim, que ninguém ama o que deve,
Senão o que sòmente mal deseja.
Não quer que tanto tempo se releve
O castigo que duro e justo seja.
5 Seus ministros ajunta, por que leve
Exércitos conformes à peleja
Que espera ter co'a mal regida gente
Que lhe não for agora obediente.

XXX

Muitos destes mininos voadores
10 Estão em várias obras trabalhando:
Uns amolando ferros passadores,
Outros hásteas de setas delgaçando.
Trabalhando, cantando estão de amores,
Vários casos em verso modulando:
15 Melodia sonora e concertada,
Suave a letra, angélica a soada.

2. *Mal deseja* = *deseja por malícia*. *Mal* é advérbio.

XXXI

Nas frágoas imortais onde forjavam
Pera as setas as pontas penetrantes,
Por lenha corações ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes;
5 As águas onde os ferros temperavam,
Lágrimas são de míseros amantes;
A viva flama, o nunca morto lume,
Desejo é só que queima e não consume.

XXXII

Alguns exercitando a mão andavam
10 Nos duros corações da plebe ruda;
Crebros suspiros pelo ar soavam
Dos que feridos vão da seta aguda.
Fermosas Ninfas são as que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda
15 Não sòmente dá vida aos mal feridos,
Mas põe em vida os inda não nacidos.

XXXIII

Fermosas são algũas e outras feias,
Segundo a qualidade for das chagas,
Que o veneno espalhado pelas veias
20 Curam-no às vezes ásperas triagas.
Alguns ficam ligados em cadeias
Por palavras sotis de sábias magas.
Isto acontece às vezes, quando as setas
Acertam de levar ervas secretas.

XXXIV

Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido miserando;
5 E também nos heróis de altos estados
Exemplos mil se vêem de amor nefando,
Qual o das moças Bîbli e Cinireia,
Um mancebo da Assíria, um de Judeia.

XXXV

E vós, ó poderosos, por pastoras
10 Muitas vezes ferido o peito vedes;
E por baixos e rudos, vós, senhoras,
Também vos tomam nas vulcâneas redes!
Uns, esperando andais nocturnas horas;
Outros, subis telhados e paredes;
15 Mas eu creio que deste amor indino
É mais culpa a da mãe que a do minino!

7. *Bîbli* ou *Bîblis* enamorou-se de seu irmão *Cauno*; *Mirra*, filha de *Cíniras*, de onde o nome que o Poeta lhe dá, apaixonou-se por seu próprio pai; o *mancebo da Assíria* é *Antíoco*, que se apaixona por sua madrasta, situação a que o Poeta consagra o *Auto del-rei Seleuco*; o *mancebo da Judeia* é *Amnon*, filho do rei *David*, que se tomou de amores por sua irmã *Tamar*.

12. *Vulcano* envolveu sua mulher *Vénus* e o amante *Marte*, com quem ela o traía, em fina rede metálica, e foi convidar os deuses a testemunhar a infidelidade da esposa — e a própria desonra dele, *Vulcano*.

16. É maior culpa a de *Vénus* do que a de *Cupido*, seu filho.

XXXVI

Mas já no verde prado o carro leve
Punham os brancos cisnes mansamente,
E Dione, que as rosas entre a neve
No rosto traz, decia diligente.
5 O frêcheiro, que contra o Céu se atreve,
A recebê-la vem ledó e contente;
Vêm todos os Cupidos servidores
Beijar a mão à Deusa dos amores.

XXXVII

Ela, por que não gaste o tempo em vão,
10 Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz: — «Amado filho, em cuja mão
Toda minha potência está fundada,
Filho, em quem minhas forças sempre estão,
Tu, que as armas tifeias tens em nada,
15 A socorrer-me a tua potestade
Me traz especial necessidade.

3. *Dione* é propriamente a ninfa mãe de *Vénus*, que a teve de *Júpiter*. Esta é chamada por isso a *Diónea*.

14. As *armas tifeias* são os raios, assim chamados porque por eles foi *Tiféu* fulminado por *Júpiter*. (Vid. 13, VI).

15. Entenda-se: *Especial necessidade me obriga a recorrer ao teu poder*.

XXXVIII

«Bem vês as lusitánicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
Porque das Parcas sei, minhas amigas,
Que me han-de venerar e ter em preço;
5 E porque tanto imitam as antigas
Obras dos meus Romanos, me ofereço
A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

XXXIX

«E porque das insídias do odioso
10 Baco foram na Índia molestados,
E das injúrias sós do mar undoso
Puderam mais ser mortos que cansados,
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados,
15 Tomando aquele prémio e doce glória
Do trabalho, que faz clara a memória.

4. *Han-de* por *hão-de*. Assim na 1.^a ed.

XL

«E pera isso queria que, feridas
As filhas de Nereu no ponto fundo,
De amor dos Lusitanos incendidas
Que vêm de descobrir o novo mundo,
5 Todas nũa ilha juntas e subidas
— Ilha que nas entranhas do profundo
Oceano terei aparelhada,
De dões de Flora e Zéfiro adornada —,

XLI

«Ali, com mil refrescos e manjares,
10 Com vinhos odoríferos e rosas,
Em cristalinos paços singulares,
Fermosos leitos, e elas mais fermosas,
Enfim com mil deleites não vulgares,
Os esperem as Ninfas amorosas,
15 De amor feridas, pera lhe entregarem
Quanto delas os olhos cobiçarem.

XLII

«Quero que haja no Reino neptunino,
Onde eu nasci, progénie forte e bela,
E tome exemplo o mundo vil, malino,
20 Que contra tua potência se rebela,
Por que entendam que muro adamantino
Nem triste hipocrisia val contra ela;
Mal haverá na terra quem se guarde,
Se teu fogo imortal nas águas arde».

2. *Ponto fundo* = *mar fundo*; é latinismo.

XLIII

Assi Vénus propôs, e o filho inico
Pera lhe obedecer já se apercebe:
Manda trazer o arco ebúrneo, rico,
Onde as setas de ponta de ouro embebe.
5 Com gesto ledó a Cípria, e impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe;
A rédea larga às aves cujo canto
A faetõtea morte chorou tanto.

XLIV

Mas diz Cupido que era necessária
10 Õa famosa e célebre terceira,
Que, posto que mil vezes lhe é contrária,
Outras muitas a tem por companheira:
A Deusa Giganteia, temerária,
Jactante, mentirosa e verdadeira,
15 Que com cem olhos vê, e, por onde voa,
O que vê, com mil bocas apregoa.

1. *Inico* = injusto, no distribuir das felicidades do amor.

5. *A Cípria*, como a *Citerea*, como a *Páfia*, é *Vénus*, e estes epítetos derivam-lhe das ilhas onde mais se lhe prestava culto. A ordem é: *A Cípria com gesto ledó e impudico*...

7-8. As aves a que o Poeta alude são os Cisnes. *Cigno*, rei da *Ligória*, inconsolável pela morte de *Fastonte*, foi metamorfoseada em cisne.

13-16. *A Fama*, filha da *Terra*, era irmã dos gigantes. e Virgílio descreve-a penetrando na terra e erguendo-se até às núvens (IV, 179).

XLV

Vão-a buscar, e mandam-a diante,
Que celebrando vá com tuba clara
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os doutrem celebrara.
5 Já, murmurando, a Fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhara;
Fala verdade, havida por verdade,
Que junto a Deusa traz Credulidade.

XLVI

O louvor grande, o rumor excelente,
10 No coração dos Deuses, que indinados
Foram por Baco contra a ilustre gente,
Mudando, os fez um pouco afeiçoados.
O peito feminil, que levemente
Muda quaisquer propósitos tomados,
15 Já julga por mau zelo e por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

XLVII

Despede, nisto, o fero moço as setas,
Õa após outra: geme o mar co'os tiros;
Direitas pelas ondas inquietas
20 Algũas vão, e algũas fazem giros;

8. Entenda-se: *porque a Fama traz junto a si a Deusa chamada «Credulidade».*

12. *Mudando* é aqui intransitivo, e significa *operando mudanças*; tem como sujeito *o louvor grande, o rumor excelente.*

Caem as Ninfas, lançam das secretas
Entranhas ardentíssimos suspiros;
Cai qualquer sem ver o vulto que ama,
Que tanto, como a vista, pode a fama.

XLVIII

5 Os cornos ajuntou da ebúrnea Lũa,
Com força, o moço indómito, excessiva,
Que Tétis quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhũa lhe era esquiva.
Já não fica na aljava seta algũa,
10 Nem nos equóreos campos Ninfa viva;
E se, feridas, ainda estão vivendo,
Será pera sentir que vão morrendo.

XLIX

Dai lugar, altas e cerúleas ondas,
Que, vedes, Vénus traz a medicina,
15 Mostrando as brancas velas e redondas,
Que vêm por cima da água neptunina;
Pera que tu recíproco respondas,
Ardente Amor, à flama feminina,
É forçado que a pudicícia honesta
20 Faça quanto lhe Vénus amoesta.

6. Os exemplos da syntaxe latina levavam a liberdades poéticas como a deste verso, em que o sujeito de *ajuntou* se intercala entre o substantivo *força* e o adjectivo que o qualifica — *excessiva*.

10. *Equóreos campos* é latinismo que Camões extraiu de Virgílio. A palavra latina *aequor* significa a *planície do mar ou do campo*.

20. *Amoesta* = *admoesta*, *aconselha*.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

L

Já todo o belo coro se aparelha
Das Nereidas, e junto caminhava
Em coreias gentis — usança velha —
Pera a ilha a que Vénus as guiava.
5 Ali a fermosa Deusa lhe aconselha
O que ela fez mil vezes, quando amava;
Elas, que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho oferecidas.

LI

Cortando vão as naus a larga via
10 Do mar ingente pera a Pátria amada,
Desejando prover-se de água fria
Pera a grande viagem prolongada,
Quando, juntas, com súbita alegria,
Houveram vista da ilha namorada,
15 Rompendo pelo céu a mãe fermosa
De Memnónio, suave e deleitosa.

LII

De longe a ilha viram, fresca e bela,
Que Vénus pelas ondas lha levava
(Bem como o vento leva branca vela)
20 Pera onde a forte armada se enxergava;

15-16. A mãe de *Memnon* (*Memnónio* é licença poética, como *Ctesifónio* por *Ctesifon*, in-113, II), rei de Abidos, era a *Aurora*.

Que, por que não passassem sem que nela
Tomassem porto, como desejava,
Pera onde as naus navegam a movia
A Acidália, que tudo enfim podia.

LIII

5 Mas firme a fez e imóvel, como viu
Que era dos nautas vista e demandada,
Qual ficou Delos, tanto que pariu
Latona Febo e a Deusa à caça usada.
Pera lá logo a proa o mar abriu,
10 Onde a costa fazia ãa enseada
Curva e quieta, cuja branca areia
Pintou de ruivas conchas Citereia.

LIV

Três fermosos outeiros se mostravam,
Erguidos com soberba graciosa,
15 Que de gramíneo esmalte se adornavam,
Na fermosa ilha, alegre e deleitosa;
Claras fontes e límpidas manavam
Do cume, que a verdura têm viçosa;
Por entre pedras alvas se deriva
20 A sonora linfa fugitiva.

4. Vid. 64. VIII.

7-8. Virgílio conta na *Enéida* (III, 73-77) que a ilha de Delos, primeiro errática, se fixou quando *Latona* nela deu à luz a *Febo* e *Diana*.

12. Vid. 34. I.

18. São as fontes que têm (ou mantêm) viçosa a verdura.

LV

Num vale ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras águas ajuntar-se,
Onde ãa mesa fazem, que se estende
Tão bela quanto pode imaginar-se;
5 Arvoredo gentil sobre ela pende,
Como que pronto está pera afeitar-se,
Vendo-se no cristal resplandecente,
Que em si o está pintando pròpriamente.

LVI

Mil árvores estão ao céu subindo,
10 Com pomos odoríferos e belos:
A laranjeira tem no fruto lindo
A cor que tinha Dafne nos cabelos;
Encosta-se no chão, que está caindo
A cidreira co'os pesos amarelos;
15 Os fermosos limões ali, cheirando,
Estão virgíneas tetas imitando.

8. *Pròpriamente* = tal qual é.

12. *Dafne* era filha do deus fluvial *Peneu*, metamorfoseada em loureiro, para fugir às instâncias de *Apolo*.

LVII

As árvores agrestes que os outeiros
Têm com frondente coma ennobrecidos,
Ále mos são de Alcides, e os loureiros
Do louro Deus amados e queridos,
5 Mirtos de Cítereia, co'os pinheiros
De Cibele, por outro amor vencidos;
Está apontando o agudo cipariso
Pera onde é posto o etéreo Paraíso.

LVIII

Os dões que dá Pomona, ali Natura
10 Produze, diferentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ela se dão muitos milhores:
As cerejas, purpúreas na pintura;
As amoras, que o nome têm de amores;
15 O pomo que da Pátria Pérsia veio,
Milhor tornado no terreno alheio;

3. O *álemo* (= *álamo*) era consagrado a *Hércules* ou *Alcides*.

4. Vid. nota acima 12 da pág. 165.

6. *Cibele*, filha do *Céu* e da *Terra* e mulher de *Saturno*, também tomada como a própria *Terra*, enamorou-se de *Atis*, pastor frígio, e é a este pormenor que o Poeta alude na expressão — *por outro amor vencidos*.

7. O *cipariso* (= *cipreste*) está apontando para o *Céu*.

9. *Pomona* é a ninfa dos jardins e das árvores frutíferas.

15. O *pomo* que da *Pérsia* veio é o *pêssego* (= *persicum*).

LIX

Abre a romã, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jocunda
Vide, co'uns cachos roxos e outros verdes;
5 E vós, se na vossa árvore fecunda,
Peras piramidais, viver quiserdes,
Entregai-vos ao dano que co'os bicos
Em vós fazem os pássaros inicos.

LX

Pois a tapeçaria bela e fina
10 Com que se cobre o rústico terreno,
Faz saber a de Aqueménia menos dina,
Mas o sombrio vale mais ameno.

6. Camões relacionou provavelmente o vocábulo greco-latino *pyramidem*, de que deriva *pirâmide*, com o étimo de *pêra*, que é, como se sabe, feminização de *pêro—pyrum*.

11. *Aquemónia* é um distrito da Pérsia, tomado como a própria Persia.

Ali a cabeça a flor cefísia inclina
Sôbolo tanque lúcido e sereno;
Florece o filho e neto de Ciniras,
Por quem tu, Deusa Páfia, inda suspiras.

LXI

- 5 Pera julgar, difícil cousa fora,
No céu vendo e na terra as mesmas cores,
Se dava às flores cor a bela Aurora,
Ou se lha dão a ela as belas flores.
Pintando estava ali Zéfiro e Flora
10 As violas da cor dos amadores,
O lírio roxo, a fresca rosa bela,
Qual reluze nas faces da donzela;

1. A flor *cefísia* é o narciso, que recebe aquele nome do Rio Cefiso, da Fócida e Beócia, cujo deus gerou a *Narciso*, nessa flor metamorfoseado.

3. O filho e neto de *Cíniras* é *Adónis*, que nasceu do incesto de *Cíniras* com sua filha *Mirra*. Morto por um javali, *Vénus* (a deusa *Páfia*, *Vid.* n. 5, p. 160), que o amava, fez do sangue dele brotar flores: segundo uns, anémonas, segundo outros, rosas. Para Ficalho, o Poeta referia-se às flores chamadas *beijinhos*. Sobre o assunto, *Vid.* da prof.^a Augusta F. Gersão Ventura — O «*Adónis*» de Camões.

10. As violas ou violetas têm a cor pálida dos amantes. Na poesia antiga como na moderna, mais de uma vez se alude às violetas, a propósito da cor dos que sofrem de coitas de amor.

LXII

A cândida cecém, das matutinas
Lágrimas rociada, e a manjerona;
Vêem-se as letras nas flores hiacintinas,
Tão queridas do filho de Latona.
5 Bem se enxerga nos pomos e boninas
Que competia Clóris com Pomona.
Pois, se as aves no ar cantando voam,
Alegres animais o chão povoam.

4. O filho de Latona, ou seja *Apolo*, estando a jogar o disco com *Hiacinto*, matou-o involuntariamente, motivo por que, de piedade, fez nascer do seu sangue a flor deste nome, onde os Antigos supunham ver representadas as duas letras AI que se interpretavam como a interjeição soltada por *Jacinto*, ferido, mas também como as primeiras letras do nome do herói grego *Aiax*, de cujo sangue brotou a mesma flor. Segundo outros, é o pé-de-calhandra. Epifânio observa que a flor *hiacinto* a que os Antigos se referem, não é a que nós chamamos *jacinto*, mas o *gladiolus segetum* (gladfolo).

6-7. *Clóris*, ninfa desposada por *Zéfiro*, tinha o império sobre as flores, como *Pomona* sobre os frutos. Este verso e o antecedente rematam o que nos anteriores fica descrito sobre a flora da ilha. O 7.º e 8.º versos que se seguem introduzem o que o Poeta vai dizer da fauna. A conjunção *pois*, como já observou Faria e Sousa, não liga estes dois versos aos antecedentes, antes deles estabelece a transição para os seguintes. Tem o significado de *além disso...*

LXIII

A longo da água o nívco cisne canta;
Responde-lhe do ramo filomela;
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon, na água cristalina e bela;
5 Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou tímida gazela;
Ali no bico traz ao caro ninho
O mantimento o leve passarinho.

LXIV

Nesta frescura tal desembarcavam
10 Já das naus os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixavam
Andar as belas Deusas, como incautas;
Algũas, doces cítaras tocavam;
Algũas, harpas e sonoras frautas;
15 Outras, co'os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animais, que não seguiam.

LXV

Assi lho aconselhara a mestra experta:
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que, vista dos barões a presa incerta,
20 Se fizessem primeiro desejadas

4. Sobre *Acteon* (=o veado) *Vid.* 35, II.
10. Sobre *Argonautas*, *Vid.* 18, I.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Algũas, que na forma descoberta
Do belo corpo estavam confiadas,
Posta a artificiosa fermosura,
Nuas lavar-se deixam na água pura.

LXVI

5 Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés, de terra cobiçosos
— Que não há nenhum deles que não saia —,
De acharem caça agreste desejosos,
Não cuidam que sem laço ou redes caia
10 Caça naqueles montes deleitosos,
Tão suave, doméstica e benina,
Qual ferida lha tinha já Ericina.

LXVII

Alguns, que em espingardas e nas bestas,
Pera ferir os cervos, se fiavam,
15 Pelos sombrios matos e florestas
Determinadamente se lançavam;
Outros, nas sombras que das altas sestas
Defendem a verdura, passeavam
Ao longo da água, que, suave e queda,
20 Por alvas pedras corre à praia leda.

3. *Posta* = *desposta*.

12. *Vid.* 18, II. *Já* contrai-se numa única sílaba, para efeito de metro, com a 1.^a de *Ericina*.

17. *Alta sesta* = *ardor do sol quando vai alto*.

LXVIII

Começam de enxergar súbitamente,
Por entre verdes ramos, várias cores,
Cores de quem a vista julga e sente
Que não eram das rosas ou das flores,
5 Mas da lã fina e seda diferente,
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais fermosas.

LXIX

Dá Veloso, espantado, um grande grito:
10 — «Senhores, caça estranha — disse — é esta!
Se inda dura o gentio antigo rito,
A Deusas é sagrada esta floresta.
Mais descobrimos do que humano espirito
Desejou nunca; e bem se manifesta
15 Que são grandes as cousas e excelentes
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

LXX

«Sigamos estas Deusas, e vejamos
Se fantásticas são, se verdadeiras!»
Isto dito, veloces mais que gamos,
20 Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as Ninfas vão por entre os ramos,
Mas, mais industriosas que ligeiras,
Pouco e pouco, sorrindo e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

LXXI

De ãa os cabelos de ouro o vento leva,
Correndo, e da outra as fraldas delicadas;
Acende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes súbito mostradas;
5 Õa de indústria cai, e já releva,
Com mostras mais macias que indinadas,
Que sobre ela empecendo também caia
Quem a seguiu pela arenosa praia.

LXXII

Outros, por outra parte, vão topar
10 Com as Deusas despidas que se lavam;
Elas começam súbito a gritar,
Como que assalto tal não esperavam;
Õas, fingindo menos estimar
A vergonha que a força, se lançavam
15 Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que às mãos cobiçosas vão negando;

LXXIII

Outra, como acudindo mais depressa
À vergonha da Deusa caçadora,
Esconde o corpo na água; outra se apressa
20 Por tomar os vestidos, que tem fora.

18. A *vergonha de Diana*, a deusa caçadora, foi a de ser vista nua por *Acteon*, quando tomava banho. *Vid.* 35. II. Para a evitar, as ninfas escondiam o corpo na água.

Tal dos mancebos há que se arremessa
Vestido assi e calçado (que, co'a mora
De se despir, há medo que inda tarde),
A matar na água o fogo que nele arde.

LXXIV

5 Qual cão caçador, sagaz e ardido,
Usado a tomar na água a ave ferida,
Vendo [ò] rosto o férreo cano erguido
Pera a garcenha ou pata conhecida,
Antes que soe o estouro, mal sofrido
10 Salta na água e da presa não duvida,
Nadando vai e latindo: assi o mancebo
Remete à que não era irmã de Febo.

LXXV

Lionardo, soldado bem disposto,
Manhoso, cavaleiro e namorado,
15 A quem Amor não dera um só desgosto,
Mas sempre fora dele mal tratado,
E tinha já por firme pressuposto
Ser com amores mal afortunado,
Porém não que perdesse a esperança
20 De inda poder seu fado ter mudança,

7. Na 1.^a ed. ocorre: *Vendo rosto...* Sucede no português quinhentista o fenómeno chamado de *prolongamento fonético*, segundo o qual a última sílaba de *vendo* se prolonga em *vendò*, porque nela se contrai, com o o da terminação, o ò (=ao) que precede *rosto*.

12. Entenda-se: *à que não era casta como Diana, a irmã de Febo...*

15. Entenda-se: *não dera um só, senão muitos desgostos...*

LXXVI

Quis aqui sua ventura que corria
Após Efire, exemplo de beleza,
Que mais caro que as outras dar queria
O que deu, pera dar-se, a Natureza.
5 Já cansado, correndo, lhe dizia:
— «Ó fermosura indigna de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera um corpo de quem levas a alma!

LXXVII

«Todas de correr cansam, Ninfa pura,
10 Rendendo-se à vontade do inimigo;
Tu só de mi só foges na espessura?
Quem te disse que eu era o que te sigo?
Se to tem dito já aquela ventura
Que em toda a parte sempre anda comigo,
15 Oh, não na creias, porque eu, quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia!

LXXVIII

«Não canses, que me cansas! E se queres
Fugir-me, por que não possa tocar-te,
Minha ventura é tal que, inda que esperes,
20 Ela fará que não possa alcançar-te!

1. *Que corria* = *que corresse*...
6. *Indigna de...* = *incompatível com*...
15. *...porque quando eu a cria...*

Espera! quero ver, se tu quiseses,
Que sutil modo busca de escapar-te,
E notarás, no fim deste sucesso,
Tra la spica e la man, qual muro é messo.

LXXIX

5 «Oh, não me fijas! Assi nunca o breve
Tempo fuja de tua fermosura!
Que, só com refrear o passo leve,
Vencerás da fortuna a força dura.
Que imperador, que exército se atreve
10 A quebrantar a fúria da ventura
Que, em quanto desejei, me vai seguindo?
O que tu só farás, não me fugindo.

LXXX

«Pões-te da parte da desdita minha?
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.
15 Levas-me um coração que livre tinha?
Solta-mo, e correrás mais livremente.
Não te carrega essa alma tão mesquinha
Que, nesse fios de ouro reluzente,
Atada levas? Ou, depois de presa,
20 Lhe mudaste a ventura, e menos pesa?

2. *Escapar-te* é transit. Suj. *ventura*.

4. É um dos versos do soneto de Petrarca *Se col cieco desir, che 'l cor distrugge...* A tradução é: *Que muro está posto entre a espiga e a mão, o que equivale ao risão português: Da mão à boca se perde muitas vezes a sopa.*

9-12. Entenda-se: *a fúria da má ventura, que sempre me contrariou em tudo quanto eu desejei, não haverá grande general nem exército que possa quebrantá-la. Tu só a quebrantarás, se me não fugires.*

LXXXI

«Nesta esperança só te vou seguindo:
Que ou tu não sofrerás o peso dela,
Ou na virtude de teu gesto lindo
Lhe mudarás a triste e dura estrela!
5 E se se lhe mudar, não vás fugindo,
Que Amor te ferirá, gentil donzela,
E tu me esperarás, se Amor te fere;
E se me esperas, não há mais que esperel»

LXXXII

Já não fugia a bela Ninfa tanto,
10 Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas mágoas que dizia.
Volvendo o rosto, já sereno e santo,
Toda banhada em riso e alegria,
15 Cair se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

LXXXIII

Oh, que famintos beijos na floresta!
E que mimoso choro que soava!
Que afagos tão suaves! Que ira honesta,
20 Que em risinhos alegres se tornava!

8. Entenda-se: *Se me esperas, nada mais eu tenho a esperar, porque tenho a ventura que desejava.*

O que mais passam na manhã e na sesta,
Que Vénus com prazeres inflamava,
Milhor é exprimentá-lo que julgá-lo,
Mas julgue-o quem não pode exprimentá-lo.

LXXXIV

5 Dest'arte, enfim, conformes já as fermosas
Ninfas co'os seus amados navegantes,
Os ornam de capelas deleitosas.
De louro e de ouro e flores abundantes.
As mãos alvas lhe davam como esposas;
10 Com palavras formais e estipulantes,
Se prometem eterna companhia,
Em vida e morte, de honra e alegria.

LXXXV

Ūa delas, maior, a quem se humilha
Todo o coro das Ninfas e obedece,
15 Que dizem ser de Celo e Vesta filha,
O que no gesto belo se parece,
Enchendo a terra e o mar de maravilha,
O capitão ilustre, que o merece,
Recebe ali com pompa honesta e régia,
20 Mostrando-se senhora grande e egrégia.

1. *Manhã e...* são duas sílabas, na métrica do tempo.

3. *...é* contrai-se com a sílaba seguinte, tal como no 5.º verso *já as...*

10. *Estipulantes*=*obrigantes*, como leis a cumprir.

19. *Honest*a=*nobre*.

LXXXVI

Que, depois de lhe ter dito quem era,
Co'um alto exórdio, de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender que ali viera
Por alta influência do imóvel Fado,
5 Pera lhe descobrir da unida Esfera
Da terra imensa e mar não navegado
Os segredos, por alta profecia,
O que esta sua Nação só merecia,

LXXXVII

Tomando-o pela mão, o leva e guia
10 Pera o cume dum monte alto e divino,
No qual ãa rica fábrica se erguia
De cristal toda e de ouro puro e fino.
A maior parte aqui passam do dia
Em doces jogos e em prazer contino;
15 Ela nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras, entre as flores.

LXXXVIII

Assi a fermosa e a forte companhia
O dia quase todo estão passando
Nũa alma, doce, incógnita alegria,
20 Os trabalhos tão longos compensando;
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa, o mundo está guardando
O prémio lá no fim, bem merecido,
Com fama grande e nome alto e subido.

19. *Alma* é um latinismo; o adjectivo latino *almus*, *alma*, *almum* significa *alentador*, *benfazejo*.

LXXXIX

Que as Ninfas do Oceano tão fermosas,
Tétis e a Ilha angélica pintada,
Outra cousa não é que as deleitosas
Honras que a vida fazem sublimada.
5 Aquelas preminências gloriosas,
Os triunfos, a fronte coroada
De palma e louro, a glória e maravilha,
Estes são os deleites desta ilha.

XC

Que as imortalidades que fingia
10 A Antiguidade, que os ilustres ama,
Lá no estelante Olimpo, a quem subia
Sobre as asas ínclitas da Fama,
Por obras valerosas que fazia,
Pelo trabalho imenso que se chama
15 «Caminho da virtude», alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre e deleitoso,

XCI

Não eram senão prémios que reparte,
Por feitos imortais e soberanos,
O mundo co'os varões que esforço e arte
20 Divinos os fizeram, sendo humanos;

9. *Imortalidades* está no plural, significando os vários ilustres a quem a Antiguidade attribuía o ser imortal. Attribuía-o a quem subia nas asas da Fama pelos feitos que praticava...

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Que Júpiter, Mercúrio, Febo e Marte,
Eneias e Quirino e os dous Tebanos,
Ceres, Palas e Juno com Diana,
Todos foram de fraca carne humana;

XCII

5 Mas a Fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu no mundo nomes tão estranhos
De Deuses, Semideuses imortais,
Indígetes, Heróicos e de Magnos.
Por isso, ó vós que as famas estimais,
10 Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do sono do ócio ignavo,
Que o ânimo, de livre, faz escravo;

XCIII

E ponde na cobiça um freio duro,
E na ambição também, que indignamente
15 Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vício da tirania infame e urgente;
Porque essas honras vãs, esse ouro puro
Verdadeiro valor não dão à gente;
Milhor é merecê-los sem os ter,
20 Que possuí-los sem os merecer.

1-8. Camões nestas estrofes aceita a doutrina do *eusemerismo* (de Evémero, IV séc. A. de C.).

8. *Indígetes* = heróis nacionais, erguidos, depois de mortos, a divindades tutelares. *Magnos* deverá ser pronunciado *mánhos*.

XCIV

Ou dai na paz as leis iguais, constantes,
Que aos grandes não dêem o dos pequenos,
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a lei dos imigos Sarracenos:
5 Fareis os Reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais, e nenhum menos;
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras que ilustram tanto as vidas.

XCV

E fareis claro o rei que tanto amais,
10 Agora co'os conselhos bem cuidados,
Agora co'as espadas, que imortais
Vos farão, como os vossos já passados.
Impossibilidades não façais,
Que quem quis, sempre pôde; e numerados
15 Sereis entre os Heróis esclarecidos,
E nesta «Ilha de Vénus» recebidos.

CANTO X.

I

Mas já o claro amador da Larisseia
Adúltera inclinava os animais
Lá pera o grande lago que rodeia
Temistitão, nos fins ocidentais;
5 O grande ardor do Sol Favónio enfreia
Co'o sopro, que nos tanques naturais
Encrespa a água serena e despertava
Os lírios e jasmins, que a calma agrava,

II

Quando as fermosas Ninfas, co'os amantes
10 Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam pera os paços radiantes
E de metais ornados reluzentes,

1-2. *Corónis*, de Larissa ou Larisa, na Tessália, foi amada de *Apolo* — o Sol. Os *animais* são os cavalos que puxavam o carro em que, segundo o Mito, o Sol dava a volta à Terra.

4. *Temistitão*, alteração de *Tenochtitlan*, era a capital dos Aztecas, o antigo povo americano que invadiu o território mais tarde chamado o México, e era situada no meio dum lago, então muito mais extenso do que hoje.

5. *Favónio*, ou seja o *Zéfiro*, acalma o grande ardor do Sol com o sopro que encrespa a água em mares e lagos (os *tanques naturais*) e desperta a vida nos lírios e jasmins que o calor faz pender, de sonolentos.

Mandados da rainha, que abundantes
Mesas de altos manjares excelentes
Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

III

- 5 Ali, em cadeiras ricas, cristalinas,
Se assentam dous e dous, amante e dama;
Noutras, à cabeceira, de ouro finas,
Está co'a bela Deusa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
10 A quem não chega a egípcia antiga fama,
Se acumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlântico tesouro.

1. Mandados refere-se a amantes e ninfas.

3. Aparelhados por aparelhadas. A palavra, que devia concordar com mesas, está concordando por atracção com manjares.

10. O Poeta refere-se à fama dos banquetes oferecidos por Cleópatra, rainha do Egipto, a César, primeiro, depois a Marco António. Tal fama ficava muito inferior à que mereceriam os manjares da Ilha dos Amores. A quem = as quais (iguarias).

12. O atlântico tesouro eram os Jardins das Hespérides (103, II).

IV

Os vinhos odoríferos, que acima
Estão não só do itálico Falerno,
Mas da ambrósia, que Jove tanto estima
Com todo o ajuntamento sempiterno,
5 Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem súbita alegria,
Saltando co'a mistura de água fria.

V

Mil práticas alegres se tocavam;
10 Risos doces, sotis e argutos ditos,
Que entre um e outro manjar se alevantavam,
Despertando os alegres apetitos;

2. O *Falerno* era o vinho mais afamado da antiga Itália.

3-4. A *ambrósia* e o *néctar* eram, respectivamente, a comida e a bebida dos deuses, mas também a *ambrósia* foi considerada bebida. Tal bebida era saboreada por *Jove* (*Júpiter*), assim como por todos os deuses reunidos no *Olimpo* (todo o ajuntamento sempiterno).

5. Os vasos que resistem à lima são os de diamante.

9. *Se tocavam* tem sido alterado por alguns editores em *se trocavam*. Mas também pode ter o sentido de *eram afloradas, levemente tratadas*.

Músicos instrumentos não faltavam
(Quais no profundo Reino os nus espíritos
Fizeram descansar da eterna pena)
Co'ũa voz d'ũa angélica Sirena.

VI

5 Cantava a bela Ninfa, e co'os acentos,
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonância igual os instrumentos
Suaves vêm a um tempo conformando.
Um súbito silêncio enfreia os ventos,
10 E faz ir docemente murmurando
As águas, e nas casas naturais
Adormecer os brutos animais.

2-3. Entenda-se: tais que no Inferno (à semelhança da lira tocada por Orfeu) suspenderiam a pena das almas condenadas. Nus espíritos é o mesmo que espíritos destituídos da vestidura carnal.

VII

Com doce voz está subindo ao Céu
Altos varões que estão por vir ao mundo,
Cujas claras ideias viu Proteu
Num globo vão, diáfano, rotundo
5 — Que Júpiter em dom lho concedeu
Em sonhos —, e depois no Reino fundo,
Vaticinando, o disse, e na memória
Recolheu logo a Ninfa a clara história.

VIII

Matéria é de coturno e não do soco
10 A que a Ninfa aprendeu no imenso lago,
Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
Entre os Feaces um, outro em Cartago.

1. *Subindo* é aqui transitivo, como *erguendo*.

2-8. *Proteu* era, segundo a Mitologia, dotado da faculdade profética. Concebe o Poeta que ele vira num *globo oco (vão)* e *diáfano* as ideias de futuros heróis portugueses. Camões é platonizante (*Vid.* 1. vol. pág. 111) e por isso concebe, como Platão, que os homens não são mais do que as realizações concretas, na *esfera sensível*, das *ideias da esfera inteligível*, ou seja dos tipos gerais, libertos das limitações do tempo e do espaço, que nos indivíduos transitória e se corporizam. Foi no *Reino fundo*, ou seja no Oceano, que a Ninfa ouviu o vaticínio que fixou e agora vai reproduzir.

9. *Matéria é de coturno*, ou seja *de tragédia*, em cuja representação os actores gregos calçavam *coturno*, calçado que lhes elevava a altura; e *não de soco*, quer dizer — e *não de comédia*, cujos actores calçavam o *soco*.

11. *Iopas* é, no poema de Virgílio, o cantor profeta no banquete que *Dido* oferece a *Eneas*. *Demódoco* é, na

Aqui, minha Calíope, te invoco
Neste trabalho extremo, por que em pago
Me tornes do que escrevo, e em vão pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo.

IX

5 Vão os anos decendo, e já do Estio
Há pouco que passar até o Outono;
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto nem me abono;
Os desgostos me vão levando ao rio
10 Do negro esquecimento e eterno sono;
Mas tu me dá que cumpra, ó grão Rainha
Das Musas, co'o que quero à Nação minha!

X

Cantava a bela Deusa que viriam
Do Tejo, pelo mar que o Gama abrira,
15 Armadas que as ribeiras venceriam
Por onde o Oceano Índico suspira;
E que os gentios reis que não dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
20 Até render-se a ele ou logo à morte.

Odisseia, de Homero, o cantor que, no palácio de *Alcínoo*, rei dos *Feaces*, canta vaticínios no banquete oferecido a *Ulisses*.

1. *Calíope* é, como o Poeta o diz adiante, a rainha das Musas.

7. A *Fortuna* tem aqui o sentido de *Fado*.

9-10. O rio do negro esquecimento é o Inferno, para além do qual as almas esqueciam o que se passava em vida.

XI

Cantava de um que tem nos Malabares
Do sumo sacerdócio a dignidade,
Que, só por não quebrar co'os singulares
Barões os nós que dera de amizade,
5 Sofrerá suas cidades e lugares,
Com ferro, incêndios, ira e crueldade,
Ver destruir do Samorim potente,
Que tais ódios terá co'a nova gente.

XII

E canta como lá se embarcaria
10 Em Belém o remédio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria,
O grão Pacheco, Aquiles lusitano:
O peso sentirão, quando entraria,
O curvo lenho e o férvido Oceano,
15 Quando mais na água os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se meterem.

1-8. O Poeta refere-se ao rei de Cochim, com quem Pedro Álvares Cabral assentou amizade, e que mais tarde foi, por virtude dela, atacado pelo Samorim (o rei de Calecut), inimigo dos Portugueses — a *nova gente* que entrava na Índia.

10-16. O remédio do *dano* que o Samorim fez ao rei de Cochim trouxe-o Duarte Pacheco Pereira, que o Poeta compara a *Aquiles*. O peso do seu poder haviam de senti-lo os navios (*curvo lenho*) e o Oceano, quando os *troncos* (os mesmos navios) se atrevessem a afrontar na água o seu valor (*a sua natureza*). O próprio herói não adivinhara, ao partir de Belém, o *que em si ao mar traria*, ou seja — o esforço heróico de que seria capaz. *Quando entraria* = quando entrar.

XIII

Mas já chegado aos fins orientais,
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim, com poucos naturais,
Nos braços do salgado e curvo rio,
5 Desbaratará os naires infernais
No passo Cambalão, tornando frio
De espanto o ardor imenso do Oriente,
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

XIV

Chamará o Samorim mais gente nova;
10 Virão reis de Bipur e de Tanor,
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estarão prometendo a seu senhor;
Fará que todo o naire enfim se mova,
Que entre Calecu jaz e Cananor,
15 De ambas as leis imigas, pera a guerra,
Mouros por mar, gentios pola terra..

1. *Fins* = *confins*.

2. *Deixado* [D. Pacheco]. Assim o refere J. de Barros: «[F. de Albuquerque] deixando Duarte Pacheco à entrada de uma ponte de terra soberba sobre o rio...». Este rio é o de Cochim, que o Poeta qualifica de *salgado*, porque um *esteiro da maré se metia* [nele], diz Castaneda.

6. Cambalão é uma ilha perto de Cochim.

10. Na 1.^a ed. ocorre *Reis Bipur*...

XV

E todos outra vez desbaratando,
Por terra e mar, o grão Pacheco ousado,
A grande multidão que irá matando
A todo o Malabar terá admirado.
5 Cometerá outra vez, não dilatando,
O gentio os combates, apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos Deuses vãos, surdos e imotos.

XVI

Já não defenderá sòmente os passos,
10 Mas queimar-lhe-à lugares, templos, casas;
Aceso de ira, o cão, não vendo lassos
Aqueles que as cidades fazem rasas,
Fará que os seus, da vida pouco escassos,
Cometam o Pacheco, que tem asas,
15 Por dous passos num tempo; mas voando
De um noutro, tudo irá desbaratando.

6. O gentio é o rei de Calecut; é o sujeito do verbo *cometerá*, etc.

8. *Imotos* = *sem movimento*, *impassíveis*.

11. *Cão* é designação injuriosa do rei inimigo. Já sabemos que o Poeta, homem do seu tempo, não poupa aos doestos os inimigos da sua fé e do seu povo — o *torpe ismaelita* (I, 8), os *perros* (I, 48), os *cães* (I, 87).

13. *Da vida poucos escassos*, porque a dão com facilidade.

15. Os dois passos eram o de *Paluarte* e o do *Vau*, que distavam um do outro dois terços de légua, segundo Castanheda.

XVII

Virá ali o Samorim, por que em pessoa
Veja a batalha e os seus esforce e anime;
Mas um tiro, que com zunido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime.
5 Já não verá remédio ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito estime;
Inventará traições e vãos venenos,
Mas sempre (o Céu querendo) fará menos.

XVIII

Que tornará a vez sétima — cantava —
10 Pelejar co'o invicto e forte luso,
A quem nenhum trabalho pesa e agrava,
Mas contudo este só o fará confuso:
Trará, pera a batalha horrenda e brava,
Máquinas de madeiros fora de uso,
15 Pera lhe abalroar as caravelas,
Que até 'li vão lhe fora cometê-las.

1. *Virá ali o* são três sílabas métricas, pela contracção de *d-a* e *i-o*.

6. *Estime* = *tenha em conta*.

8. *Fará menos* = *não alcançará o que deseja*.

14. As *máquinas* a que o Poeta se refere eram uns castelos de madeira jamais usados (*fora de uso*) feltos para aferrar as nossas caravelas. D. P., «se bem dissimulando que não tinha em conta os castelos del-rei de Calcut, eles lhe davam assaz de trabalho no espírito» — diz Castanheda, I, 82.

XIX

Pela água levará serras de fogo
Pera abrasar-lhe quanta armada tenha;
Mas a militar arte e engenho logo
Fará ser vã a braveza com que venha.
5 «Nenhum claro barão no márcio jogo,
Que nas asas da Fama se sustenha,
Chega a este, que a palma a todos toma
— E perdoe-me a ilustre Grécia ou Roma.

XX

«Porque tantas batalhas, sustentadas
10 Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas e artes inventadas,
Tantos cães, não imbeles, profligados,
Ou parecerão fábulas sonhadas,
Ou que os celestes coros, invocados,
15 Decerão a ajudá-lo, e lhe darão
Esforço, força, ardil e coração.

XXI

«Aquele que nos campos maratónios
O grão poder de Dário estrui e rende,
Ou quem, com quatro mil Lacedemónios,
20 O passo de Termópilas defende,

17. Referências a Milcíades, que venceu os Persas, sob o comando do próprio rei deles — Dario (*Dário* por imposição do metro) — na batalha de Maratona.

19. Foi Leónidas que defendeu o desfiladeiro das Termópilas, que abre passagem da Tessália para a Grécia

Nem o mancebo Cocles dos Ausónios,
Que com todo o poder tusco contende
Em defesa da ponte, ou Quinto Fábio,
Foi como este na guerra forte e sábio.»

XXII

- 5 Mas neste passo, a Ninfa, o som canoro
Abaxando, fez ronco e entristecido,
Cantando em baxa voz, envolta em choro,
O grande esforço mal agradecido:
— O' Belisário — disse —, que no coro
10 Das Musas serás sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolar-te!

própriamente dita, contra a invasão do exército de Xerxes, rei da Pérsia.

1. Trata-se de Horácio Cocles, que a história lendária da primitiva Roma refere ter sustido na ponte sublícia, enquanto os Romanos a cortavam, o ímpeto dos Etruscos ou Tuscos, que tinham descido sobre a cidade para repor Tarquínio no trono. *Dos Ausónios = dos Romanos.*

3. Quinto Fábio Máximo, o *Cunctator*, chefe militar na 2.^a guerra púnica, venceu a Aníbal.

9. Belisário (505-563) foi general de Justiniano, imperador bizantino, que o mandou prender, acusado de conspirador. Diz uma lenda que chegou a mendigar nas ruas de Constantinopla.

XXIII

«Aqui tens companheiro, assi nos feitos
Como no galardão injusto e duro;
Em ti e nele veremos altos peitos
A baxo estado vir, humilde e escuro.
5 Morrer nos hospitais, em pobres leitos,
Os que ao rei e à lei servem de muro!
Isto fazem os reis cuja vontade
Manda mais que a justiça e que a verdade.

XXIV

«Isto fazem os reis, quando, embebidos
10 Nũa aparência branda que os contenta,
Dão os prémios, de Aiace merecidos,
À língua vã de Ulisses, fraudulenta.
Mas vingo-me, que os bens mal repartidos
Por quem só doces sombras apresenta,
15 Se não os dão a sábios cavaleiros,
Dão-os logo a avarentos lisonjeiros.

7. *Vontade* = *capricho*.

11-12. *Aiace* ou *Ajax* era, no cerco de Troia, o mais heróico dos Gregos, logo depois de *Aquiles*. Pretendendo ser o herdeiro das armas deste, morto em combate, teve como concorrente a *Ulisses*, a quem elas foram entregues pelos capitães e pelos juizes do pleito. *Ulisses* distinguia-se mais pela eloquência e pela manha, do que pelo valor e esforço militares.

13. *Vingo-me* = *fico vingado*.

14. *Doces sombras* = *aparências lisonjeiras*.

XXV

«Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Um tal vassalo, ó Rei, só nisto inico,
Se não és pera dar-lhe honroso estado,
E' ele pera dar-te um Reino rico.

5 Enquanto for o Mundo rodeado
Dos apolíneos raios, eu te fico
Que ele seja entre a gente ilustre e claro,
E tu nisto culpado por avaro.»

XXVI

«Mas eis outro — cantava — intitulado
10 Vem com nome real, e traz consigo
O filho, que no mar será ilustrado
Tanto como qualquer romano antigo,
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quíloa fértil áspero castigo,
15 Fazendo nela rei leal e humano,
Deitado fora o pérfido tirano.

9-11. Refere-se a D. Francisco de Almeida, o 1.º vice-rei da Índia, que para lá foi acompanhado do filho — D. Lourenço.

14. O rei de Quíloa foi deposto por D. F. de Almeida, porque se recusou a pagar as páreas da sua vassalagem.

16. Assim o consideram os cronistas.

XXVII

«Também farão Mombaça, que se arreia
De casas sumptuosas e edificios,
Co'o ferro e fogo seu queimada e feia,
Em pago dos passados malefícios.
5 Depois, na costa da Índia, andando cheia
De lenhos inimigos e artificios
Contra os Lusos, com velas e com remos
O mancebo Lourenço fará extremos.

XXVIII

«Das grandes naus do Samorim potente,
10 Que encherão todo o mar, co'a férrea péla,
Que sai com trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, masto, vela;
Despois, lançando arpêus ousadamente
Na capitaina imiga, dentro nela
15 Saltando, a fará, só com lança e espada,
De quatrocentos mouros despejada.

11. Sai tem de ler-se como *dissilabo*, tal como *cai* em 47, IX. Para o evitar, Faria e Sousa modificou a lição, que é a da 1.^a ed., para *como trovão*. Vid. — nota 9 da pág. 254.

XXIX

«Mas de Deus a escondida providência
(Que ela só sabe o bem de que se serve)
O porá onde esforço nem prudência
Poderá haver, que a vida lhe reserve.
5 Em Chaul, onde em sangue e resistência
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão que com vida se não saia
As armadas de Egipto e de Cambaia.

XXX

«Ali, o poder de muitos inimigos
10 (Que o grande esforço só com força rende),
Os ventos que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o ofende.
Aqui ressurjam todos os antigos
A ver o nobre ardor que aqui se aprende:
15 Outro Sceva verão, que, espedaçado,
Não sabe ser rendido, nem domado.

15. *Sceva* foi um centurião do exército com que César combateu Pompeu. Referem-se ao heroísmo com que, gravissimamente ferido, defendeu a porta do castelo, além dos escritores antigos — Suetónio e Lucano — também poetas cristãos como Petrarca e João de Mena.

XXXI

«Com toda ãa coxa fora, que em pedaços
Lhe leva um cego tiro que passara,
Se serve inda dos animosos braços
E do grão coração que lhe ficara,
5 Até que outro pelouro quebra os laços
Com que co'a alma o corpo se liara:
Ela, sôlta, voou da prisão fora,
Onde súbito se acha vencedora.

XXXII

«Vai-te, alma, em paz, da guerra turbulenta,
10 Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo que em pedaços se apresenta,
Quem o gèrou, vingança já lhe ordena:
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
15 De esperas, basiliscos e trabucos,
A Cambaicos cruéis e Mamelucos.

XXXIII

«Eis vem o pai com ânimo estupendo,
Trazendo fúria e mágoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
20 Fogo no coração, água nos olhos.
A nobre ira lhe vinha prometendo
Que o sangue fará dar pelos gíolhos
Nas inimigas naus; senti-lo-á o Nilo,
Podê-lo-á o Indo ver, e o Gange ouvi-lo.

XXXIV

«Qual o touro cioso, que se ensaia
Pera a crua peleja, os cornos tenta
No tronco dum carvalho ou alta faia,
E, o ar ferindo, as forças exprimenta:
5 Tal, antes que no Seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada afia,
Abaxando-lhe a tímida ousadia.

XXXV

«E logo, entrando fero na enseada
10 De Dio, ilustre em cercos e batalhas,
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecu, que remos tem por malhas;
A de Melique Iaz, acautelada,
Co'os pelouros que tu, Vulcano, espalhas,
15 Fará ir ver o frio e fundo assento,
Secreto leito do húmido elemento.

XXXVI

«Mas a de Mir Hocém, que, abalroando,
A fúria esperará dos vingadores,
Verá braços e pernas ir nadando
20 Sem corpos, pelo mar, de seus senhores;

5. Seio = golfo.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Raios de fogo irão representando,
No cego ardor, os bravos domadores;
Quanto ali sentirão olhos e ouvidos
É fumo, ferro, flamas e alaridos.

XXXVII

5 «Mas ah, que desta próspera vitória,
Com que depois virá ao pátrio Tejo,
Quase lhe roubará a famosa glória
Um sucesso que triste e negro vejo!
O Cabo Tormentório, que a memória
10 Co'os ossos guardará, não terá pejo
De tirar deste mundo aquele esprito,
Que não tiraram toda a Índia e Egipto.

XXXVIII

«Ali, cafres selvagens poderão
O que destros imigos não puderam,
15 E rudos paus tostados sós farão
O que arcos e pelouros não fizeram.
Ocultos os juízos de Deus são;
As gentes vãs, que não nos entenderam,
Chamam-lhe fado mau, fortuna escura,
20 Sendo só providência de Deus pura.»

4. É aliteração intencional, a série de palavras começando por *f*.

9-10. «D. Francisco de Almeida ficou enterrado no lugar em que acabou os seus dias» — diz Castanheda, II, 123.

XXXIX

«Mas oh, que luz tamanha que abrir sinto
— Dizia a Ninfa, e a voz alevantava —
Lá no mar de Melinde, em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja e Brava,
5 Pelo Cunha também, que nunca extinto
Será seu nome em todo o mar que lava
As ilhas do Austro, e praias que se chamam
De São Lourenço, e em todo o Sul se afamam!

XL

«Esta luz é do fogo e das luzentes
10 Armas com que Albuquerque irá amansando
De Ormuz os Párseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso e brando.
Ali, verão as setas estridentes
Reciprocarse, a ponta no ar virando,
15 Contra quem as tirou, — que Deus peleja
Por quem estende a fé da Madre Igreja.

5-8. Refere-se o Poeta, ao falar de Afonso de Albuquerque, a Tristão da Cunha, em cuja armada o herói foi para a Índia. T. da Cunha, arrojado pelo temporal às costas do Brasil, no trajecto entre elas e o Cabo da Boa Esperança descobriu as ilhas a que deu o seu nome — as *ilhas do Austro*. Igualmente aproveitou o ensejo para mais completas notícias da Ilha de S. Lourenço (Madagáscar).

11. Os Párseos de Ormuz, ou melhor, o seu rei recusou fazer-se vassalo do rei português, apesar da fama de que vinha precedido o *terrível* Albuquerque.

13-15. É Castanheda que refere o milagre, a que o Poeta também alude nas *Oitavas* (*Vid.* II vol. pág. 188, nota 2): «...começaram de aparecer sobre a água do mar

XLI

«Ali, do sal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pela praia e mar se estendem
De Gerum, de Mascate e Calaiate,
5 Até que, a força só de braço, aprendem
A abaxar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigaçãõ de dar o Reino inico
Das perlas de Barém tributo rico.

XLII

«Que gloriosas palmas tecer vejo,
10 Com que Vitória a fronte lhe coroa,
Quando, sem sombra vã de medo ou pejo,
Toma a ilha ilustríssima de Goa!

muitos corpos mortos de Mouros, pregados de muitas frechas, o que foi dito ao capitão-mor, que, espantado daquilo, mandou tomar alguns daqueles corpos, e viu que verdadeiramente eram de Mouros, e as frechas tais como aquelas que os Mouros tiravam na batalha. E chorando de prazer, disse a todos que ali conheciam o milagre que Nosso Senhor fizera por eles, que as mesmas frechas que os Mouros lhes tiravam tornavam sobre eles e os matavam». (Castanheda, II, 106). *Reciprocarse* = voltar pelo mesmo caminho.

1. Em Ormuz — diz Castanheda — corre uma pequena serra com «uma pedreira de sal», de onde a expressão do Poeta — *montes de sal*.

6. Epifânio, a propósito de *onde*, lembra a mesma palavra no verso 8, 25 VII, crendo que significará *para que assim*. Mas parece antes que *onde* se refere a cerviz, sobre a qual metafóricamente incidirá, como jugo, a obrigação do tributo.

Depois, obedecendo ao duro ensejo,
A deixa, e ocasião espera boa
Com que a torne a tomar, que esforço e arte
Vencerão a fortuna e o próprio Marte.

XLIII

5 «Eis já sobre ela torna e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso e horrendo
Esquadrão de Gentios e de Mouros;
Irão soldados ínclitos fazendo
10 Mais que leões famélicos e touros,
Na luz que sempre celebrada e dina
Será da egípcia Santa Caterina.

XLIV

«Nem tu menos fugir poderás deste,
Posto que rica e posto que assentada
15 Lá no grémio da Aurora, onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeada!

12. Foi no dia de Santa Catarina, 25 de Novembro de 1510, que a cidade de Goa foi tomada. Por isso Afonso de Albuquerque a tomou para padroeira da cidade.

13. *Nem menos*, que faz lembrar o francês *ni moins non plus* e o italiano *nommeno*, significa também não.

15. *No grémio da Aurora* = no seio da Aurora, no Oriente.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

As setas venenosas que fizeste,
Os crises com que já te vejo armada,
Malaioz namorados, Jaus valentes,
Todos farás ao Luso obedientes».

XLV

5 Mais estanças cantara esta Sirena
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe ãa ira que o condena,
Posto que a fama sua o Mundo cerque.
O grande capitão que o fado ordena
10 Que com trabalhos glória eterna merque,
Mais há-de ser um brando companheiro
Pera os seus, que juiz cruel e inteiro.

4. *Todos* abrange Malaioz e Jaus, tanto como *setas* e *crises* (plural de *cris* — espécie de adaga, usada pelos Malaioz).

7. A *ira* ou acto violento que, segundo o Poeta, condena a Albuquerque, é a referida por Castanheda e Barros. Rui Dias, natural de Alenquer, entrava de noite na câmara de leme, para dormir com uma moça das que Albuquerque tomara em Goa, na casa do sabaio, e guardava para mandar à rainha. Só por isto o governador o mandou prender e condenou com o seu ouvidor à força, violência que os capitães lhe estranharam, mas que foi cumprida. O Poeta, que perdoa a D. Fernando as fraquezas com que o homem compromete o rei, não admira que condene esta dura inflexibilidade do governador.

XLVI

Mas em tempo que fomes e asperezas,
Doenças, frechas e trovões ardentes,
A sação e o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes,
5 Parece de selváticas brutezas,
De peitos inumanos e insolentes,
Dar extremo suplício pela culpa
Que a fraca humanidade e Amor desculpa.

XLVII

Não será a culpa abominoso incesto,
10 Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adultério desonesto,
Mas co'ũa escrava vil, lasciva e escura.
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
15 Co'os seus ãa ira insana não refreia,
Põe na fama alva noda negra e feia.

XLVIII

Viu Alexandre Apeles namorado
Da sua Campaspe, e deu-lha alegremente,
Não sendo seu soldado exprimentado,
20 Nem vendo-se num cerco duro e urgente.

18. O pintor Apeles apaixonou-se por Campaspe, quando, por ordem de Alexandre, a pintava nua.

Sentiu Ciro que andava já abrasado
Araspas, de Panteia, em fogo ardente,
Que ele tomara em guarda, e prometia
Que nenhum mau desejo o venceria;

XLIX

- 5 Mas, vendo o ilustre persa que vencido
Fora de Amor, que enfim não tem defesa,
Levemente o perdoa, e foi servido
Dele num caso grande, em recompensa.
Por força, de Judita foi marido
10 O férreo Baldovino; mas dispensa
Carlos, pai dela, posto em cousas grandes,
Que viva e povoador seja de Frandes.

1. Ciro, rei da Pérsia, confiara a Araspas a guarda de Panteia, esposa de Abradates, rei da Susiana, aprisionada no acampamento dos Assírios, de quem o marido era aliado contra os Persas. Araspas, apesar de todos os bons propósitos de respeito pela prisioneira, tentou seduzi-la, e Ciro contentou-se de afastar o seu áulico para a missão de, sob o disfarce de tráfuga, ir descobrir os planos guerreiros dos Lídios.

10. Baldovino ou Balduino, o *Braço-de-Ferro*, raptou Judite, filha impudica de Carlos o Calvo, rei de França († 877). O pai facilmente aceitou, por intervenção do Papa Nicolau I, fazer as pazes com o genro, a quem fez conde de Flandres.

L

Mas prosseguindo a Ninfa o longo canto.
De Soares cantava, que as bandeiras
Faria tremular e pôr espanto
Pelas roxas arábicas ribeiras:
5 — «Medina abominável teme tanto.
Quanto Meca e Gidá, co'as derradeiras
Praias de Abássia; Barborá se teme
Do mal de que o empório Zeila geme;

LI

«A nobre ilha também de Taprobana,
10 Já pelo nome antigo tão famosa,
Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiça cálida, cheirosa,
Dela dará tributo à lusitana
Bandeira, quando, excelsa e gloriosa,
15 Vencendo, se erguerá na torre erguida
Em Columbo, dos próprios tão temida.

2. Lopo Soares de Albergaria foi o sucessor de Albuquerque no governo da Índia.

4. *Roxas ribeiras* = *praias do Mar Vermelho*.

5. Medina é a cidade da Arábia onde se encontra o túmulo de Maomé. Por isso o Poeta lhe chama *abominável*.

6. Gidá é o porto de Meca.

7. Barborá e Zeila são portos no Golfo de Adem. *Abássia* = *Abissínia*.

12. *Cortiça* (— *corticem* = *casca*) *cheirosa* é a *canela*.

16. Columbo é a capital de Ceilão.

LII

«Também Sequeira, as ondas eritreias
Dividindo, abrirá novo caminho
Pera ti, grande Império, que te arreias
De seres de Candace e Sabá ninho.
5 Maçuá, com cisternas de água cheias,
Verá, e o porto Arquico ali vizinho;
E fará descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

1-3. Diogo Lopes de Sequeira sucedeu, no governo da Índia, a Lopo Soares. Embarcando com ele o embaixador abexim que o Preste enviara a Portugal, Mateus, impedido pelo temporal de cumprir a missão de destruir as galés do sultão do Egipto, em Gidá, dirigiu-se, por conselho dos capitães, à costa da Abissínia, e por indicação de Mateus ao porto de Maçuá, por onde comunicou com representantes do imperador abexim. As *ondas eritreias* são as do Mar Vermelho.

4. A Abissínia ou Etiópia gloria-se de ter tido como imperatrizes Candace, que invadiu o Egipto, quando província romana, e Sabá, a quem a Bíblia se refere (*Liv. dos Reis, III, 10, I, 13*). Tendo ido a Jerusalém visitar Salomão, dele houve um filho — David — de quem os Abexins afirmam procederem os seus reis.

7. As remotas ilhas a que o Poeta se refere são as *Ilhas do Ouro*, na Oceania, que Sequeira recebeu de D. Manuel o encargo de descobrir. (*Décadas, II, IV, III*). Esta vaga designação abrangia a *Austrália*, então considerada ilha.

LIII

«Virá depois Meneses, cujo ferro
Mais na África que cá terá provado;
Castigará de Ormuz soberba o erro
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
5 Também tu, Gama, em pago do desterro
Em que estás e serás inda tornado,
Co'os títulos de Conde e de honras nobres
Virás mandar a terra que descobres.

LIV

«Mas aquela fatal necessidade,
10 De quem ninguém se exime dos humanos,
Ilustrado co'a régia dignidade,
Te tirará do mundo e seus enganar.
Outro Meneses logo, cuja idade
É maior na prudência que nos anos,
15 Governará; e fará o ditoso Henrique
Que perpétua memória dele fique.

1-4. Refere-se o Poeta a D. Duarte de Meneses, que foi governador da Índia e antes fora capitão de Tânger. É moderado no elogio, porque este governador foi inferior na actividade como nos escrúpulos morais.

5-12. Vasco da Gama foi feito por D. Manuel conde da Vidigueira e almirante do Mar das Índias. Governou a Índia como vice-rei, e ali morreu em 1524.

13. Este *outro Meneses* é D. Henrique de Meneses, capitão de Goa, que, por disposição das *succeções* que V. da Gama tinha levado consigo, foi feito governador da Índia aos 29 anos de idade.

LV

«Não vencerá sòmente os Malabares,
Destruindo Panane com Coulete,
Cometendo as bombardas, que nos ares
Se vingam só do peito que as comete;
5 Mas com virtudes, certo, singulares,
Vence os imigos da alma todos sete;
De cobiça triunfa e incontidência,
Que em tal idade é suma de excelência.

LVI

«Mas depois que as estrelas o chamarem,
10 Sucederás, ó forte Mascarenhas,
E se injustos o mando te tomarem,
Prometo-te que fama eterna tenhas.
Pera teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
15 A mandar, mais de palmas coroado
Que de fortuna justa acompanhado.

1-6. O sentido, não muito claro, parece ser: não vencerá sòmente os Malabares, afrontando as bombardas que, espalhando tiros no ar, apenas se vingam do corpo de quem as afronta, mas [o que é mais], também vencerá os sete pecados mortais, que põem em perigo a alma.

10-11. Pela morte de D. Henrique de Meneses, na Índia, abertas as *sucessões*, verificou-se que lhe sucedia Pero Mascarenhas. Como, porém, este se encontrasse em Malaca, de que era capitão, foi o Governo da Índia entregue ao terceiro indicado nas sucessões — Lopo Vaz de Sampaio, do que resultou rude e escandalosa contenda de dois partidos, não sem desdouro para os nela envolvidos.

15. Na estrofe seguinte se diz por que foi Mascarenhas *coroado de palmas*.

LVII

«No Reino de Bintão, que tantos danos
Terá a Malaca, muito tempo, feitos,
Num só dia as injúrias de mil anos
Vingarás, co'o valor de illustres peitos.
5 Trabalhos e perigos inumanos,
Abrolhos férreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, setas,
Tudo fico que rompas e sometas.

LVIII

«Mas na Índia, cobiça e ambição,
10 Que claramente põem aberto o rosto
Contra Deus e Justiça, te farão
Vitupério nenhum, mas só desgosto.
Quem faz injúria vil e sem razão,
Com forças e poder em que está posto,
15 Não vence, — que a vitória verdadeira
É saber ter justiça nua e inteira.

6. *Abrolhos férreos* são as chamadas *estrepes*, puas espetadas no chão para ferir quem nele passe.

9-16. Alude o Poeta aos procedimentos que houve para com P. Mascarenhas: por ordem de Lopo Vaz, o capitão de Cochim, Afonso Mexia, foi impedido de o receber, e em Pangim, ainda em obediência a Lopo Vaz, foi-lhe deitado um grilhão e levado sob prisão a Cananor, onde o capitão — Simão de Meneses — o soltou e reconheceu por governador legítimo. Mais tarde um tribunal arbitral resolveu o litígio a favor de Lopo Vaz.

LIX

«Mas contudo não nego que Sampaio
Será, no esforço, ilustre e assinalado,
Mostrando-se no mar um fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado.
5 Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar, pera que, amedrontado,
Depois a ser vencido dele venha
Cutiale, com quanta armada tenha.

LX

«E não menos de Dio a fera frota,
10 Que Chaul temerá, de grande e ousada,
Fará, co'a vista só, perdida, e rota
Por Heitor da Silveira e destroçada,
— Por Heitor Português, de quem se nota
Que, na costa cambaica sempre armada,
15 Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

8. Cutiale era o capitão-mor das forças navais de Calecut.

12. Heitor é um dos heróis do cerco de Tróia, de cujo rei era filho. A frota de Dio, ao ter conhecimento da aproximação de Lopo Vaz, fugiu (*Fará co'a vista só perdida*), sendo depois *rota e destroçada* por Heitor da Silveira. Cremos que *rota* se liga a *destroçada* e não a *perdida*. Esta interpretação evita considerar a copulativa do v. 12 como deslocada do princípio dele por liberdade poética.

LXI

«A Sampaio feroz sucederá
Cunha, que longo tempo tem o leme;
De Chale as torres altas erguerá,
Enquanto Dio ilustre dele treme;
5 O forte Baçaim se lhe dará,
Não sem sangue, porém, que nele geme
Melique, porque a força só de espada,
A tranqueira soberba vê tomada.

LXII

«Trás este vem Noronha, cujo auspício
10 De Dio os Rumes feros afugenta,
— Dio, que o peito e bélico exercício
De António da Silveira bem sustenta.

1. Feroz não teve aqui o sentido que hoje se lhe dá. Significa *fero*, *valente*.

2. Nuno da Cunha, filho de Tristão da Cunha, governou a Índia desde 1529 a 1538.

3. Chale, onde N. da C. mandou construir uma fortaleza, fica a duas léguas de Calecut — no cálculo de Castanheda.

7. Melique era o governador mouro de Baçaim.

8. *Tranqueira* é trincheira de madeira. *Soberba* tem aqui o sentido de *elevada*.

9. É o vice-rei D. Garcia de Noronha, que governou a Índia desde 1538.

12. António da Silveira foi capitão da fortaleza de Dio. Defendeu heróicamente a praia contra as forças com que a cercava por terra o rei de Cambaia e por mar uma grande armada de Solimão II, rei da Turquia.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Fará em Noronha a morte o ousado officio,
Quando um teu ramo, ó Gama, se exprimenta
No governo do Império, cujo zelo
Com medo o Roxo Mar fará amarelo.

LXIII

5 «Das mãos do teu Estêvão vem tomar
As rédeas um, que já será ilustrado
No Brasil, com vencer e castigar
O pirata francês ao mar usado;
Despois, capitão-mor do Índico Mar,
10 O muro de Damão, soberbo e armado,
Escala, e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão coberta.

2. *Quando=então.* O ramo de Vasco da Gama é seu segundo filho Estêvão da Gama, que sucedeu a Noronha, por indicação das *successões*, abertas quando da morte deste na Índia.

6-9. O Poeta refere-se a Martim Afonso de Sousa, que já no Brasil se ilustrara como fundador duma colónia e na luta contra os corsários franceses que ameaçavam o nosso domínio naquela colónia. (*Vid. Hist. da Colonização Port. no Brasil*, III, p. 100). Foi nomeado capitão-mor do *Mar das Índias*.

LXIV

«A este o rei cambaico soberbíssimo
Fortaleza dará na rica Dio,
Por que contra o Mogor poderosíssimo
Lhe ajude a defender o senhorio;
5 Depois irá com peito esforçadíssimo
A tolher que não passe o rei gentio
De Calecu, que assi com quantos veio
O fará retirar, de sangue cheio.

LXV

«Destruirá a cidade Repelim,
10 Pondo o seu rei com muitos em fugida;
E depois, junto ao cabo Comorim,
Ũa façanha faz esclarecida:
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
15 Vencerá co'o furor do ferro e fogo;
Em si verá Beadalá o márcio jogo.

1-4. O império do grão Mogor ou Mogol, fundado na Índia por Baber, descendente de Tamerlão, com capital em Delhi, era em guerra com o Reino de Cambaia. Coge-Sofar aconselhou o sultão Badur, soberano deste país, a que desse fortaleza em Dio ao governador Nuno da Cunha, que este o auxiliaria na luta. Assim foi feito, tendo sido intermediário das negociações Martim Afonso de Sousa, por Nuno da Cunha se encontrar muito longe daquelas paragens.

LXVI

«Tendo assi limpa a Índia dos imigos,
Virá despois com cetro a governá-la,
Sem que ache resistência nem perigos,
Que todos tremem dele e nenhum fala.
5 Só quis provar os ásperos castigos
Baticalá, que vira já Beadala:
De sangue e corpos mortos ficou cheia,
E de fogo e trovões desfeita e feia.

LXVII

«Este será Martinho, que de Marte
10 O nome tem co'as obras derivado,
Tanto em armas ilustre em toda parte,
Quanto em conselho sábio e bem cuidado.
Suceder-lhe-á ali Castro, que o estandarte
Português terá sempre levantado,
15 Conforme sucessor ao sucedido,
Que um ergue Dio, outro o defende erguido.

6. A rainha de Baticalá, na costa ocidental da Índia, recusou-se a pagar tributos atrasados e a entregar navios surtos no seu porto, incriminados de pirataria, pelo que a cidade foi tomada e duramente saqueada e incendiada. Beadala ou Beadalá, no Cabo Comorim, era «uma grande povoação perto dos Baixos de Chilá» — diz Castanheda. Aqui deu Martim Afonso batalha aos Mouros, obtendo vitórias que o mesmo cronista diz «muito importantes para se segurar a Índia».

9. *Martinho* é forma paralela de *Martim*, ambas do étimo latino *Martinum*, que por seu turno, deriva do nome — *Mars-Martis*.

13. D. João de Castro foi governador da Índia em 1545 e mais tarde, pouco antes da morte, seu vice-rei.

13-16. Foi no tempo do governo de D. João de Castro

LXVIII

«Persas feroces, Abassis e Rumes,
Que trazido de Roma o nome têm,
Vários de gestos, vários de costumes
(Que mil Nações ao cerco feras vêm),
5 Farão dos Céus ao mundo vão queixumes,
Porque uns poucos a terra lhe detêm;
Em sangue português juram, descritos,
De banhar os bigodes retorcidos.

LXIX

«Basiliscos medonhos e leões,
10 Trabucos feros, minas encobertas,
Sustenta Mascarenhas co'os barões
Que tão ledos as mortes têm por certas,
Até que, nas maiores opressões,
Castro libertador, fazendo ofertas
15 Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna e a Deus se sacrifiquem.

que se deu em 1546 o célebre 2.º cerco de Dio, posto pelo rei de Cambaia, que sucedeu a Badur — Mahamude.

1-2. *Rumes*, como *Rumélia*, *Rumania*, é palavra etimològicamente aparentada com *Roma*, e por ela se designavam os Maometanos da Turquia, cuja capital — Constantinopla — fora cidade romana, como romano fora o império que dominava, o qual, no tempo em que se passam os acontecimentos a que o Poeta se refere, se encontrava sob o poder do Turco.

9. *Basiliscos* e *leões* eram nomes de peças da antiga artilharia.

11. D. João de Mascarenhas era o capitão-mor de Dio, durante o 2.º cerco.

LXX

«Fernando, um deles, ramo da alta pranta,
Onde o violento fogo com ruído
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será ali arrebatado e ao Céu subido;
5 Álvaro, quando o Inverno o mundo espanta
E tem o caminho húmido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas e os perigos,
Os ventos e depois os inimigos.

LXXI

«Eis vem depois o pai, que as ondas corta
10 Co'o restante da gente lusitana,
E com força e saber, que mais importa,
Batalha dá felice e soberana.
Uns, paredes subindo, escusam porta;
Outros a abrem na fera esquadra insana.
15 Feitos farão tão dinos de memória,
Que não caibam em verso ou larga história.

1-4. D. Fernando de Castro foi com outros pelos ares, no rebentamento duma mina que os sitiantez puseram num dos baluartes.

5-8. D. Álvaro de Castro foi enviado de Goa por seu pai com uma parte da armada em socorro de Dio, em época de perigosíssima navegação no Índico.

13. Entenda-se *paredes* ou muros das *estâncias* do inimigo, erguidas para a defesa e para o ataque. (Vid. Decada VI, Liv. VI, cap. I, de Couto).

14. *Abrem a porta na fera esquadra* = conseguem irromper em meio do exército inimigo.

LXXII

«Este, depois, em campo se apresenta,
Vencedor forte e intrépido, ao possante
Rei de Cambia, e a vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante;
5 Não menos suas terras mal sustenta
O Hidalcão, do braço triunfante
Que castigando vai Dabul na costa;
Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

1. *Este* (D. João de Castro) foi na verdade demandar o exército inimigo, que encontrou acampado a montante de Baroche. Desembarcou para lhe dar batalha, mas receou a grande superioridade numérica, (150.000 homens, segundo Couto), e desistiu, posto que mantendo-se três dias no campo — *a dar-lhe vista* — sem ser atacado.

4. *A fera multidão quadrupedante* tanto podia ser constituída por elefantes como por cavalos, de uns e de outros podendo resultar o epíteto *fera*. Couto não se lhe refere. (Déc. VI, Livr. V, cap. VII).

5-6. *Hidalcão* (ou *Idalxá*, como escreve Couto) é o título que os historiadores dos Descobrimentos dão aos reis da dinastia de Bijapur ou Balgate. O sentido é que também este soberano mal defende as suas terras contra D. João de Castro.

LXXIII

«Estes e outros barões, por várias partes
Dinos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos desta ilha,
5 Varrendo triunfantes estandartes
Pelas ondas que corta a aguda quilha,
E acharão estas Ninfas e estas mesas,
Que glórias e honras são de árduas empresas.»

LXXIV

Assi cantava a Ninfa; e as outras todas,
10 Com sonoro aplauso, vozes davam
Com que festejam as alegres bodas
Que com tanto prazer se celebravam.
— «Por mais que da Fortuna andem as rodas
(Nũa cõsona voz todas soavam),
15 Não vos hão-de faltar, gente famosa,
Honra, valor e fama gloriosa!»

LXXV

Despois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmonia e doce suavidade
20 Viram os altos feitos que descobre,
Tétis, de graça ornada e gravidade,
Pera que com mais alta glória dobre
As festas deste alegre e claro dia,
Pera o felice Gama assi dizia:

LXXVI

— «Faz-te mercê, barão, a Sapiência
Suprema de co'os olhos corporais
Veres o que não pode a vã ciência
Dos errados e míseros mortais.

- 5 Sigue-me firme e forte, com prudência,
Por este monte espesso, tu co'os mais.»
Assi lhe diz, e o guia por um mato
Árduo, difícil, duro a humano trato.

LXXVII

- Não andam muito, que no erguido cume
10 Se acharam, onde um campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis, tais que presume
A vista que divino chão pisava.
Aqui um globo vêem no ar, que o lume
Claríssimo por ele penetrava,
15 De modo que o seu centro está evidente,
Como a sua superfície, claramente.

13-16. Começa nestes versos a descrição do sistema planetário como o concebera Ptolomeu, que era ainda o geralmente admitido, e o ensinado em Portugal pelo Doutor Pedro Nunes, cosmógrafo-mor do Reino.

LXXVIII

Qual a matéria seja não se enxerga,
Mas enxerga-se bem que está composto
De vários orbes, que a divina verga
Compôs, e um centro a todos só tem posto.
5 Volvendo, ora se abaxe, agora se erga,
Nunca se ergue ou se abaxa, e um mesmo rosto
Por toda a parte tem, e em toda a parte
Começa e acaba, enfim, por divina arte,

LXXIX

Uniforme, perfeito, em si sustido,
10 Qual enfim o arquetipo que o criou.
Vendo o Gama este globo, comovido
De espanto e de desejo, ali ficou.

1-4. A esfera, cuja matéria se não conhece (*enxerga*) inclui em si vários orbes que têm como centro comum o centro da terra. Compusera o sistema o divino poder, aqui simbolizado por *verga*, no sentido de vara ou cetro — insignia de soberania.

5-6. Definindo a esfera como uma superfície de revolução gerada pelo movimento de uma circunferência em torno do diâmetro, é claro que ou a circunferência, em tal movimento (*volvendo*), se *erga* ou *abaixe* em relação ao diâmetro, nunca os seus pontos aumentam ou diminuem a distância a que ficam desta linha (*nunca se ergue ou abaixa* — a esfera gerada pelo movimento descrito).

9. Pelos epítetos *uniforme*, *perfeito* significa-se o mesmo que pelas expressões anteriores — *um mesmo rosto por toda a parte tem e em toda a parte começa e acaba*. É o próprio da esfera, superfície de curvatura sempre a mesma e cada ponto dela princípio e fim do círculo que dele se tirar.

10. Por *arquetipo* (*arquetipo* no verso, por necessidade do metro) *que o criou ou segundo o qual foi*

Diz-lhe a Deusa: — «O transunto, reduzido
Em pequeno volume, aqui te dou
Do Mundo aos olhos teus, pera que vejas
Por onde vás e irás e o que desejas.

criado pode entender-se a ideia ou modelo da mente divina que antecedeu e determinou a sua forma. Alguns comentadores, porém, entendem que o Poeta se refere ao próprio Criador. Assim o Prof. Luciano Pereira da Silva (*Astronomia d'Os Lusíadas*) que cita uma tradução italiana da *Sphera*, de Sacrobosco, com anotações e aditamentos de M. Mauro Fiorentino. Atribui-se aí à esfera material a *perfeição*, porque nada se lhe pode acrescentar nem diminuir, assim como se alude ao facto de nela o princípio estar unido com o fim, pelo que ela «significa aquela divina e pura essência de Deus glorioso e bendito [...] E assim o círculo e a esfera significam aquela inteligível e platónica, intelectual esfera, cujo centro está em toda a parte e a circunferência em parte alguma».

3-4. Na estrofe 76 figura-se que é *espesso o monte, árduo, difícil, duro o mato* por que os nautas sobem para verem com os olhos corporais o que não é dado à vã ciência dos homens. Agora diz a deusa que mostra ao Gama o Mundo *em trasunto, para que veja por onde vai e irá e o que deseja*. O Gama e a sua tripulação parecem assim representar a Humanidade em seu árduo anseio por atingir o conhecimento do Mundo em que vive; a revelação do Cosmos poderá crer-se também o coroamento do esforço com que se está devassando o planeta, a visão material, concedida por mercê da *Sapiência suprema*, do que apenas constituía uma concepção do intellecto. Dominando-o pela intelligência, o homem fica na consciência de *por onde vai, por onde irá* e do que constitui o objecto do seu desejo.

LXXX

«Vês aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea e elemental, que fabricada
Assi foi do Saber alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada.
5 Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superfície tão limada,
É Deus; mas o que é Deus, ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.

LXXXI

«Este orbe que primeiro vai cercando
10 Os outros mais pequenos que em si tem,
Que está com luz tão clara radiando
Que a vista cega e a mente vil também,
Empíreo se nomeia, onde logrando
Puras almas estão de aquele Bem
15 Tamanho, que ele só se entende e alcança,
De quem não há no mundo semelhança.

1-2. A grande máquina do Mundo era dividida em duas partes: a *elemental*, constituída pelos quatro elementos — terra, água, ar e fogo — e a *celeste* ou *etérea*, constituída pelos céus ou orbes que o Poeta a seguir descreverá.

5-7. O Poeta exprime por esta imagem — *Quem cerca o Mundo é Deus* — a velha ideia de que Deus é aquele *de quem, por quem e em quem tudo é*, como Santo Anselmo o definia, segundo observa Epifânio.

6. A superfície da esfera é sem rugosidades ou saliências (*limada*).

9. A ordem é: *Este orbe primeiro...*

15. O sumo Bem, Deus, é inacessível aos simples mortais. Só a inteligência infinita de Deus pode abranger o Infinito que é Deus.

LXXXII

«Aqui, só verdadeiros, gloriosos
Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,
Júpiter e Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal e cego engano.

- 5 Só pera fazer versos deleitosos
Servimos; e, se mais o trato humano
Nos pode dar, é só que o nome nosso
Nestas estrelas pôs o engenho vosso.

LXXXII. Esta estrofe, as duas seguintes e os dois primeiros versos da LXXXV destroem a máquina mitológica do poema, ou melhor, procuram dar-lhe o significado cristão que o crítico inglês Bowra já notou (*From Milton to Virgil*), segundo o qual os deuses representam as *causas segundas* e Júpiter a Providência. Há quem julgue (Francisco M. Leone e Aquilino Ribeiro) que seria a troca desta *interpolação*, que o censor concederia vista grossa sobre os passos pagãos do poema. Nós apenas vemos aqui a inevitável ruptura do véu de fantasia mitológica pela realidade, muito perto da qual foi tecido: ao falar de *Emptreo*, era difícil, na verdade, visto que o Poeta o fazia em perfeita adesão à ciência do tempo, não dar o conceito em que ela o tinha. O conceito da Mitologia expresso no parecer do censor B. Ferreira também cremos que torna dispensável ao P. explicação nele implícita. Outrossim julgamos, diferentemente de Bowra, que só neste passo é que o Poeta mostra, e teóricamente, o conceito dos deuses mitológicos que o crítico inglês lhe atribui. Posto que mais de uma vez aformoseie e sublime, no jogo da acção deles, os sucessos da viagem, e posto que alguns deuses, com efeito, segundo o dizemos no *Prefácio*, representem as forças em luta na empresa, a verdade é que em nenhum sistema o Poeta os integra e a cada passo apenas lhe servem para *fazer versos deleitosos*. Afirmá-lo no passo que comentamos é, na verdade, insólito num artista, mas compreende-se num artista que mais de uma vez se orgulha do que de verdade *nua e pura* há no seu poema.

LXXXIII

«E também, porque a santa Providência
— Que em Júpiter aqui se representa —,
Por espíritos mil que têm prudência,
Governa o Mundo todo que sustenta
5 (Ensina-o a profética ciência
Em muitos dos exemplos que apresenta:
Os que são bons, guiando, favorecem;
Os maus, em quanto podem, nos empecem);

LXXXIV

«Quer logo aqui a pintura, que varia,
10 Agora deleitando, ora ensinando,
Dar-lhe nomes, que a antiga Poesia
A seus Deuses já dera, fabulando;
Que os Anjos da celeste companhia
«Deuses» o sacro verso está chamando,
15 Nem nega que esse nome preminente
Também aos maus se dá, mas falsamente.

LXXXV

«Enfim que o sumo Deus, que por segundas
Causas obra no Mundo, tudo manda.
E tornando a contar-te das profundas
20 Obras da mão divina veneranda:

5. Na 1.^a ed. ocorre *Insinalo*.
9. *A pintura que varia = a poesia*.

Debaxo deste círculo, onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda,
Outro corre tão leve e tão ligeiro
Que não se enxerga: é o Móbile primeiro.

LXXXVI

- 5 «Com este rapto e grande movimento
Vão todos os que dentro tem no seio;
Por obra deste, o Sol, andando a tento,
O dia e noite faz, com curso alheio.
Debaxo deste leve, anda outro lento,
10 Tão lento e sojugado a duro freio,
Que, enquanto Febo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá ele um passo.

1-2. O Empíreo considerava-se imóvel. *Mundas* é latinismo; opõe-se a *immundas*.

5. O movimento de Oriente para Ocidente das esferas envolvidas pelo *Primeiro Móvel* é *rapto*, porque determinado por este, que as arrebatava (*rapit*). A palavra pode aqui facilmente tomar-se como adjectivo, mas é como substantivo que é empregada por Sacrobosco e outros.

9-12. O Poeta fala agora da nona esfera — o *Cristalino*. Fazendo uma revolução completa em 49.000 anos, avançava, portanto em duzentos anos (*duzentos cursos do Sol*) um grau e 28 minutos aproximadamente, o que o Poeta arredonda para *um passo* (= *grau*). Era a esta esfera que se attribuía o movimento, como de recuo, — de Ocidente para Oriente — do Sol e das Estrelas, e dos auges dos planetas. Este movimento é o próprio do Sol, cuja revolução completa se faz em 365 dias e um quarto, aproximadamente. O movimento realizado em 24 horas em torno da terra não é *próprio* mas *alheio*, como o Poeta o diz no 4.º verso, visto que o realiza *rapto* (impedido e levado) pelo *Primeiro Móvel*.

LXXXVII

«Olha estoutro debaxo, que esmaltado
De corpos lisos anda e radiantes,
Que também nele têm curso ordenado
E nos seus axes correm cintilantes.
5 Bem vês como se veste e faz ornado
Co'o largo cinto de ouro, que estelantes
Animais doze traz afigurados,
Apousentos de Febo limitados.

LXXXVIII

«Olha por outras partes a pintura
10 Que as estrelas fulgentes vão fazendo:
Olha a Carreta, atenta a Cinosura,
Andrómeda e seu pai, e o Drago horrendo;

1-4. A oitava esfera é o *Firmamento*. Os corpos lisos e radiantes são as estrelas, consideradas fixas (de onde *firmamento*) feitas de quinta essência condensada, e espelhando, como os planetas, a luz do Sol — única fonte de luz celeste, para os astrónomos quinhentistas. Giravam, mantendo fixas as distâncias de umas às outras, com a esfera oitava, ou seja sobre o eixo desta (nos seus axes = pólos). Esta esfera também tem, além do movimento que lhe imprime o *Primeiro Movél*, um movimento próprio, que se completa em 7.000 anos. Por isso tem axes seus, ou seja um eixo com seus pólos (= axes).

5-10. O Poeta refere-se ao *Zodiaco*, que é o círculo formado pelas constelações, que recebem o nome das pinturas que as estrelas fulgentes vão fazendo.

11. A carreta é a *Ursa Maior*, em que parece ver-se um carro puxado por dois bois, e por isso o povo lhe chama a *Boieira*; a *Cinosura* é a *Ursa Menor*.

12. *Andrómeda* e *Cassiopea*, filha e mãe que os deuses converteram em constelações.

Vê de Cassiopeia a fermosura,
E do Oriente o gesto turbulento;
Olha o Cisne morrendo, que suspira,
A Lebre e os Cães, a Nau e a doce Lira.

LXXXIX

5 «Debaxo deste grande Firmamento
Vês o céu de Saturno, Deus antigo;
Júpiter logo faz o movimento,
E Marte abaxo, bélico inimigo;
O claro olho do céu no quarto assento,
10 E Vénus, que os amores traz consigo;
Mercúrio, de eloquência soberana;
Com três rostos, debaxo, vai Diana.

2. *Turbulento* não rima com *horrendo*, e por isso tem sido substituído por *vê tremendo* e *metuendo*. Pode bem admitir-se esta distracção em Camões. O epíteto cabe a tal constelação, que se supunha trazer tempestades.

3. *Vid.* IX, 43.

5-12. Agora o Poeta vai falar dos sete planetas, cada um deles movido por sua esfera, de que é uma espécie de nó ou condensação da mesma substância.

9 O *claro olho do Céu* é o Sol, que se situa na 4.^a esfera, a contar da Terra.

12. *Diana* ou a Lua era chamada em latim *triformis*, por virtude dos três aspectos sob que se apresenta — lua cheia, quarto crescente e quarto minguante.

XC

«Em todos estes orbes, diferente
Curso verás, nuns grave e noutros leve;
Ora fogem do centro longamente,
Ora da Terra estão caminho breve,
5 Bem como quis o Padre omnipotente,
Que o fogo fez, e o ar, o vento e neve,
Os quais verás que jazem mais a dentro,
E têm co'o Mar a Terra por seu centro.

XCI

«Neste centro, pousada dos humanos,
10 Que não sòmente, ousados, se contentam
De sofrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instábil exprimentam,

1-8. Como succede com o Sol e com as estrelas, também cada planeta tem, além do movimento *rapto* do *Primeiro Móvel*, movimento próprio, mais rápido nuns do que noutros (*nuns grave, noutros leve*) e com seu centro mais ou menos afastado do centro da terra (*ora fogem do centro longamente, ora da Terra estão caminho breve*). Para explicar estes movimentos particulares dentro do movimento geral — *rapto do Primeiro Móvel* — concebia-se a hipótese dos céus que em cada *esfera* eram os *deferentes* (= *transportadores*) do astro e do seu auge. Assim a esfera do Sol, compunha-se de três céus — o *deferente do Sol*, e os *deferentes* do seu auge, ou seja o céu, de espessura igual ao diâmetro do Sol, em que ele vai como incrustado, e os céus entre os quais aquele vai como escorregando e lhe afastam o centro do centro da Terra.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Verás as várias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se apousentam
Várias Nações, que mandam vários reis,
Vários costumes seus e várias leis.

XCII

5 «Vês Europa cristã, mais alta e clara
Que as outras em polícia e fortaleza;
Vês África, dos bens do mundo avara,
Inculta e toda cheia de bruteza,
Co'o cabo que até 'qui se vos negara,
10 Que assentou pera o Austro a Natureza;
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem lei, quase infinita.

XCIII

«Vê do Benomotapa o grande Império,
De selvática gente, negra e nua,
15 Onde Gonçalo morte e vitupério
Padecerá pela fé santa sua.

9-10. Referência ao Cabo da Boa Esperança.

11. *Que se habita* = *que é habitada*.

13-16. O Império de Benomotapa (ou Monomotapa) era situado nas margens do Zambeze. Afamado por suas minas de ouro, de que se dizia que o Sol o fazia brotar, aí se dirigiram expedições várias e por lá prègou e foi martirizado o P.^o Gonçalo da Silveira, da Companhia de Jesus, a quem o Poeta provavelmente se refere no soneto *Não passes...* Camões alude a um lago de que se dizia que nasciam o Nilo, o Zaire e Zambeze (Cuama).

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Nace por este incógnito hemisfério
O metal por que mais a gente sua.
Vê que do lago, donde se derrama
O Nilo, também vindo está Cuama.

XCIV

5 «Olha as casas dos Negros, como estão
Sem portas, confiados, em seus ninhos,
Na justiça real e defesa
E na fidelidade dos vizinhos;
Olha deles a bruta multidão,
10 Qual bando espesso e negro de estorninhos,
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia com destreza.

XCV

«Olha lá as alagoas donde o Nilo
Nace, que não souberam os antigos;
15 Vê-lo rega, gèrando o cocodrilo,
Os povos abassis, de Cristo amigos;

3-4. Na Geografia de Ptolomen, o Nilo era o rio resultante de dois que nasciam cada um em sua lagoa, ao Sul do Equador.

12. Pero de Nhaia, castelhano de nação, levantou em 1505 a fortaleza de Sofala, onde foi cercado pelos Cafres.

16. Povos abassis = povos abaxins, ou da Abissínia, cristãos (de Cristo amigos).

Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos;
Vê Méroe, que ilha foi de antiga fama,
Que ora dos naturais Nobá se chama.

XCVI

5 «Nesta remota terra, um filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro;
Há-de ser Dom Cristóvão o nome seu,
Mas contra o fim fatal não há reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu
10 Melinde hospício gasalhoso e caro;
O Rapto Rio nota, que o romance
Da terra chama Obi; entra em Quilmance.

3. Méroe é uma região da Núbia antigamente considerada uma ilha. Limitavam-na o Nilo Azul, o Nilo Branco, e o afluente deste último — Atbara.

4. *Dos naturais se chama* = pelos naturais é chamado...

7-8. Refere-se o Poeta a D. Cristóvão da Gama, que foi enviado por seu irmão D. Estêvão, governador da Índia, com uma pequena expedição militar em socorro da Abissínia, invadida pelo xeque de Zeila. D. Cristóvão, depois de vencer os inimigos em vários recontros, foi derrotado e degolado pelo próprio Xeque. É Miguel Castanhoso que conta a funesta expedição.

11. *Rapto* é designação de Ptolomeu.

XCVII

«O cabo vê já Arómata chamado,
E agora Guardafu, dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar Roxo, que do fundo toma as cores;
5 Este como limite está lançado
Que divide Ásia de África, e as milhores
Povoações que a parte África tem,
Maçuá são, Arquico e Suaquém.

XCVIII

«Vês o extremo Suez, que antigamente
10 Dizem que foi dos Héroas a cidade
(Outros dizem que Arsínoe) e ao presente
Tem das frotas do Egipto a potestade.
Olha as águas, nas quais abriu patente
Estrada o grão Mousés na antiga idade.
15 Ásia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em Reinos opulenta.

2. Cabo Guardafu é o Cabo Arómata das *Tábuas de Ptolomeu*.

4. Quanto à cor do Mar Roxo, é Barros que a julga proveniente dos corais ou musgos existentes no fundo.

10. Assim o dizem Barros e D. João de Castro, mas não sem erro, pois a cidade dos Héroas (*Heroon oppidum*) ficava muito mais a NW da moderna Suez.

11. *Vid.* 2, IX.

14. Mousés, ou Moisés, segundo a *Bíblia*, passou o Mar Vermelho, com o povo israelita sob o seu comando, através do vau que as águas por milagre lhe abriram.

XCIX

«Olha o monte Sinai, que se ennobrece
Co'o sepulcro de Santa Caterina;
Olha Toro e Gidá, que lhe falece
Água das fontes, doce e cristalina;
5 Olha as portas do Estreito, que fenece
No Reino da seca Adem, que confina
Com a serra Darzira, pedra viva,
Onde chuva dos céus se não deriva.

C

«Olha as Arábias três, que tanta terra
10 Tomam, todas da gente vaga e baça,
Donde vêm os cavalos pera a guerra,
Ligeiros e feroces, de alta raça.
Olha a costa que corre até que cerra
Outro estreito, de Pérsia, e faz a traça
15 O cabo que co'o nome se apelida
Da cidade Fartaque, ali sabida.

CI

«Olha Dofar, insigne porque manda
O mais cheiroso incenso pera as aras;
Mas atenta: já cá d'estoutra banda
20 De Roçalgate e praias sempre avaras,

1-2. Foi fundado no Monte Sinai o mosteiro de Santa Catarina egipciaca (43. X).

18. Vid. 63, IV.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Começa o Reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras, que inda serão claras,
Quando as galés do Turco e fera armada
Virem de Castel-Branco nua a espada.

CII

5 «Olha o Cabo Asaboro, que chamado
Agora é Moçandão, dos navegantes;
Por aqui entra o lago que é fechado
De Arábia e pérsias terras abundantes;
Atenta a Ilha Barém, que o fundo ornado
10 Tem das suas perlas ricas e imitantes
À cor da aurora; e vê na água salgada
Ter o Tígris e Eufrates ãa entrada.

CIII

«Olha da grande Pérsia o Império nobre,
Sempre posto no campo e nos cavalos,
15 Que se injuria de usar fundido cobre
E de não ter das armas sempre os calos.

1. *Que todo se anda* = *que todo é andado* (*percorrido...*).

2. *Claras* = *ilustres*.

4. Refere-se o Poeta a D. Pedro de Castelo Branco, capitão de Ormuz, que defendeu contra os Rumes.

5. O *Cabo Asaboro*, na designação de Ptolomeu, é identificado por Barros com o *Moçandão*. O *lago* é o Golfo Pérsico,

Mas vê a Ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervalos,
Que da cidade Armuza, que ali esteve,
Ela o nome depois e a glória teve.

CIV

- 5 «Aqui de Dom Filipe de Meneses
Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos portugueses
Os muitos páreseos vencerá de Lara;
Virão provar os golpes e reveses
10 De Dom Pedro de Sousa, que provara
Já seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra, a força só de espada.

3. «...da cidade Ormuz que ali esteve, a que Ptolomeu chama Armuza, que se trespassou na Ilha de Gerú, que é a que hoje chamamos Ormuz» — diz Barros. (*Déc. III, VI, 64*).

5. D. Filipe de Meneses, filho de D. Henrique de Meneses, foi capitão de Ormuz.

10. D. Pedro de Sousa foi capitão de Ormuz.

11. Ampaza é cidade persa.

12. *A força = à força.*

CV

«Mas deixemos o Estreito e o conhecido
Cabo de Jasque, dito já Carpela,
Com todo o seu terreno mal querido
Da Natura e dos dões usados dela
5 (Carmânia teve já por apelido);
Mas vês o fermoso Indo, que daquela
Altura nace, junto à qual, também
De outra altura, correndo o Gange vem.

CVI

«Olha a terra Dulcinde fertilíssima,
10 E de Jáquete a íntima enseada,
Do mar a enchente súbita, grandíssima,
E a vazante, que foge apressurada.
A terra de Cambaia vê riquíssima,
Onde do mar o seio faz entrada;
15 Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.

2. *Carpela* é a designação de Ptolomeu.

7. A *altura* de onde nasce o Indo é o Tibet; a *outra altura*, de onde corre o Gange, é o Himalaia. *Vid.* 69, IV.

9. «...sendo *Diul* nome de cidade [junto da foz do Indo] e *Cinde* de todo o Reino [dos Diulis], e daqui ficaram os geógrafos modernos chamando este Reino *Dulcinda* (Couto VII, 3, 1).

CVII

«Vês: corre a costa célebre indiana
Pera o Sul, até o cabo Comori,
Já chamado Cori, que Taprobana
(Que ora é Ceilão) defronte tem de si.
5 Por este mar a gente lusitana,
Que com armas virá despois de ti,
Terá vitórias, terras e cidades,
Nas quais hão-de viver muitas idades.

CVIII

«As províncias, que entre um e o outro rio
10 Vês com várias Nações, são infinitas:
Um Reino maometa, outro gentio,
A quem tem o Demónio leis escritas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as relíquias santas e benditas
15 Do corpo de Tomé, barão sagrado,
Que a Jesu Cristo teve a mão no lado.

3. *Cori* é, segundo Barros, (I, IX, I) a designação que Ptolomeu dá ao Cabo Comori; mas leu o índice latino das *Tábuas*, onde vem *Cory*, e não o texto, que é *Komaria* — observa Epifânio.

13. *Vid.* 21, VII.

16. Assim o refere o *Evangelho de S. João*, XX, 24-29.

CIX

«Aqui a cidade foi que se chamava
Meliapor, fermosa, grande e rica;
Os ídolos antigos adorava,
Como inda agora faz a gente inica;
5 Longe do mar naquele tempo estava,
Quando a Fé que no Mundo se pubrica,
Tomé vinha pregando, e já passara
Províncias mil do Mundo, que ensinara.

CX

«Chegado aqui, pregando e junto dando
10 A doentes saúde, a mortos vida,
Acaso traz um dia o mar, vagando,
Um lenho de grandeza desmedida.
Deseja o rei, que andava edificando,
Fazer dele madeira, e não duvida
15 Poder tirá-lo a terra com possantes
Forças de homens, de engenhos, de alifantes.

14. *Madeira* já implica, no sentido, o destino; é como se dissesse *material de construção* (*materia — madeira*).

16. *Alifantes* é a forma mais frequente da palavra no século XVI.

CXI

«Era tão grande o peso do madeiro,
Que só pera abalar-se nada abasta;
Mas o núncio de Cristo verdadeiro
Menos trabalho em tal negócio gasta:
5 Ata o cordão que traz, por derradeiro,
No tronco, e fàcilmente o leva e arrasta
Pera onde faça um sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

CXII

«Sabia bem que, se com fé formada
10 Mandar a um monte surdo que se mova,
Que obedecerá logo à voz sagrada,
Que assi lho ensinou Cristo e ele o prova.
A gente ficou disto alvoroçada;
Os brâmenes o têm por cousa nova;
15 Vendo os milagres, vendo a santidade,
Hão medo de perder autoridade.

2. *Abalar-se = ser movido.*

1-12. Este milagre, como o seguinte, é referido por Barros. O Poeta conta-os pela mesma ordem e com reminiscências vocabulares. «Se tiverdes fé, com um grão de mostarda direis a este monte:—Passa daqui para acolá—e ele há-de passar e nada vos parecerá impossível». *S. Mat.* XVII, 19.

11. A conjunção integrante é aqui repetida, o que é vulgar na syntaxe do tempo.

CXIII

«São estes sacerdotes dos Gentios
Em quem mais penetrado tinha enveja;
Buscam maneiras mil, buscam desvios,
Com que Tomé não se ouça, ou morto seja.
5 O principal, que ao peito traz os fios,
Um caso horrendo faz, — que o mundo veja
Que inimiga não há tão dura e fera
Como a virtude falsa, da sincera.

CXIV

«Um filho próprio mata, e logo acusa
10 De homicídio Tomé, que era inocente;
Dá falsas testemunhas, como se usa;
Condenaram-no a morte brevemente.
O Santo, que não vê melhor escusa
Que apelar pera o Padre omnipotente,
15 Quer, diante do rei e dos senhores,
Que se faça um milagre dos maiores.

CXV

«O corpo morto manda ser trazido,
Que ressucite e seja perguntado
Quem foi seu matador, e será crido
20 Por testemunho o seu, mais aprovado.
Viram todos o moço vivo, erguido,
Em nome de Jesu crucificado;
Dá graças a Tomé, que lhe deu vida,
E descobre seu pai ser homicida.

12. Assim mesmo, sem artigo, ocorre na 1.^a ed.
Também hoje de diz: *condenado a degredo*.

CXVI

«Este milagre fez tamanho espanto,
Que o rei se banha logo na água santa,
E muitos após ele; um beija o manto,
Outro louvor do Deus de Tomé canta.
5 Os brâmenes se encheram de ódio tanto,
Com seu veneno os morde enveja tanta,
Que, persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam matá-lo, em fim de tudo.

CXVII

«Um dia que pregando ao povo estava,
10 Fingiram entre a gente um arruído
— Já Cristo neste tempo lhe ordenava
Que, padecendo, fosse ao Céu subido — ;
A multidão das pedras que voava
No Santo dá, já a tudo oferecido;
15 Um dos maus, por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

CXVIII

«Choram-te, Tomé, o Gange e o Indo;
Chorou-te toda a terra que pisaste;
Mais te choram as almas que vestindo
20 Se iam da santa Fé que lhe ensinaste!
Mas os Anjos do Céu, cantando e rindo,
Te recebem na glória que ganhaste.
Pedimos-te que a Deus ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças!

CXIX

«E vós outros, que os nomes usurpais
De mandados de Deus, como Tomé,
Dizei: se sois mandados, como estais
Sem irdes a pregar a santa Fé?
5 Olhai que, se sois sal e vos danais
Na Pátria, onde profeta ninguém é,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infiéis deixo) tantas heresias?

CXX

«Mas passo esta matéria perigosa,
10 E tornemos à costa debuxada:
Já com esta cidade tão famosa
Se faz curva a gangética enseada;
Corre Narsinga, rica e poderosa;
Corre Orixá, de roupas abastada;
15 No fundo da enseada, o ilustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio;

1-4. *Vid. Prefácio do 1.º vol. do poema, pág. XXI*
5-8. A metáfora é do *Evangelho de S. Mateus: Vós sois o sal da terra* (palavras de Cristo aos Apóstolos); também é do *Evangelho* a frase: *Ninguém é aceite como profeta na sua Pátria.* (S. Lucas, 14, 24).
16. O salgado senhorio é o mar.

CXXI

«Ganges, no qual os seus habitantes
Morrem banhados, tendo por certeza
Que, inda que sejam grandes pecadores,
Esta água santa os lava e dá pureza.
5 Vê Chatigão, cidade das milhores
De Bengala, província que se preza
De abundante; mas olha que está posta
Pera o Austro, daqui virada, a costa.

CXXII

«Olha o Reino Arracão; olha o assento
10 De Pegu, que já monstros povoaram,
— Monstros filhos do feio ajuntamento
De ãa mulher e um cão, que sós se acharam;
Aqui soante arame no instrumento
Da geração costumam, o que usaram
15 Por manha da rainha que, inventando
Tal uso, deitou fora o error nefando.

1-4. Assim informa Barros, na *Década* I, Liv. IX, cap. I.

11-12. Assim o refere Barros, na *Década* III, Liv. III, cap. IV.

13. Soante arame = cascavéis. É também informação de Barros (*Ibid.*).

16. O error nefando é o ajuntamento a que se refere o 3.º verso.

CXXIII

«Olha Távai cidade, onde começa
De Sião largo o império tão comprido;
Tenassari, Quedá, que é só cabeça
Das que pimenta ali têm produzido.
5 Mais àvante fareis que se conheça
Malaca por empório ennobrecido,
Onde toda a província do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.

CXXIV

«Dizem que, desta terra, co'as possantes
10 Ondas o mar, entrando, dividiu
A nobre Ilha Samatra, que já dantes
Juntas ambas a gente antiga viu;
Quersoneso foi dita, e das prestantes
Veias de ouro, que a terra produziu,
15 «Aurea» por epiteto lhe ajuntaram;
Alguns que fosse Ofir imaginaram.

15. *Epitéto* por *epiteto*, por exigência do metro.

16. Foi a Ofir que, segundo a *Bíblia* (*Reis III*, IX, 28), Salomão enviou uma frota a buscar ouro. Esta região tem sido variamente localizada, e não admira que os Judeus do Pegu, segundo refere Barros, a julgassem, por sua vez, situada na Ilha da Samatra.

CXXV

«Mas na ponta da terra, Singapura
Verás, onde o caminho às naus se estreita;
Daqui tornando a costa à Cinosura,
Se encurva e pera a Aurora se endireita.
5 Vês Pam, Patane, Reinos, e a longura
De Sião que estes e outros mais sujeita;
Olha o Rio Menão, que se derrama
Do grande lago que Chiamai se chama.

CXXVI

«Vês neste grão terreno os diferentes
10 Nomes de mil Nações nunca sabidas;
Os Laos, em terra e número potentes;
Avás, Bramás, por serras tão compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamam, de selvagens vidas;
15 Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente (usança crua!).

3. A Cinosura = a Ursa-Menor (Vid. X, 88), portanto, ao Norte.

CXXVII

«Vês: passa por Camboja Mecom rio,
Que «capitão das águas» se interpreta;
Tantas recebe doutro, só no Estio,
Que alaga os campos largos e inquieta;
5 Tem as enchentes quais o Nilo frio;
A gente dele crê, como indiscreta,
Que pena e glória têm, depois de morte,
Os brutos animais de toda sorte.

CXXVIII

«Este receberá, plácido e brando,
10 No seu regaço o canto que molhado
Vem do naufrágio triste e miserando,
Dos procelosos baxos escapado,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
15 Naquele cuja lira sonora
Será mais afamada que ditosa.

3. O Prof. J. M. Rodrigues mostrou no *Instituto* (1906) que, pela verdade geográfica como pela fonte utilizada pelo Poeta neste passo (Déc. I, IX, I), a lição correcta do verso deveria ser: *Tantas recebe de outros...* Considera a omissão do s um caso de fonética sintática — a fusão dele com o s da palavra seguinte.

10. Na 1.^a ed. os *Cantos que molhados*, como no 4.^o verso — *escapados*. O Poeta refere-se ao seu próprio naufrágio.

12. *Escapado* refere-se ao canto (*Os Lusíadas*), mas também ao Poeta, que aproveita este ensejo para exprimir a sua queixa contra não se sabe que *injusto mando*, que não seria alheio ao seu regresso de Macau, na viagem em que naufragou.

CXXIX

«Vês: corre a costa que Champá se chama,
Cuja mata é do pau cheiroso ornada;
Vês: Cauchichina está, de escura fama,
E de Ainão vê a incógnita enseada;
5 Aqui o soberbo Império, que se afama
Com terras e riqueza não cuidada,
Da China corre, e ocupa o senhorio
Desde o Trópico ardente ao Cinto frio.

CXXX

«Olha o muro e edifício nunca crido,
10 Que entre um Império e o outro se edifica,
Certíssimo sinal, e conhecido,
Da potência real, soberba e rica.
Estes o rei que têm não foi nacido
Príncipe, nem dos pais aos filhos fica,
15 Mas elegem aquele que é famoso
Por cavaleiro, sábio e virtuoso.

1. *Champá* é aproximadamente a moderna Cochinchina.

2. *Pau cheiroso* é o calambuco ou linaloes, também chamado *madeira de aloés*.

3. *De escura fama*, porque é — diz Barros — *acerca de nós o menos sabido Reino daquelas partes*.

8. O *Cinto frio* é o Círculo (*cinto*) Polar Ártico. A China não atingia tal altura, mas bem se compreende que de regiões não percorridas não fosse muito precisa a geografia do tempo.

9-10. Refere-se o Poeta à *Muralha da China*, sobre que Barros o informara. *Edifício* = *construção*.

13. *Estes* = *os Chineses*. Da elegibilidade do rei, mas em tempos mais recuados, informa Castanheda. A ordem lógica é: *O rei que estes têm...*

CXXXI

«Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se;
Mas não deixes no mar as ilhas onde
A Natureza quis mais afamar-se:
5 Esta, meia escondida, que responde
De longe à China, donde vem buscar-se,
É Japão, onde nace a prata fina,
Que ilustrada será co'a lei divina.

CXXXII

«Olha cá pelos mares do Oriente
10 As infinitas ilhas espalhadas:
Vê Tidore e Ternate, co'o fervente
Cume que lança as flamas ondeadas.
As árvores verás do cravo ardente,
Co'o sangue português inda compradas.
15 Aqui há as áureas aves, que não decem
Nunca a terra, e só mortas aparecem.

6. *De onde vem buscar-se* indica que os navios aportavam à China, antes de chegar ao Japão.

8. *Que ilustrada* (a Ilha do Japão).

11. *O fervente cume* é o cume vulcânico do Ternate.

12. Referência às *aves do Paraíso*, de que se supunha não terem pés, o que as obrigava a voo constante. Apenas se conheciam então os exemplares mutilados enviados à Europa.

CXXXIII

«Olha de Banda as ilhas, que se esmaltam
Da vária cor que pinta o roxo fruto;
As aves variadas, que ali saltam,
Da verde noz tomando seu tributo.
5 Olha também Bornéu, onde não faltam
Lágrimas no licor coalhado e enxuto
Das árvores, que cânfora é chamado,
Com que da ilha o nome é celebrado.

CXXXIV

«Ali também Timor, que o lenho manda
10 Sândalo salutífero e cheiroso;
Olha a Sunda, tão larga, que ãa banda
Esconde pera o Sul dificultoso.
A gente do sertão que as terras anda,
Um rio diz que tem miraculoso,
15 Que, por onde ele só, sem outro, vai,
Converte em pedra o pau que nele cai.

2. O roxo fruto é a noz moscada que se vai colorindo, à maneira que amadurece.

6. O Conde de Ficalho mostrou a precisão desta referência, posto que rápida, do Poeta, ao modo como a árvore da cânfora produz a sua goma. *Vid. Flora d'Os Lusíadas*.

11. *Sunda* designava a parte ocidental da Ilha de Java, parte que se julgava formar de per si só uma ilha.

12. *Dificultoso de conhecer*.

15-16. *Vid. — Carta a uma dama, I vol. pág. 34*

CXXXV

«Vê naquela que o tempo tornou ilha,
Que também flamas trémulas vapora,
A fonte que óleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licor que o tronco chora,
5 — Cheiroso mais que quanto estila a filha
De Cínicas na Arábia, onde ela mora;
E vê que, tendo quanto as outras têm,
Branda seda e fino ouro dá também.

CXXXVI

«Olha, em Ceilão, que o monte se alevanta
10 Tanto, que as nuvens passa ou a vista engana;
Os naturais o têm por cousa santa,
Pola pedra onde está a pègada humana.

1-2. Refere-se a Samatra, que se considerava primeiro ligada ao Continente. *Vapora flâmulas trémulas* dos seus vulcões em actividade.

3-4. O óleo que a fonte emana é chamado *nepta*. O licor que o tronco chora é a cânfora.

5-6. Vid. 63, IV e 60, IX.

12. Informa Castanheda que, no cume do monte mais alto da Ilha de Ceilão, está «um tanque de água *nadível* (nascente) e numa légia que está junto dele está uma pègada de homem, que dizem os Mouros que é do nosso Padre Adão, e crêem que dali subiu aos Céus». (Cast. II, 22).

Nas Ilhas de Maldiva nace a pranta
No profundo das águas, soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
É tido por antídoto excelente.

CXXXVII

- 5 «Verás defronte estar no Roxo Estreito
Socotorá, co'o amaro aloe famosa;
Outras ilhas no mar também sujeito
A vós, na costa de África arenosa,
Onde sai do cheiro mais perfeito
10 A massa, ao mundo oculta e preciosa.
De São Lourenço vê a ilha afamada,
Que Madagáscar é dalguns chamada.

3-4. Informa Barros (D. III, III, VII) que a palmeira que nasce debaixo de água salgada dá um pomo maior que o coco, cuja segunda casca é mais eficaz contra a peçonha que a pedra Bezoar.

5-6. Entenda-se: *Verás Socotorá estar defronte do Estreito do Mar Roxo* (= Bab-el-Mandeb).

6. *Aloe* (ou *aloé*, como se pronuncia geralmente) é aqui tomado como a árvore que dá o suco, assim também chamado.

9-10. É o âmbar cinzento. A ordem é: *Onde sai a massa do cheiro mais perfeito, ao mundo etc.* Vid. nota 16, da pág. 12.

CXXXVIII

«Eis aqui as novas partes do Oriente
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
5 Mas é também razão que, no Ponente,
Dum lusitano um feito inda vejais,
Que, de seu rei mostrando-se agravado,
Caminho há-de fazer nunca cuidado.

CXXXIX

«Vedes a grande terra que contina
10 Vai de Calisto ao seu contrário pólo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal que a cor tem do louro Apolo;
Castela, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o colar ao rudo colo;
15 Várias províncias tem de várias gentes,
Em ritos e costumes, diferentes.

5-8. Refere-se a Fernão de Magalhães, que, despeitado contra D. Manuel, por este lhe não aumentar cem réis na moradia, foi oferecer a Carlos V descobrir-lhe novo caminho, pelo Ocidente, para as Molucas — as ilhas das especiarias. Aceite o oferecimento, partiu em 1519, e, depois de descobrir, em Outubro de 1520, o Estreito a que deu o seu nome, entre a Terra de Fogo e a Patagónia, chegou, em 1521, às ilhas chamadas dos Ladrões, attingindo depois as Marianas e morrendo em combate, em 27 de Abril do mesmo ano, na Ilha de Matã.

9-10. O Poeta fala da América, que se estende do Pólo Ártico (=Calisto) ao Pólo Antártico.

14. O colar é, como *coleira*, símbolo da sujeição

CXL

«Mas cá onde mais se alarga, ali tereis
Parte também, co'o pau vermelho nota;
«De Santa-Cruz» o nome lhe poreis;
Descobri-la-á a primeira vossa frota.
5 Ao longo desta costa, que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, — no feito, com verdade,
Português, porém não na lealdade.

CXLI

«Dês que passar a via mais que meia
10 Que ao Antártico Pólo vai da Linha,
Dũa estatura quase giganteia
Homens verá, da terra ali vizinha;
E mais àvante o Estreito que se arreia
Co'o nome dele agora, o qual caminha
15 Pera outro mar e terra que fica onde,
Com suas frias asas, o Austro a esconde.

2-3. *O pau vermelho é o pau brasil, que deu o nome Brasil à terra primeiro chamada de Santa Cruz.*

4. *Entenda-se: a primeira frota (que vier depois da vossa).*

11. *Diz Barros que passavam de doze palmos os homens que trouxeram a Magalhães do sertão atravessado pelo Rio de S. Julião (D. III, V, IX).*

15-16. *O outro mar é o Pacífico; o continente austral fica escondido, na verdade, pelo gelo eterno.*

CXLII

«Até 'qui, Portugueses, concedido
Vos é saberdes os futuros feitos
Que, pelo mar que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
5 Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos que vos façam ser aceitos
As eternas esposas e fermosas,
Que coroas vos tecem gloriosas,

CXLIII

«Podeis-vos embarcar, que tendes vento
10 E mar tranquilo, pera a Pátria amada.»
Asi lhe disse; e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada.
Levam refresco e nobre mantimento;
Levam a companhia desejada
15 Das Ninfas, que hão-de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o Mundo aquente.

15-16. Se as voluptuosidades da Ilha dos Amores simbolizavam todas as satisfações da glória alcançada (Vid. 89, IX) bem se compreende sejam permanente companhia dos nautas as Ninfas que as personificavam.

CXLIV

Assi foram cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno
Em que naceram, sempre desejado;
5 Entraram pela foz do Tejo ameno,
E a sua Pátria e rei temido e amado
O prémio e glória dão por que mandou
E com títulos novos se illustrou.

CXLV

No'mais, Musa, no'mais, que a lira tenho
10 Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho,
Não no dá a Pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
Dũa austera, apagada e vil tristeza.

CXLVI

E não sei por que influxo de destino
Não tem um ledo orgulho e gèral gosto,
Que os ânímos levanta de contino
20 A ter pera trabalhos ledo o rosto.
Por isso vós, ó Rei, que por divino,
Conselho estais no régio sólio posto,
Olhai que sois (e vede as outras gentes)
Senhor só de vassalos excelentes!

CXLVII

Olhai que ledos vão por várias vias,
Quais rompentes leões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a setas e pelouros,
5 A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de idolatras e de Mouros,
A perigos incógnitos do Mundo,
A naufrágios, a peixes, ao Profundo!

CXLVIII

Por vos servir, a tudo aparelhados;
10 De vós tão longe, sempre obedientes
A quaisquer vossos ásperos mandados,
Sem dar resposta, prontos e contentes.
Só com saber que são de vós olhados,
Demónios infernais, negros e ardentes,
15 Cometerão convosco, e não duvido
Que vencedor vos façam, não vencido.

CXLIX

Favorecei-os logo, e alegrai-os
Com a presença e lida humanidade;
De rigorosas leis desalivai-os,
20 Que assi se abre o caminho à santidade;

6 Leia-se *idolâtras*, como manda o metro.
18. *Humanidade* = *afabilidade*.
19. *Desalivai-os* = *aliviai-os*.

Os mais experimentados levantai-os,
Se com a experiência têm bondade,
Pera vosso conselho, pois que sabem
O como, o quando e onde as cousas cabem.

CL

5 Todos favorecei em seus officios,
Segundo têm das vidas o talento:
Tenham religiosos exercícios
De rogarem, por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pelos vícios
10 Comuns; toda ambição terão por vento,
Que o bom religioso verdadeiro
Glória vã não pretende nem dinheiro.

CLI

Os cavaleiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrépido e fervente
15 Estendem não sòmente a lei de cima,
Mas inda vosso império preminente;
Pois aqueles que a tão remoto clima
Vos vão servir com passo diligente,
Dous inimigos vencem: uns, os vivos,
20 E (o que é mais) os trabalhos excessivos.

2. *Bondade* = *préstimo*.

6. *Segundo têm o talento das vidas* = *Conforme-mente às aptidões que tenham para as funções, para o teor de vida em que sirvam.*

7-9. Entenda-se: *Por virtude do vosso regimento, tenham os religiosos como função rogarem com jejuns, etc.*

15. *A Lei de cima* = *a Lei do Céu.*

19-20. Entenda-se: *uns, os vivos; outros (o que é mais) os trabalhos excessivos.*

CLII

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Galos, Ítalos e Ingleses
Possam dizer que são pera mandados,
Mais que pera mandar, os Portugueses.
5 Tomai conselho só de exprimentados,
Que viram largos anos, largos meses,
Que, posto que em cientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

CLIII

De Formião, filósofo elegante,
10 Vereis como Anibal escarnecia,
Quando das artes bélicas, diante
Dele, com larga voz tratava e lia.
A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na fantasia,
15 Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.

2. Galos = *Gauleses* ou *Franceses*. Vid. VI, 6.
9-12. Assim o refere Cícero em *De oratore*, II, 18.
10. Leia-se *Anibál*, como em VII, 71; assim o manda
o metro.

CLIV

Mas eu que falo, humilde, baxo e rudo,
De vós não conhecido nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei, contudo,
Que o louvor sai às vezes acabado;
5 Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiência misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

CLV

Pera servir-vos, braço às armas feito;
10 Pera cantar-vos, mente às Musas dada;
Só me falece ser a vós aceito,
De quem virtude deve ser prezada.
Se me isto o Céu concede, e o vosso peito
Dina empresa tomar de ser cantada
15 — Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação divina —,

2. Teria o Poeta escrito este verso, ou tê-lo-ia conservado, depois de escrito, se acaso tivesse lido, como diz a tradição, *Os Lusíadas* a D. Sebastião?

CLVI

Ou fazendo que, mais que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos e Trudante,
5 A minha já estimada e leda Musa
Fico que em todo o Mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja,
Sem à dita de Aquiles ter enveja.

1-2. Vid. 77 e 142, III.

4. *Tarudante* ou *Trudante* é capital de uma província marroquina.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

VARIANTES DA EDIÇÃO E⁽¹⁾, DE 1572

CANTO I

<i>Entre gente</i>	1 v. 7
..... <i>edificáram</i> (E e <i>edificarão</i>)	1 v. 7
..... <i>sublimáram</i> (E e <i>sublimarão</i>)	1 v. 8
<i>De Africa</i> (E e <i>De Affrica</i>)	2 v. 4
<i>Dos dous avós</i> (E e ... <i>avós</i>)	17 v. 2
<i>E vós, ó novo</i> (E e ... <i>o novo</i>)	6 v. 5
..... <i>excellente</i> (E e <i>excelente</i>)	10 v. 7
<i>Outro Joanne</i> (E e <i>Outro Joane</i>)	13 v. 7
<i>Em vós</i> (E e <i>Em vos</i>)	16 v. 1
<i>Do Luso</i>	24 v. 4
<i>Tantos climas e céus</i> (E e <i>Tantos Climas e Céus</i>)	29 v. 3
<i>Começaram</i>	29 v. 8
..... <i>ò padre</i>	38 v. 1
<i>Nam queiras que se padeçam</i> (E e <i>padeção</i>)...	38 v. 5
<i>Vasco da Gama</i> (E e ... <i>da gama</i>)	44 v. 1
<i>Da cinta</i>	47 v. 5
<i>Respondeo</i>	64 v. 1
<i>Debaixo de seu jugo</i>	75 v. 4
..... <i>e sábio em todo dano</i>	83 v. 3
<i>Eis nos batéis fogo</i>	89 v. 1

CANTO II

<i>Quando as fingidas</i>	1 v. 7
..... <i>e santo Spirito</i> (E e ... <i>spirito</i>).....	11 v. 2
<i>O estava</i>	24 v. 7
..... <i>o facundo Ulysses</i> (E e ... <i>Ulisses</i>).....	45 v. 1
..... <i>ciudades</i> (E e <i>Cidades</i>).....	46 v. 1
<i>Filho de Maria</i>	56 v. 2
<i>De gente</i>	74 v. 2
<i>A cidade Ulyssea</i> (E e... <i>Ulissea</i>).....	74 v. 8
..... <i>molesto</i> (E e <i>mollesto</i>)	86 v. 7
..... <i>resonando</i> (E e <i>resoando</i>).....	100 v. 2
<i>O menos que de Luso</i>	103 v. 6
..... <i>differentes</i> (E e <i>diferentes</i>)	108 v. 1

(¹) Lembramos ao leitor as designações por que se distinguem as duas edições datadas de 1572: E e E c. Vid. Prefácio do I vol., pág. XIV.

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SA DA COSTA

CANTO III

..... o amar dividido	I v. 8
Não me manda cantar	3 v. 7
Dos montes	8 v. 2
..... era o maior	31 v. 8
Em trabalho	34 v. 5
As Estrelas do Pólo (E e Pollo)	45 v. 2
..... o larido	48 v. 5
..... rios de sangue	52 v. 6
Tornando carmesi	52 v. 8
..... Ulysseos (E e Ulisseos)	58 v. 8
Que a faz	68 v. 8
E que o moles Sofenes (E e E que o moles So- [fenos]).....	72 v. 5
..... succede (E e sucede)	91 v. 1
..... mais que tudo	93 v. 8
Da liberdade	96 v. 4
..... e arrogante	111 v. 5
..... ao Céu feriam	113 v. 5
E depois de Jesu.....	117 v. 8
Traziam aos horrficos	124 v. 1
Feros vos mostrais	130 v. 8
..... que ouvistes	133 v. 7
..... e o labastro	142 v. 4

CANTO IV

..... dom Nuno Alverez (E e dom Nuno [alverez]).....	14 v. 2
Como já o forte Huno	24 v. 3
E sopeando	38 v. 6
..... polo argento	49 v. 1
Por ele os largos	71 v. 2
Nas ondas velas.....	102 v. 2
..... o nome e a glória	109 v. 8

CANTO V

..... novas ilhas (E e novas Ilhas).....	4 v. 3
O grande rio	12 v. 5
..... roxa sanguesuga (E e roxa Sanguesuga)	21 v. 1

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

..... tanto tempo há que.....	41 v. 7
Como fosse cousa impossibil	53 v. 1
..... do fado amigo	58 v. 7

CANTO VI

..... de Phebo	18 v. 6
Mais que dizer	34 v. 5
Do Eolo Emispério está (E e está)	38 v. 6
..... a miude se encostavam (E e encostavão)	39 v. 2
Não fosse amores	41 v. 4
..... cimeiras	52 v. 7
..... cabe em sorte	60 v. 4
..... ao Brato	60 v. 5
Doutro Scila	82 v. 2
..... o ensifero Oriente	85 v. 6

CANTO VII

..... pola guerra?	9 v. 8
..... do Bengala	20 v. 7
So estende	22 v. 3
Do rio Tejo	70 v. 3

CANTO VIII

..... no Estigio jura a fama	11 v. 3
..... e o Guadiana	29 v. 8
..... que lhe falta	30 v. 6
Português Capitão	32 v. 3
O perjuro que fez	34 v. 2
..... como este posto	54 v. 5
..... e gente mandaria	57 v. 3
..... vaso da iniquicia	65 v. 3
..... da pátria desterrada	67 v. 2
..... andar armada	90 v. 7
..... pera terra	92 v. 2

CANTO IX

..... várias ondas	30 v. 2
..... os guiava	50 v. 4

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

<i>Tomassem porto (E e tomassem perto)</i>	52 v. 6
<i>Lagrmas ruciadas</i>	62 v. 2
<i>..... Philomena</i>	63 v. 2
<i>..... desembarcaram</i>	64 v. 1
<i>Lhe mudará</i>	81 v. 4
<i>..... da vinda esphera</i>	86 v. 5
<i>Por feitos mortais</i>	91 v. 2
<i>Dividos os fizeram</i>	91 v. 4

CANTO X

<i>..... de Larissea</i>	1 v. 1
<i>Cantando</i>	10 v. 1
<i>..... e a Mamelucos</i>	32 v. 8
<i>..... com que o Albuquerque</i>	40 v. 2
<i>Mas alembro-te</i>	45 v. 3
<i>..... Sobá ninho</i>	52 v. 4
<i>Que de immigos</i>	59 v. 4
<i>..... já de Beadala</i>	66 v. 6
<i>Com restante</i>	71 v. 2
<i>..... quando favorecem</i>	83 v. 7
<i>Olha estoutro</i>	87 v. 1
<i>..... que estrelantes</i>	87 v. 6
<i>E do Oriente</i>	88 v. 6
<i>A Lebre, os Cães</i>	88 v. 8
<i>Que defendera</i>	94 v. 8
<i>..... que parte Africa</i>	97 v. 7
<i>Vê Cathigão</i>	121 v. 5
<i>..... remotos ventos</i>	126 v. 5
<i>Os mouros de Marrocos.....</i>	156 v. 4

ÍNDICE DOS NOMES PRÓPRIOS

INDICE DOS NOMES PRÓPRIOS

- ABÁSSIA, a que corresponde (*Abexins*): x 50.
 ABASSIS: X 68, 85.
 ABRAÃO: I 53.
 ABILA: III 77, IV 49; VIII 17, 71.
 ABRANCHES=Avranches, cid. do ocidente da Normânia: IV 25.
 ABRANTES: IV 23 (2-3); VIII 22.
 ACIDÁLIA: VIII 64, IX 52.
 ACRISO (*Acrisio*): VIII 97.
 ACROCERAUNIOS: VI 82.
 ACTEON: IX 26, 63.
 ACTIO: II 53.
 ADAMASTOR: V 51, 60.
 ADÃO: IV 70, VIII 65.
 ADEM (*Aden*) cid. da costa merid. da Arábia: X 99.
 ADÓNIS: IV 63.
 ADRIATICO: II 97.
 AFONSO de Port.: I) A. I: 13; III 30, 42, 45, 46, 58, 64, 67, 73, 79, 83, 84; VIII 11; 2) A. II: III 90, 91; 3) A. III: I 13; III 94, 96; 4) A. IV I 13; III 98, 99, 108, 109, 118, 5) A. V I 13; IV 54, 60; 6) A. VI (de Leão e Castela) III 23, 24; 7) A. IX (de Castela) (aliás VIII, V. o *Dic. encicl. hispano-americano* em «Alfonso IX») VIII 22; 8) A. XI (de Castela) III 109.
 AFRICA: I 2, 15; II 103, 110; III 20, 103; IV 54; V 10, 65; VII 11, 14; VIII 72; X 53, 92, 97, 137.
 AFRICANO: I 29, 51, 77; IV 20, 48; V 50; VI 83; VII 70; IX 15.
 AFRICO (substantivo): I 27; (adjectivo): X 97.
 AGANIPE: III 2.
 AGAR: III 26, 110; VIII 47.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

- AGARENO: III 110; VIII 51.
AGRIPINA († 59 p. Cr.): III 92.
AIACE: X 24.
AINÃO, ilha ao sul da China: X 129.
ALANQUER: III 61.
ALBIS: III 11, 58.
ALBUQUERQUE, Afonso de — : I 14; X 40, 15.
ALCÁCER [Ceguer], em Marrocos, na parte setentrional:
IV 55; VIII 38.
ALCÁCER DO SAL: III 62, 90; VIII 24.
ALCIDES: III 137; IV 49, 80; IX 57.
ALCINO (Alcinoo): II 82.
ALCIÓNEO: VI 77.
ALCMENA: III 141.
ALCORÃO: III 50; VII 13.
ALECTO: VII 10.
ALEMANHA: III 11; VI 69 (1-8).
ALEMÃO: VII 4, X 152.
ALENCASTRO, duque de — : VI 46.
[ALENQUER]: V. Alanquer.
ALENTEJO: III 75.
ALEXANDRINO: III 96.
ALEXANDRO: I 3; V 93, 95, 96; VIII 12 (Alexandre);
X 48 (Alexandre), 156.
ALFEU: IV 72.
ALGARVES: III 95; VIII 25.
ALMEIDAS: I 14.
ALMENA: III 141.
ALVARO 1) (de Castro): X 70; 2) (de Braga) VIII 94.
AMALTEA: II 72.
AMASIS: III 11.
AMON: VII 48.
AMOR: II 36; III 56, 119, 132, 142; V 46; IX 75, 81;
X 46.
AMPAZA: X 104.
AMPELUSA: III 77; X 156.
ANDALUZIA: III 85; IV 9.
ANDRÓMEDA: X 88.
ANFIÓNEO: IX 19.
ANFITRITE: I 96; VI 22.
ANQUISES: IX 23.
ANÍBAL: VII 71; X 153.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

- ANRIQUE, V. *Henrique*.
ANTÃO VASQUEZ DE ALMADA: IV 25.
ANTÁRTICO: I 51; V 50, 65; VIII 67; X 141.
ANTENOR: II 45; III 14.
ANTEU: III 77; V 4; VII 24.
ANTÓNIO a) = Marco António: III 136; IV 59; V 95; VI 2; b) A. da Silveira: X 62.
ANÚBIS: VII 48.
AÓNIO: V 87.
APELES: X 48.
APENINO: III 15.
APIO: III 140.
APOLÍNIO: I 84; X 25.
APOLO: I 37; II 105; III 2, 8, 97; V 15; VII 87; X 139.
APÚLIA, região da Itália meridional: III 141.
AQUEMÉNIA: IX 60.
AQUERONTE: I 51.
AQUILES: III 131; V 93, 98; X 12, 156.
AQUILO: VI 31, 76.
ARA: VIII 71.
ARÁBIA: III 72; IV 63, 101; VI 25; X 100, 102 135.
ARÁBICO: I 50; V 77; VII 33; IX 7; X 50.
ARABIO: IV 100; V 76.
ARAGÃO: IV 57.
ARASPAS: X 48.
ARCÁDIA: IV 72.
ARCTURO: I 21; III 6.
ARETUSA: IV 72.
ARGO (usualmente diz-se *Argos*), cid. da Grécia, no Peloponeso: V 87.
ARGONAUTAS: I 18; IX 64.
ARGOS : construtor da nau Argo: IV 85; (incorrectamente, por *Argo*) constelação: VIII 71.
ARMÉNIA: III 72.
ARMÉNIOS: VII 13.
ARMUZA: X 103.
AROMATA: X 97.
ARQUICO: X 52, 97.
ARRAÇÃO, na Birmânia: X 122.
ARRONCHES: III 55; VIII 19.
ARSINÁRIO, cabo: V 7.
ARSÍNOE: IX 2; X 98.

- ARTABRO: IV 28.
 ARZILA: cid. de Marrocos, em 35°, 32': IV 55.
 ASABORO: X 102.
 ASIA: I 2; III 7; VII 14, 18, VIII 5; X 97.
 ASIANO: I 60.
 ASSÍRIA: VII 11; IX 34.
 ASSÍRIO: I 24; VII 53.
 ASTIANÁS (Astianax): IV 5.
 ASTREA: IV 27.
 ASTÓRIAS: III 19; IV 11.
 ATAMANTE: VI 23.
 ATENAS: III 97; V 87.
 ÁTILA († 453): III 100.
 ATLANTE a) pers. mitol.: I 20; III 73; b) monte: II 73, X 156.
 ATLÂNTICO a) como substantivo: V 10; b) adjectivo: X 3.
 ATREU: III 133.
 ÁTROPOS: III 98.
 AUGUSTO († 14 p. Cr.): II 53; III 136; V 95.
 AUREA QUERSONESO: II 54; X 124.
 AURORA: I 14, 21, 59; II 53, 110; IV 60; IX 13, 61; X 44, 102, 125.
 AUSÓNIA: v. 87.
 AUSÓNIO: X 21.
 AUSTRO (vento) I 35; VI 76.
 AVÁS: X 126.
 ÁXIO: III 13.
 AZENEGUES: V 6.
 BABEL: IV 64; VI 74; VII 45.
 BABILÓNIA: III 41.
 BAÇAIM, na costa oc. da Índia, em 19°, 19': X 61.
 BACANOR, na costa oc. da Índia, entre Batecalá, ao norte, e Mangalor (12°, 54'), ao sul: X 59.
 BACO: I 30, 39, 97, 104; II 12, 39; III 21; IV 27; VI 10, 15, 86; VIII 4, 47, 49; IX 39, 46.
 BACTRA: II 52.
 BACTRO rio: VI 60; =da Bactriana: II 53.
 BADAJOZ, na Estremadura espanhola, sobre o Guadiana: III 66, 68.
 BALDOVINO: X 49.
 BANDA: IX 14; X 133.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

- BARBARIA, V. Berberia.
BARBORÁ, na costa Africana do golfo de Aden: X 50
BARÊM (Baharem): X 41, 102.
BATALÁ, na costa oc. da Índia, entre Onor e Bacanor: X 66.
BEADALA, na costa or. da Índia, ao nordeste de Tuticorim: X 65, 66.
BEATRIZ: IV 7.
BEJA: III 64, 76, 85.
BELÉM (Belém): X 12.
BELISÁRIO: X 22.
BELONA: VIII 27.
BENGALA: VII 20, X 121.
BENJAMIM: III 140.
BENOMOTAPA: X 93.
BERBERIA: V 6 (Barbaria), VII 24, (Barbaria) VIII 38.
BÉTICO: IV 46.
BÉTIS: III 19, 60, 85.
BÍBLI: IX 34.
BINTÃO: X 57.
BIPUR, na costa oc. da Índia: X 14.
BISCAINHO: IV 11.
BIZANCIO: III 12; VII 12.
BOA ESPERANÇA, Cabo de — : IX 16.
BOÊMIOS: III 11, 94.
BONS SINAIS, rio dos — : V 78.
BOOTES: III 71.
BÓREAS: I 35; III 49; V 9; VI 31, 76, 88, 89.
BORNEU: X 133.
BRAMAS: X 126.
BRASIL: X 63.
BRAVA, na costa or. da África, em 1º, 12' de lat. boreal: X 39.
BRETANHA: III 58.
BRIARÉU: VII 48.
BRIGO: IV 8.
BRÚSIO: III 10.
BUSÍRIS: II 62.
CÁDIZ V. Caliz.
CADMO: VII 9.
CAES: X 88.
CAFRES: V 47, X 38.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

- CALAIATE, na costa da Arábia da parte do Golfo de Oman: X 41.
CALATRAVA: IV 40.
CALECU (Calecut), na costa oc. da Índia, em 11º, 15': II 52; VI 92; VII 16, 22, 35; IX 10; X 14, 35, 64.
CALIZ (=Cádiz), na Andaluzia: IV 57.
CALIOPE: III 1; V 99; X 8.
CALISTO: I 51; V 13; X 139.
CALPE: III 23.
CALIPSO: V 89.
CAMBAIA: VII 21; X 29, 34, 72, 106.
CAMBAICO: X 32, 60, 64.
CAMBALÃO: X 13.
CAMBOJA: X 127.
CAMENAS: V 63, VII 85.
CAMPASPE: X 48.
CÂNACE: VII 79.
CANANOR, na costa do Malabar, em 11º, 51': II 52; VII 35; X 14.
CANARÁ: VII 21.
CANÁRIAS: V 8.
CANAS: IV 20.
CANCRO: III 6.
CÂNDACE: X 52.
CANÚSIO (hoje Canosa): IV 20.
CAPADOCES: III 72.
CARÍBDIS: II 45, VI 82.
CARLOS a) C. Magno († 814): I 13; VII 7; b) C. o Calvo († 877): X 49.
CARMANIA: IV 65; X 105.
CARNEIRO: VIII 67.
CARPELA: X 105.
CARRETA: X 88.
CARTAGO: X 8.
CÁSPIA (Serra) III 23.
CÁSPIO: I 60; VII 12.
CASSIOPEA: X 88.
CASTEL-BRANCO: X 101.
CASTELA: III 19, 37, 99, 105, 108; IV 6, 7, 42, 57; VI 47, 56; VII 29; VIII 25, 27, 29; X 139.
CASTELHANO: I 25; III 19, 25, 34, 36, 37, 99, 101,

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

- 112, 114, 138; IV 7, 24, 28, 41, 47; VIII 14, 22, 34, 35.
 CASTRO, D. João de —, natural de Lisboa (1500-1548):
 I 14; X 67, 69.
 CATARINA S.^{ta}: X 43, 99.
 CATILINA († 62 a. Cr.): IV 33.
 CAUCHICHINA: X 129.
 CAUDINAS, FORCAS: VIII 15.
 CEFÍSIO: IX 60.
 CEILÃO: VII 19; IX 14; X 107, 136.
 CEITA (Ceuta): IV 34, 49, 52; VIII 37.
 CELO: VI 21; IX 85.
 CENTIMANO: V 51.
 CERES: III 62; IV 27; VIII 32; IX 91.
 CÉSAR († 44 a. Cr.): I 13; IV 59; V 95, 96; VIII 12.
 CESAREO: I 7; III 16.
 CHALE: VII 35; X 61.
 CHAMPÁ: X 129.
 CHATIGÃO: X 121.
 CHAUL, cid. da costa oc. da Índia, da parte do sul de Bombaim: X 29, 60.
 CHIAMAI: X 125.
 CHINA a) VII 41; X 129, 131; b) = *Chinês*: II 54.
 CIBELE: IX 57.
 CÍCERO, Marco Túlio — († 43 a. Cr.): V 96.
 CICLOPAS: II 90.
 CÍCONES: V 88.
 CILENEU.
 CILÍCIOS: III 72.
 CINÍFIO: VII 7.
 CINIRAS: IX 60; X 135.
 CINÍREA: IX 34.
 CINSURA: X 88, 125.
 CÍPRIA, Deusa: IX 18, 43.
 CIPRO: V 5.
 CIRCES: V 88; (Circe) VI 24.
 CIRO († 529): X 48.
 CISNE: X 88.
 CITERA, Ilha ao sul da Morea, que os italianos chamam «Cerigo»: I 100; V 5.
 CITEREA: I 34; IX 53, 57.
 CLEONEU, Leão: IV 80.

- CLEÓPATRA, rainha do Egipto († 30 a. Cr.): III 141.
 CLICIE III 1.
 CLIMENE: V 7.
 CLÓRIS: IX 62.
 CLOTO: II 20.
 COCHIM, cid. na costa do Malabar, em 9º, 57': II 52;
 VII 35; X 13.
 COCITO: III 117.
 COCLES, Horacio — : X 21.
 CODRO: IV 53 (1-7).
 COELHO, Nicolau — : IV 82; V 32; VI 75; VII 77;
 VIII 88.
 COIMBRA: III 97.
 COLCOS: III 72; V 28.
 COLOFÓNIA (Colophon), cid. da Ásia Menor, na Lídia;
 V 87.
 COLUMBO (Colombo), cid. marítima da ilha de Ceilão:
 X 51.
 COMORI, Comorim, cabo: X 65, 107.
 CONCA (Cuenca), serra de — , na Castella a Nova: IV 10.
 CONGO: V 13.
 CONSTANTINO, V. Costantino.
 CÓRDOVA: VIII 24.
 CORI: X 107.
 CORIOLANO: IV 33.
 CORNÉLIO = Públio Cornélio Scipião: IV 20.
 CORVINO, Marco Valério — : VI 68.
 COSTANTINO a) C. Magno († 337), imperador romano: I 60; III 12; b) C. Dragades († 1453), imperador bizantino; talvez o Poeta se refira a este e não ao imperador romano, no passo acima indicado — I, 60.
 COULÃO, cid. da costa do Malabar, em 8º, 52': VII 35.
 COULETE, na costa do Malabar, X 55.
 CRANGANOR, cid. da costa do Malabar, em 10º, 14':
 VII 35.
 CREDULIDADE Deusa: IX 45.
 CRISTIANÍSSIMO: I 7; VII 6.
 CRISTO: I 7, 63, 102; II 6, 14; III 87, 109; IV 48, 62, 100; V 13; VII 3, 5, 10, 15; VIII 18; IX 15; X 95, 108, 111, 112, 117.
 CRISTÓVÃO (da Gama): X 96.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

- CTESIFÓNIO: II 113.
CUAMA (Zambeze); X 93.
CUNHA a) Nuno da C. (nascido provavelmente em 1487:
X 61; b) Tristão da Cunha: X 39.
CUPIDO a) II 42; IX 23, 44; b) Cupidos: IX 36.
CÚRCIO, Marco — : IV 53.
CUTIALE: X 59.
DABUL, ao sul de Chaul: X 34, 72.
DALMATAS: III 14.
DAMÃO, cid. da costa oc. da Índia, em 20°, 25': X 63.
DAMASCENO: III 9.
DANO: III 10.
DANÚBIO: III 11.
DAFNE: III 1; IX 56.
DARDÂNIA: III 57; VI 19.
DÁRIO, filho de Histaspes († 485): III 41; X 21.
D'ARZIRA: X 99.
DAVID, 2.º rei de Israel († 993): I 71; III 140.
DECANIS: VII 20.
DÉCIOS: IV 53.
DEDALEO: VII 51.
DÉLIO: V 91; VII 67.
DÉLIS: VII 20.
DELOS, uma das ilhas Cícladas: IX 53.
DEMÓDOCO: X 8.
DESERTA, Arábia — : IV 63.
DIANA: II 35, 113; IX 26, 91; X 89.
DINA: III 140.
DINIS, 6.º rei de Portugal († 1325): III 96; IV 17.
DIO, no GUZARATE, em 20°, 42': II 50; X 35, 60, 61,
62 (2-3), 64, 67.
DIOGO: VIII 94.
DIÓMEDES: II 62.
DIONE: II 21, 33; IX 36.
DITE: IV 80.
DÓFAR, na costa meridional da Arábia: X 101.
DÓRCADAS: V 11.
DÓRIS: I 31; V 53, 55; VI 20.
DOURO: IV 28; VI 53, 54; VIII 3.
DRAGO: X 88.
DUARTE, 11.º rei de Portugal († 1438): IV 51.
EBORENSE: III 107.

- EFIRE: IX 76.
 EGAS: I 12; III 35, 37, 40; Egas Moniz: III 36; VIII 13.
 EGEU: V 51.
 EGÍPCIO: II 53; III 9; IX 2; X 3, 43.
 EGÍPTO : IV 62; X 29, 37, 98.
 ELVAS: III 62; VIII 34.
 ELÍSIO: VIII 3.
 EMANUEL, V. Manuel.
 EMATIO: III 73.
 EMÓDIO: VII 17.
 EMPÍREO: X 81.
 ENCELADO: V 51.
 ENEAS: I 12; II 45; III 106; V 86, 94, 98; IX 91.
 ENÍOCOS, V. Heniocos.
 ÉOLO: II 105; III 8; V 15; VI 35.
 EOO: VI 38; VIII 84.
 EPICUREU: VII 75.
 ERICINA: II 18; IX 66.
 ERIMANTO: IV 80.
 ERINIS: VI 43.
 ERITREU: IV 63; VI 81; IX 2; X 52.
 ESCANDINÁVIA: III 10.
 ESPANHA: I 31; III 17, 19, 23, 103; IV 49, 53, 61; VI 56; VII 68, 71; VIII 26, 45.
 ESPANHOL: V 9.
 ESTÊVÃO (da Gama): X 63.
 ESTIGE: IV 80.
 ESTÍGIO: IV 40; VIII 11.
 ESTRABO: V 50.
 ESTREMADURA: III 61.
 ETÍOPE: V 32, 62, 76.
 ETIÓPIA: I 43; IV 62, 101; V 6; VII 61.
 ETIÓPICO: I 42.
 ETNA: VI 13.
 EUFRATES: IV 64; X 102.
 EURÍDICE: VII 29.
 EURISTEU: IV 80.
 EUROPA a) I 64; II 80; III 6, 17, 20; VII 12; VIII 5; X 92; b) person. mitol.: II 72.
 EUROPEU: VI 1.
 EUXINO, mar — : IV 83.
 ÉVORA: IV 3.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

- FADO: I 24, 28, 74, 75; VI 33; IX 86, 90, 92.
FAETON: I 46, 49.
FAETONTE (adj.): IX 43.
FALARIS: III 93.
FALERNO: X 4.
FAMA: II 58, 103; VIII 11; IX 45; X 19.
FARAÓ: III 140.
FARTAQUE, na Arábia meridional: X 100; o cabo deste nome fica em 15°, 30'.
FASIS: III 71.
FAVÓNIO: X 1.
FEACES: X 8.
FEBE: VI 18.
FEBEU: II 72.
FEBO: I 4, 56; III 20; IV 75; IX 53, 74, 91; X 86, 87.
FEDERICO (Barbaroxa) († 1190): III 87.
FÉLIX, Arábia — : IV 63.
FERNANDO 9.º rei de Portugal: III 138, 143; IV 1, 2, 7, 17; F. o Magno rei de Leão: IV 8 (?); Fernan González: IV 8 (?); F. o Católico, rei de Aragão: IV 57; filho de D. João 1: IV 52; F. de Castro, filho do vice-rei da Índia, D. João de Castro: X 70.
FERNÃO MARTINS: V 77.
FERNÃO VELOSO: V 30 (v. também Veloso).
FILIPE DE MENESES: X 104.
FILÍPICOS, Campos: IV 59.
FILIPO, pai de Alexandre Magno, († 336 a. Cr.): I 75; VII 54.
FILOMELA: IX 63.
FIRMAMENTO: X 89.
[FLANDRES] v. Frandes.
FLÉGON: V 61.
FLORA: II 72; IX 40, 61.
FORMIÃO: X 153.
FORTUNA: I 32; II 98; VI 15.
FORTUNADAS, ilhas — : V 8.
FRANÇA: IV 61; V 96; VI 56; VIII 26.
FRANCÊS: II 97; IV 24; VI 68; X 63.
FRANCISCO (de Almeida), vice-rei da Índia: X 34.
FRANDES (Flandres): VI 56, 68; X 49.
[FREDERICO] v. Federico.
FRÍGIO: I 98.

- D. FUAS: I 12; F. Roupinho: VIII 17.
 FULVIA: V 95.
 GABELO: V 78.
 GADITANO: II 55.
 GALATEA: VI 90.
 GALEGO: III 19; IV 10; VIII 9.
 GÁLIA: III 16; VI 56.
 GALO: VII 6; X 152.
 GAMA a) Vasco da Gama: I 12, 44, 84; II 16, 29, 70, 97, 103, 107; III 1, 3; V 99; VI 80, 93; VII 44, 46, 58, 59, 66, 73; VIII 56, 64, 76, 77, 80, 82, 84, 86, 88, 92, Vid. também Vasco da Gama; b) Paulo da Gama: IV, 81; VI 75; VII 73; 77; VIII 6, 11, 43; v. também Paulo da Gama.
 GAMBEIA, (Gâmbia): V 10.
 GANGES, (Ganges): IV 74; VI 92; VII 1, 17, 20; X 33, 105 (Gange), 118; 120, 121.
 GANGÉTICO: II 55; VII 19, 54; VIII 78; X 120.
 GARUNNA: III 16.
 GATE: VII 22.
 GEDRÓSIA: IV 65.
 GELANDA: VII 61.
 GEORGIANOS: VII 13.
 GERMANIA: VIII 37.
 GERMANICO: III 58, 86.
 GERMANO: III 88; VI 69; VIII 18.
 GERUM: X 41, 103.
 GIDÁ, na costa oc. da Arábia, em 21º, 27': IX 3; X 50, 99.
 GIGANTE: II 112; V 53, 61; VI 13, 78.
 GIL FERNANDES, de Elvas: VIII 34.
 GIRALDO: III 63; G. Sem pavor: VIII 21.
 GLÁFIRA: V 95.
 GNIDO: V 5.
 GOA: II 51; X 42.
 [GOADALQUIBIR] v. Guadalquivir.
 GONÇALO (da Silveira): X 93.
 GONÇALO RIBEIRO: VIII 27.
 GOTFREDO (Godofredo) (de Bulhão): III 27.
 GÓTICO: III 100.
 GRANADA: III 19, 100, 112.
 GRANADIL: III 114.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

- GRÉCIA: III 13; VII 54; X 19.
GREGO: I 3, 24; II 44; III 7; V 97; VI 19; VII 13, 77;
X 60.
GUADALQUIBIR: IV 9.
GUADIANA: IV 28; VII 70; VIII 3, 29.
GUARDAFU (Guardafui) cabo da África or., em 22°, 30'
de lat. boreal: X 97.
GUEOS: X 126.
GUIDÓ: III 87 (5-8).
GUIMARAES: III 31, 35.
GUIPÚSCUA: IV 11.
GUZARATES: X 60.
HÁRPIAS: IV 80; V 89.
HEBRÉA: I 53; IV 12.
HEITOR: X 60.
HEITOR DA SILVEIRA: X 60.
HELE: III 12; VI 63.
HELENA: III 140.
HELESPONTO: IV 23.
HELÍCONA (Hélicon): III 97.
HELIOGABALO († 222): III 92.
HEMO: III 12.
HENIOCOS: III 72.
HENRIQUE: o pai do primeiro rei de Portugal: III 25,
27; VIII 9; filho de D. João I: V 4; VIII 37; H. de
Meneses, natural de Lisboa, sétimo governador da
Índia: X 54; um cruzado alemão: VIII 18.
HENRIQUES, D. Afonso — ; IV 16.
HERCINA, montanha — : III 11.
HERCULANO: III 23; IX 21.
HERCÚLEAS, Colunas: IV 9.
HÉRCULES: VI 1.
HERMO: VII 11.
HÉROAS, cidade dos — : X 98.
HERÓSTRATO: II 113.
HESPÉRIA: (última) II 108; IV 54; H. última: II 108;
VIII 61, 69.
HESPÉRICO: III 99.
HESPÉRIDAS: II 103; V 8.
HESPÉRIO: V 8.
HIACINTINO: IX 62.
HIDALCAM: X 72.

- HIDASPE: I 55; VII 52.
 HIDÁSPICO: III 100.
 HIDRA: VIII 71.
 HIEROSÓLIMA: III 27; VII 6 (2-4).
 HIPERBÓREO: III 8.
 HIPERIÓNIO: I 59.
 HIPOCRENE: I 4.
 HIPÓTADES: VI 37.
 HIRCÍNIA, Montanha: III 11.
 HISPALICO: VIII 20.
 HISPANO: II 97; III 53, 101; IV 61; VII 25; VIII 3, 93.
 HOMERO: V 96, 98.
 HUNO: IV 24.
 IBERINO: VI 48.
 IBÉRIA: IV 54.
 IBERO: III 60.
 IDÁLIO: IX 25.
 IDASPE ver Hidaspe.
 IDELA: II 35.
 IGREJA: VII 7.
 ILÍRICO: II 45.
 ÍNDIA: I 31, 32, 40, 52, 64, 70, 96, 97; II 46, 63, 70
 (2-6), 80, 101; IV 65, 101; V 34, 69; VI 6, 93; VII 31,
 51, 60; IX 1, 39; X 27, 37, 58, 66.
 INDIANO: I 74, 97; VI 32.
 ÍNDICO: VII 1, 18, 66; IX 3; X 10, 63.
 INDO a) rio: I 32, 52, 95; II 47; IV 64, 74; VII 17, 25;
 X 33, 105, 118; b) = Índico: I 55.
 INES (de Castro): III 120, 123, 132, 135.
 INGLATERRA: I 12; VI 42, 43, 54, 57, 67.
 INGLÊS: IV 47; VI 44, 47, 53, 58, 59, 60 (2-7), 65; VII
 5; X 152.
 IOPAS: X 8.
 IOS, uma das Cícladas: V 87.
 ISMAEL: IV 63.
 ISMAELITA: I 8; III 85; IV 100; VII 5.
 ISMAR: III 44.
 ISRAEL: IV 63; VI 81.
 ISTRO: III 12.
 ÍTACO: II 82.
 ITÁLIA: III 10, 100; IV 61; VII 8.
 ITALIANO: IV 24.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

- ITALICO: II 98; X 4.
 ÍTALO: X 152.
 JALOFO: V 10.
 JANO: VII 48; X 82.
 JAPÃO: X 131.
 JAPÊTO: IV 103.
 JAQUETE: X 106.
 JASQUE, cabo de —: X 105.
 JAUS: X 44.
 JESU: III 117; X 115; J. Cristo: X 108.
 JOANE=D. João I: IV 2, 12, 23, 25, 36, 37, 45; VIII
 37=D. João II: I 13; IV 58, 60, 66.
 JOÃO, 10.^o rei de Portugal: IV 3; VI 43; (v. também
 Joane).
 JORDÃO: III 27.
 JOVE: X 4.
 JUBA: III 77.
 JUDAICO: VII 39, 80.
 JUDEIA: III 27, 72, 86; IX 34.
 JUDITA: X 49.
 JULIANO (adject.): IV 49.
 JÚLIO (César) († 44 a. Cr.): IV 32.
 JUNO: V 15; IX 91; X 82.
 JÚPITER: I 23, 27, 30 (1-6), 37, III 106; VII 48 (J.
 Amon), 54; VIII 8; IX 91; X 7, 82, 83, 89.

 LACEDEMÓNIO: X 21.
 LACIO (adject.): V 97.
 LÁCTEO; Via Láctea: I 20; Caminho Lácteo: I 41.
 LAGEIA: VI 2.
 LAMBÉCIA: V 91.
 LAMO, na costa or. da África, em 2.^o, 13' de lat. austral:
 X 39.
 LAMPETUSA: I 46.
 LANDROAL (Alandroal): VIII 33.
 LAOS: X 126.
 LAPIA: III 10.
 LARA (LAR), cid. da Pérsia a 70 quilóm. do Golfo Pér-
 sico (*Dic. enc. hisp. amer.*): X 104.
 LARA, (condes de —): VIII 22.
 LARISSEA: X 1.
 LATINO: I 33.

- LATONA: II 89; IX 53, 62.
 LEBRE: VIII 71; X 88.
 LEIRIA: III 55; VIII 19.
 [LEONOR] v. Lianor.
 LÉPIDO, Marco Emílio — : III 136.
 LETEU: VIII 27.
 LEUCATE: II 53.
 LEUCOTOE: III 1.
 LEVANTE: II 4; V 61.
 LIANOR (Teles) mulher de D. Fernando: III 139; IV 6.
 LIAO, antigo reino da Espanha ocidental: III 19, 70; VI 56.
 LÍBIA: III 128; VII 48.
 LIBITINA: III 83.
 LÍCIO: II 27.
 LÍDIA: VII 11.
 LIEU: I 49; VI 14, 20.
 LINHA: III 71.
 LIOA, serra — : V 12.
 LIONARDO: VI 40; IX 75.
 LIONES: III 70, 89; IV 8; VIII 9.
 LIRA: X 88.
 LISA: III 21.
 LISBOA: III 57, 61, 88; VI 7; VIII 5, 18, 24; IX 16.
 LIVÓNIOS: III 11.
 LONDRES: VI 57.
 LOTARÍNGIA: VIII 9.
 LOURENÇO, filho de D. FRANCISCO DE ALMEIDA: X 27; S. Lourenço, ilha de — : I 42; X 39, 137.
 LUA: I 58; II 93; III 59; IX 48; serras da L.: III 56.
 LUÍS, IX, rei de França: VII 7.
 LUSITÂNIA: III 21, 82, 95; IV 6; VI 43; VIII 2.
 LUSITÂNICO: X 38.
 LUSITANO: I 1, 3, 6, 30, 33, 48, 50, 60, 73, 75, 83, 94; I 44, 50, 55, 58, 61, 69, 74, 97, 102, 104; III 2, 20, 26, 34, 42, 53, 99, 101, 118; IV 24, 41, 50; V 71, 95, 100; VI 2, 6, 48; VII 14, 24, 25, 26, 79; VIII 30, 35, 59, 69, 77, 84; IX 12, 18, 40; X 12, 51, 71, 107, 118, 138.
 LUSO a) person. mitol.: I 24, 39, 62; II 17, 103; III 21, 51, 95; VI 26; VII 2; VIII 2; b) = Lusitano: II 48; III 114; VII 45; X 18, 27, 44.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

- MACEDÓNIA: III 13.
MACEDÓNIO: I 75.
MAÇUÁ (em mapas alemães: Massaua), na costa oc. do Mar Vermelho, em 15°, 35': X 52, 97.
MADAGASCAR: X 137.
MADEIRA, ilha da —: V 5.
a) MAFAMEDE: II 108; III 113; IV 48; VIII 19, 47;
b) Mahamede: I 99, 102; II 50; c) Mahoma: VII 17;
d) Mafoma: II 108.
MAFOMA, v. Mafamede.
MAFRA: III 56.
MAGALHÃES (Fernão de —): X 140.
MAGNO (Pompeio): IV 32, 62.
MAGRIÇO: I 12; VI 53, 59, 62, 68, 69.
MAHAMEDE, v. Mafamede.
MAHOMA, v. Mafamede.
MAHOMETA: III 19, 89; IV 49; VII 24; X 108.
MAHOMÉTICO: VII 33; VIII 64.
MAIA: II 56.
MALABAR a) nome étnico: VII 21, 41, 45; VIII 10, 90; IX 3, 14; X II, 55, 59; b) nome de região: VII 16, 32; X 15.
MALACA: X 44, 57, 123.
MALAIOS: X 44.
MALDIVA: X 136.
MALUCO: IX 14.
MANELUCOS: X 32.
MANDINGA: V 10.
MANUEL, 14.º rei de Portugal († 1521): IV 66 (2-5), 75, 83; VIII 57.
MANTUANO: V 94.
MARATÓNIO: X 21.
MARCELO (Marco Cláudio): VII 71.
MARCIO: IV 39; X 19, 65.
MARCO ANTÓNIO († 30 a. Cr.): III 141.
MARCOMANOS: III 11.
MARIA a) mãe de Cristo: III 45; b) filha de D. Afonso IV de Portugal: III 102, 106.
MARIO: III 116; IV 6.
MARROCOS: III 103, 112; X 156.
MARTE: I 3, 5, 36, 75; II 37, 53, 69; III 12, 15, 30, 88.

- 95; IV 15, 25, 84; VI 56, 68; VIII 38, 89; IX 91;
X 22, 42, 67, 73, 89.
- MARTIM LOPES: VIII 23.
- MARTINHO = Martim Afonso de Sousa: X 67.
- MASCARENHAS: a) = Pedro M.: X 56; b) João M.:
X 69.
- MASCATE, na costa or. da Arábia, em 23° 37': X 41.
- MASSÍLIA: IV 36; V 6.
- MATEUS: VIII 24.
- MAUMETANO: VIII 81, 84, 88; IX 2, 8, 12.
- MAURITANIA: V 4.
- MAURITANO: III 20, 77, 99, 114; VI 83; VII 77;
VIII 1.
- MAURO: I 6, 76, 93; II 25, 68; III 53, 75, 80, 104, 123,
128; IV 8; VIII 17, 37, 77.
- MAVÓRCIO: VII 79.
- MAVORTE: I 41; II 50; III 89; VI 58; VIII 16.
- [MAZCATE] v. Mascate.
- MECA, na Arábia oc.: IX 1, 2, 4, 7; X 50.
- MECOM: X 127.
- MEDELA: III 32.
- MEDINA, na Arábia oc.: X 50.
- MEDITERRANO (Mediterrâneo), mar M.: III 6, 18.
- MEDUSA: III 77, 142; X 156.
- MELIAPOR, na parte or. da Índia: X 109.
- MELINDANO: II 74, 92, 97, 111; VI 2, 92.
- MELINDE, na costa or. da África, em 3°, 17' de lat. aus-
tral: II 57, 58, 70, 73, 94; X 39, 96.
- MELIQUE (isto é, Melique Iaz): X 61; Melique Iaz: X 35.
- MEM MONIZ: VIII 20.
- MEM RODRIGUES DE VASCONCELOS: IV 24.
- MEMNON: II 92.
- MEMNÓNIO: IX 51.
- MENAO: X 125.
- MENESES a) Duarte de M., 5.º governador da Índia;
X 53; b) Henrique de M.: X 54.
- MENFIS: IV 62.
- MENFÍTICO: VII 48.
- MEÓTIS: III 7.
- MERCÚRIO: I 40; II 61, 64; IX 91; X 89.
- MÉROE: X 95.
- MILCIADES († 489): V 93.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

- MINCIO, afluente do Pó: V 87.
MINERVA: III 97; VI 13.
MINHO, rio: VII 30.
MINIAS: IV 83; VI 31.
MIRALMOMINI: III 78.
MIR HOQEM: X 36.
MOBILE PRIMEIRO: X 85.
MOÇAMBIQUE, na costa or. da África: I 54, 77, 99, II 17; V 84.
MOÇANDÃO, cabo: X 102.
MOLOSO (por: Molosso): III 47.
MULUCA, (Molua) hoje Muluya (na transcrição inglesa), rio de Marrocos, que desagua no Mediterrâneo: III 105.
MOMBAÇA, na costa or. da África, em 4º, 5' de lat. austral: I 54, 103; II 56, 59; V 45, 84; X 27.
MONÇAIDE: VII 26, 28 (2-8), 46, 67, 68; IX 5, 15.
MONDEGO: III 80, 97, 120, 135; VII 78.
MORFEU: IV 68.
MOSCOS: III 11.
MOSCÓVIA: VI 95.
MOURA: III 62.
MOURO: I 16, 25, 56, 61 (2-7), 62, 69, 70, 72 (2-8), 73, 77, 82, 83, 86, 87, 89, 90, 91, 96, 97, 99, 101 (1-8), 102, 104; II 7, 9, 14, 16, 28, 29, 49, 50, 51, 54, 66, 70, 71 (1-8), 74, 100 (3-8), 101, 106 (2-8), 107, 108; III 42, 43, 44, 50, 62, 66, 67, 76, 78, 79, 84, 87, 90 (5-7), 95, 112, 115; IV 8, 55; V 9; VII 26, 28, 29, 42, 73; VIII 9, 11 (2-6), 16, 17, 20, 22, 23, 26, 48, 56, 58, 80, 81; IX 4, 6 (1-2); X 28, 43, 147, 156.
MOUSÉS (Moisés): X 98.
MUSA: I 3; III 97; V 99; VIII 87; X 6, 9, 22, 145, 155, 156.
NABATEU: I 84; IV 63.
NAIADES: III 56.
NAPOLES: IV 61.
NARSINGA: VII 21; X 14, 108, 120.
NAU (Constelação): X 88.
NAVARRA: VI 56.
NAVARRO: III 19.
NEMEIO, Animal: V 2.
NEMESIS: III 71.

- NEPTUNINO: I 58, III 15; IX 42, 49.
 NEPTUNO: I 3, 72; II 2, 47; III 51; IV 21, 84; V 11, 15, 51; VI 8, 13, 14, 15, 16, 21, 35, 36, 76; VIII 32.
 NEREIDAS: II 20; VI 8; IX 50.
 NEREU: I 96; II 19, 112; V 52; VI 20; IX 40.
 NERINE: II 20.
 NERO († 68 p. Cr): III 92.
 NHAIA (Pero da —): X 94.
 NICOLAU a) = S. Nicolau: V 74 b) Nicolau Coelho: IV 82.
 NILO: II 53; VII 7, 41, 61; X 33, 93, 95, 127.
 NILÓTICO: IV 62.
 NINFA: II 13, 33, 63, 99; III 2, 16; V 53, 57; VI 14, 20, 86, 87; VII 78, 81, 82, 84; VIII 50, 51; IX 32, 41, 47, 48, 70, 77, 82, 84, 85, 89; X 2, 6, 7, 8, 22, 39, 50, 73, 74, 143.
 NINO: III 126.
 NISA: I 31; VII 52.
 NISE: II 20.
 NOBÁ X 95.
 NOCTURNO: II 1.
 NOÉ: VII 75.
 NORONHA (Garcia de —): X 62 (1-5).
 NORTE, mar do —: VI 57.
 NORUEGA: III 10.
 NOTO: I 27; V 67, 73; VI 76, 90.
 NUNO (Alvares Pereira): I 12; IV 21, 31, 34, 36, 45; Nuno Alvarez (Pereira): IV 14, 24; VIII 32.
 OBI: X 96.
 ÓBIDOS: III 61.
 OCEANO (divindade): VI 20, 27.
 OCIDENTE (região): I 50; II 48.
 OCTAVIANO (César O. Augusto): IV 59.
 OCTÁVIO: V 95.
 OFIR: X 124.
 OGÍGIA: II 45.
 OJA, na costa or. da África: X 39.
 OLÍMPICO: I 17.
 OLIMPO: I 20, 35, 42; II 79, 112; IV 85; VI 7, 34; IX 90.
 ONFALE: III 141.
 ORFEU: III 1, (Orfeio) 2.
 ORIÁS: VII 20.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

- ORIENTE (região): I 15, 20, 30, 42, 50, 76; II 44, 51, 54, 79; V 68; VI 6, 32; VIII 57; X 132, 138.
ORIONTE: VI 85; X 88.
ORITIA: VI 88.
ORIXÁ: X 120.
ORLANDO: I 11.
ORMUZ, na entrada do golfo Pérsico: II 49; X 40, 53, 101.
OTOMANO: III 12; VII 4.
OURIQUE, campo de —, no distrito de Beja (?): III 42.

PACHECO (Duarte P. Pereira): I 14; X 12, 15, 16, 17.
PACTOLO: VII 11.
PADO: I 46.
PAFIA, Deusa: IX 60.
PAFOS: V 5.
PAIO CORRÊA: VIII 26.
PALAS: II 78; VIII 4; IX 91.
PALMAS, cabo das —, na África ocidental, nas costas da Libéria: V 12.
PALMELA: III 65.
PAM, na costa or. da península de Malaca: X 125.
PANANE, na costa do Malabar: X 55.
PANCAIA: II 12.
PANÓNIOS: III 11.
PANOPEIA: VI 23.
PANTEIA: X 48.
PARCAS: I 34; IX 38.
PARNASO: I 32.
PARSIOS: X 40, 104.
PARTENOPE cid.: III 19; person. mitol.: IV 61.
PATANE, na costa or. da penins. de Malaca, em 6º, 53': X 125.
PATANES: VII 20.
PAULO o apóstolo: VI 81; irmão de Vasco da Gama: VII 73; VIII 1; P. da Gama: IV 81; VI 75.
PEDRO o apóstolo: IV 13; VII 4; o 8.º rei de Portugal: III 133, 136, 138; IV 2; VI 43; P. I de Castela: III 136; filho de D. João I: VIII 37; o conde D. P., governador de Ceuta: VIII 38; P. de Sousa: X 104.
PEGU, na Índia transgangetica: X 122.
PELEU: V 52.

- PENO: III 116, 141.
 PEREIRA (Nuno Álvares P.): IV 30; Pereiras, os irmãos de Nuno Alv. P.: IV 40.
 PERILO: III 39.
 PERIMAL: VII 32, 33; VIII 82; v. também «Saramá».
 PERINEU (Pirineu): IV 57; VI 56.
 PERISTERA: IX 24.
 PERITO (Pirítoo): II 112.
 PERO RODRIGUES, do Landroal: VIII 33.
 PERSA: I 24; III 41; X 49, 68.
 PERSIA: IV 101; IX 58; X 100, 102, 103.
 PERSICO, Estreito: IV 64.
 PERSIO: X 102 (?).
 PETREIA, Arábia: IV 63.
 PIMENTA, ilha da — : VII 35.
 PINDO: III 2.
 PIRENE a) person. mitol.: III 16; b) = Pirineus: VII 71.
 [PIRENEOS] v. Perineu.
 PIROIS: V 61.
 PIRRIO a) filho de Aquiles: III 131; b) rei do Epiro († 272 a. Cr.): VIII 6.
 PLÍNIO (Caio P. Secundo): V 50.
 PLUTÃO: II 112.
 POLÓNIOS: III 11.
 POLICENA (Polixena): III 131.
 POLIDORO: VIII 97.
 POLIFEMO: V 28, 88.
 POMONA: IX 58, 62.
 POMPEIO: III 71.
 POMPÍLIO (Numa P.): VIII 31.
 POMPÓNIO (Mela): V 50.
 PONDÁ: X 72.
 PONENTE: X 138.
 PORO: VII 21.
 PORTUGAL: III 25, 46, 78; IV 3, 50; VI 51, 52; VIII 11, 22, 82.
 PORTUGUÊS: I 32, 50, 74, 82, 87, 90, 92; II 14, 23, 66, 75, 85, III; III 46, 50, 57, 70, 81, 112; IV 15 (1-7), 33, 38, 46, 56 (3-8); V 72, 97; VI 47, 58, 60; VII 3, 23, 28, 43, 45, 55, 66; VIII 22, 25, 32, 56; X 60, 67, 68, 104, 132, 140, 142, 152.
 PRASO (Prasso), promontório: I 43, 77.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

- PROGNE: III 32.
PROMETEU: IV 103; VI 11.
PROTEU: I 19; VI 20, 36; (Proteio) VII 85; X 7.
PTOLOMEU a) Cláudio P. (2.º sec. p. Cr.): V 50; b) Pt. Filadelfo († 247 a. Cr.): IX 2.
QUEDÁ, no oriente da península de Malaca, (a cidade antiga) em 5º, 44': X 123.
QUILIMANCE: X 96.
QUILOA (em mapas ingleses Kilwa), na costa or. da África, em 9º, 30' de lat. austral: I 54, 99; V 45; X 26.
QUIMERA: VII 47.
QUINTO FABIO: X 21.
QUIRINO: IX 91.

RAMNÚSIA: V 80.
RAPTO: X 96.
RÉGULO: IV 53.
RENO: III 11, 16, 58.
REPELIM, na costa do Malabar: X 65.
RIFEIOS, montes: III 7.
ROÇALGATE (em mapas ingleses, Ras-al-Hadd) cabo da Arábia, em 22º, 30': X 101.
RODAMONTE: I 11; II.
RODANO: III 16.
RODES: ilha a 15 kilom. das costas meridionais da Ásia Menor: IV 62; V 40, 87.
RÓDOPE: III 12, VII 29.
RODRIGO = Ruy Diaz de Bivar: IV 8.
ROGEIRO ou Rugeiro: I 11.
ROMA: III 22, 116, 126; IV, 6; VI 7, 30; VIII 6, 11; X 19, 68.
ROMANO: I 24, 26, 33, 75; II 44, 53; III 116; IV 20; V 94; VIII 36, IX 38; X 26.
RÓMULO: I 26.
ROXO a) mar R.: II 49; IX 3; X 62, 97; b) estreito R. = estreito do Mar Roxo = estreito de Bab-el-Mandeb: X 137.
RUI PEREIRA: VIII 34.
RUMES: X 62, 68.
RUTENOS: III 11.
SABÁ: X 52.

- SABEU: IV 63.
 SACRO PROMONTÓRIO (=cabo de S. Vicente): III 74.
 SALÁCIA: VI 16.
 SALADINO († 1193): III 87.
 SALAMINA: V 87.
 SAMARIA: distrito da Palestina, entre a Galilea e a Judea: VII 39.
 SAMATRA (Sumatra): X 124.
 SAMNÍTICO: VIII 15.
 SAMPAIO (Lopo Vaz de —), natural de Anciães: X 59, 61.
 SANAGÁ (Senegal): V 7.
 SANCHO a) S. 1 († 1211): III 75, 78, 85, 88, 89; VIII 20; b) S. 11 († 1248): III 91, 92, 94.
 SANTA CRUZ, Terra de —: X 140.
 SANTIAGO (Sant'Iago): III 113; IV 40; V 9.
 SANSÃO: IV 12.
 SANTARÉM: III 74, 78, 80; (Sanstarem) VIII 19.
 [SARA] v. Sarra.
 SARAMÁ Perimal: VII 32; v. também «Perimal».
 SARDANAPALO: III 92.
 SARMATAS: III 11.
 SARMÁTICO: III 10.
 SARRA: III 140.
 SARRACENOS: III 23, 42, 58, 74, 100, 110; IV 52; IX 6, 94.
 SATURNO: X 82, 89.
 SAUL, 1.º rei dos Israelitas († 1033 a. Chr.): III 111.
 SAXONES: III 11.
 SCABELICASTRO: III 55.
 SCEVA (Cassio Sc.): X 30.
 SCÍNIS (Sinis): III 39.
 SCIPIÃO a) Públio Cornélio Sc.: VIII 32; b) Públio Cornélio Scipião Emiliano: V 96; c) Scipiões: V 95.
 SCILA a) filha de Crateis: II 45; VI 24, 82; b) filha de Niso: III 32.
 SCITAS: III 9.
 SCÍTIA: III 128; VII 12.
 SCÍTICO: II 53; III 60, 73.
 SÊMELE: VII 52.
 SÊMICAPRO: V 27.
 SEMÍRAMIS: III 100.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

- SEQUANA: III 100.
SEQUEIRA (Diogo Lopes de —): X 52.
SERPA: III 62.
SERTÓRIO: III 63; IV 33; VIII 8.
SESIMBRA: III 65.
SETE IRMÃOS, montes —: IV 37.
SEVILHA, cid. da Andaluzia, junto do Guadalquivir: III 75; IV 46; VIII 24.
SIAO Estado da Índia transgângética: X 123, 125.
SICÍLIA: III 93.
SÍCULO: IV 62.
SIENE: III 71.
SILA († 78 a. Cr.): IV 6.
SILVES: III 86, 88; VIII 26.
SINAI: X 99.
SINGAPURA: X 125.
SINON: I 98.
SINTRA: III 56 (4-5); V 3.
SIQUÊM: III 140.
SIRACUSA, cid. da costa or. da Sicília, em 37°, 4': IV 72.
SIRENA: V 88; X 5, 45.
SIRTÊS: VI 81, 82.
SMIRNA, cid. do litoral da Ásia Menor, em 38°, 24': V 87.
SOAREZ (Lopo S. de Albergaria): X 50.
SOCOTORÁ, ilha fronteira ao cabo de Guardafui: X 137.
SOFALA, na costa or. da África, em 20°, 6' de lat. austral: I 54; V 73; X 94.
SOFENOS: III 72.
SOL: I 8, 21, 28, 42; II 5, 13, 63, 68, 72, 98, 100, 105, 110, 111, III 6, 107, 115, 133; IV 1, 27; V 2, 7, 26, 68, 77 5-7); VI 6, 4, 22, 60, 61, 85; VII 61, 68; VIII, 22, 50, 51; X 1, 86, 143.
SOLAR: II 96; VII 60; VIII 87.
SUAQUEM nas costas da Núbia, em 19°: X 97.
SUÉCIO: III 10.
SUEZ: IX 2; X 98.
SUMANO: IV 33.
SUNDA: X 134.
TAGIDES: I 4; V 100.
TANAIS: III 11.

- TANGERE** (Tânger), cid. de Marrocos, junto do estreito de Gibraltar): IV 55.
- TANOR**, cid. do Malabar, ao sul de Calecut: X 14.
- TAPROBANA**: I 1; X 51, 107.
- TARIFA**, cid. da Andaluzia, na parte mais meridional da Espanha: III 109.
- TARPEIA**: VIII 97.
- TARQUINO** (Tarquínio): III 140.
- TARRAGONÊS**: III 19.
- TARTÉSIO**: III 100.
- TARTESO**: VIII 29.
- TAUMANTE**: II 99.
- TAURO**: III 73.
- TAVAI**, na Birmânia, em 14°, ': X 123
- TAVILA** (Tavira): VIII 25.
- TEBANO**: I 73; III 18; VI 25; VIII 3; IX 91.
- TEBAS**, da Beócia: IX 19.
- TEJO**: I 14, 25; III 2, 42, 55, 58, 60; IV 10, 23, 28, 84; V 3, 99; VI 54, 60; VII 30, 61, 70, 78, 79, 82; VIII 4; X 10, 37, 144.
- TEMISTITÃO**: X 1.
- TEMÍSTOCLES** († 449 a. Cr.): V 93.
- TENIASSARI** (Tenasserim), na penin. de Malaca, em 12°, 7': X 123.
- TEOTÓNIO**: VIII 19.
- D. TERESA**, [mulher do conde D. Henrique] († 1130): III 25, 32, 34.
- TERMODONTE**: III 44.
- TERMÓPILAS**: X 21.
- TERNATE**, uma das Molucas, ao poente de Gilolo: X 132
- TESIFÓNIO**, v. Ctesifónio.
- TESEU**: II 112; III 137.
- TETIO**: V 91.
- TÉTIS** (Esposa do Oceano): I 16; III 115; IV 49; VI 36; VIII 74; IX 48, 89; X 75.
- TÉTIS** (Uma das filhas de Nereu e Dóris): V 55, 59.
- [TETUÃO]** v. Tutuão.
- TIBRE**: V 87.
- TIDORE**, uma das Molucas, ao sul de Ternate: X 132.
- TIESTES**: III 133.
- TIFEU** a) subst.: I 42; VI 13; b) adj.: IX 37.
- TIGRE**: IV 64; (Tigris) X 102.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

- TIMAVO: II 45.
TIMOR: X 134.
TINGE: III 77.
TINGITANIA: III 18.
TINGITANO: I 33.
TIONEU: II 12; VI 6, 26.
TIRINTIO: IV 55.
TITÃO: II 13.
TIRIO: II 95; IV 9.
TÍTIRO: V 63.
TITO († 81 p. Cr.): III 117.
TOBIAS: V 78.
TOLEDO, cid. da Castela a Nova, junto do Tejo: IV 10.
TOMÉ, apóstolo: X 108, 109, 113, 114, 115, 116, 118,
119.
TONANTE: I 20; II 41; VI 78.
TORCATO (Torquato): VI 68.
TORMENTÓRIO, Cabo — (=Cabo de Boa Esperança): V
50, 65; X 37.
TORO, na costa oc. da penins. do Sinai, em 28°, 12':
X 99.
(TORQUATO) v. Torcato.
TORRES VEDRAS: III 61.
TRACES: III 12; VII 13.
TRAJANO I 3; IV 64.
TRANCOSO: III 64.
TRANSTAGANO: III 72; IV 28, 45.
TREÍCIO: VIII 97.
TRITÃO: II 21; VI 16 (3-5).
TROIA: III 7; VIII 5.
TROIANO: I 3, 35; III 44; X 60.
TRUDANTE (Tarudant), cid. de Marrocos, em 35°, 40':
X, 56.
TUI (Tuy), cid. da Galiza, junto do rio Minho: III 89.
TURQUIA: I 62; 64.
TURQUIA: VII 12.
TUTUÃO: IV 34.
ULCINDE: X 106.
ULISSEA: IV 84.
ULISSEU: III 58, 74.
ULISSES: II 45; V 86; VIII 5; X 24.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SÁ DA COSTA

- UNGARO: III 28; VIII 9.
UNGRIA: III 25.
URSAS: V 15.
VANDÁLIA: III 60; VIII 20.
VANDALOS: IV 9, 46.
VASCO DA GAMA: I 44; V 94; VI 80; v. também «Gama».
VELOSO (Fernão —): V 31, 32, 34, 35 (1-3); VI 41, 42, 69; IX 69.
VENEZA: II 97; III 14.
VENUS: I 33; III 106; V 5; VI 91; VII 15; VIII 64; IX 43, 49 (2-8), 50, 52, 83, 95; X 83, 89.
VERDE, Cabo — , na África oc., em 14°, 45' de lat. boreal: V 7.
VÉSPERO: III 115.
VESTA: VI 21; IX 85.
VIA LÁCTEA: I, 20.
VICENTE (S.): III 74.
VIRGÍLIO (Vergílio): V 98.
VIRIATO: I 26; VIII 6, 36.
VULCÂNIO: IX 35.
VULCANO: I 22, 68; II 37, 69, 106; V 51; IX 7; X 35.
XEREZ: VIII 34.
XERXES: († 465 a. Cr.): IV 23.
ZAIRE: V 13.
ZÉFIRO: IX 40, 61.
ZEILA, cid. da costa africana do golfo de Aden: X 50.
ZÓPIRO: III 41.

ÍNDICE

	<i>Pág.</i>
<i>Canto VI</i>	1
<i>Canto VII</i>	49
<i>Canto VIII</i>	89
<i>Canto IX</i>	141
<i>Canto X</i>	183
<i>Variantes da edição E de 1572</i>	265
<i>Índice dos nomes próprios</i>	269

AO V VOLUME

Corrija-se, p. 51 v. 10, *terrestre* para *terreste*; p. 56, v. 24, *porfias* para *perfias*; p. 102, v. 11, *vês* para *vê*; p. 113, v. 2 *Alcdçare* para *Alcá cere*; p. 159, v. 20, *rebela* para *revela*; p. 166, v. 12, *muitos* para *muito*; p. 167 v. 11, *saber* para *ser*; p. 180, v. 19, *varões* para *barões*; p. 221, v. 11, *bodas* para *vodas*. Nas pág. 170 o v. 20 e na p. 196 o v. 12 terminam por ponto final; tire-se a vírgula do fim do v. 21, da p. 258.

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA



LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORIA LISBOA